



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**PAULO ANCHIETA BARBOSA DE OLIVEIRA**

**EXPOSIÇÕES DE AUSÊNCIAS:  
O MUSEU SACACA E O NEGRO NO AMAPÁ**

**MACAPÁ-AP  
2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**PAULO ANCHIETA BARBOSA DE OLIVEIRA**

**EXPOSIÇÕES DE AUSÊNCIAS:**

**O MUSEU SACACA E O NEGRO NO AMAPÁ**

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amapá (PPGH-Unifap) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História. Linha de Pesquisa: Poder, Memória e Representações.

Orientação: Profº. Dr. Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior.

**MACAPÁ-AP  
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP  
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

---

O48 Oliveira, Paulo Anchieta Barbosa de.

Exposições de ausências: o Museu Sacaca e o negro no Amapá / Paulo Anchieta Barbosa de Oliveira. - Macapá, 2023.

1 recurso eletrônico. 153 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em História , Macapá, 2023.

Orientador: Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Memórias, Museus. 2. Museu Sacaca. 3. História do Negro no Amapá. I. Alves Júnior, Alexandre Guilherme da Cruz, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 981.16

---

OLIVEIRA, Paulo Anchieta Barbosa de. Exposições de ausências: o Museu Sacaca e o negro no Amapá. Orientador: Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior. 2023. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História . Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023

**PAULO ANCHIETA BARBOSA DE OLIVEIRA**

**EXPOSIÇÕES DE AUSÊNCIAS: O MUSEU SACACA E O NEGRO NO AMAPÁ**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE  
EM HISTÓRIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA –  
PPGH/UNIFAP**

**LINHA DE PESQUISA: PODER MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO.**

**Aprovada em: 29 de Abril de 2023**

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente e Orientador(a):

---

Prof. Dr. Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior (PPGH-Unifap)

2º Examinador(a) Interno(a):

---

Prof. Dr. Dr. Marcos Vinícius de Freitas Reis (PPGH-Unifap)

3º Examinador(a) Externo(a):

---

Profª. Dr. Dra. Aline Montenegro Magalhães (Museu Histórico Nacional)

**MACAPÁ -AP  
2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai Oxalá pela paciência e sabedoria ao me conduzir nos momentos de aflição e me tranquilizar quando pensava que estava tudo perdido, restabelecendo-me as forças quando imaginava que não haveria mais fôlego.

Ao meu orientador Dr Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior pelos ensinamentos, incentivo e por ter aceitado o meu projeto de pesquisa. Por ter me desafiado nas produções de trabalhos e ao meu crescimento como discente neste mestrado.

Cabe ainda a agradecer, de maneira muito especial, ao amor da minha vida, minha noiva Dra. Lia Cavalcante, que foi atenciosa, paciente e não mediu esforços para auxiliarme nas informações solicitadas, pois fez parte do corpo técnico do IEPA e do Museu Sacaca.

Aos meus familiares, irmãos Ligia Dayane Barbosa de Oliveira, Denislân Barbosa de Araujo. Aos meus filhos, Lucas Wilson Souza Oliveira, Paulo Victor Fernandes Oliveira e Paulo Afonso Oliveira Neto que foram apoiadores, compreensíveis e ajudaram-me a conciliar jornada de trabalho, família e mestrado, especialmente a minha mãe, Professora Maria Violante Barbosa de Oliveira, por toda compreensão, força dada e porque sempre acreditou no meu potencial. Ao meu pai, o senhor Paulo Afonso de Oliveira (in memoriam), que ao lado do nosso glorioso Deus, sempre esteve comigo, apoiando-me e fortalecendo-me quando mais precisei.

Ao meus cunhados, André Luiz Soares da Silva e Waldineide da Cruz Nunes, por terem vivido junto comigo esse mestrado e por terem sido incentivadores deste sonho. Aos meus irmãos de fé, do Terreiro Ilê Asé Ahossú Zó, em nome do seu dirigente, a pessoa do Vodunso-Ohunsi Obá Humbí (Alexandre Costa). Agradecer a Babá Oxalá, meu pai, meu mentor e mestre, dono de meu Orí; e a Obá Xangô, dirigente desta casa, pelo apoio e compreensão neste período dedicado ao mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Social-PPGH /UNIFAP, pelo acolhimento; ao coordenador do programa, Prof. Dr. Marcos Vinícius de Freitas Reis, e a todos os professores que fazem parte deste programa, que de forma direta ou indireta contribuíram significativamente, através das aulas, palestras e seminários para o fortalecimento das discussões deste projeto.

Aos amigos de turma do mestrado de 2020 pelos encontros, discussões, trabalhos, risadas, nervosismos, enfim, pelo apoio sempre recebido de cada um de vocês.

A Dra. Aline Montenegro Magalhães, por fazerem parte da minha banca de qualificação e de defesa deste produto final, por todos os ensinamentos, ajustes e contribuições para o melhor desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA, e seus gestores, principalmente as coordenações do Museu Sacaca que possibilitaram a minha pesquisa abrindo gentilmente as portas da instituição, em especial a equipe no Núcleo de Museologia - NUMUSEO, que sempre me apoiou no fornecimento das informações necessárias para o engrandecimento desta pesquisa.

Encerro agradecendo de maneira muito especial a Deus, aos Orixás e a toda espiritualidade de luz, pela força e energia emanada na finalização de mais essa etapa em minha vida. Minha gratidão.

## RESUMO

É notório, no meio social, as pessoas passarem por situações vexatórias no que tange às questões raciais. O Museu Sacaca é um ambiente que pode se tornar um grande colaborador na disseminação desses conhecimentos, bem como no que se refere às questões das religiões de matriz africana e, assim, ajudar no diálogo inter-racial no combate à intolerância e ao preconceito no estado do Amapá. Por isso, o objetivo desta obra é investigar a ausência de memórias, histórias e representações culturais referente ao negro e sua contribuição para a sociedade dentro do Museu Sacaca. Devido a esse fato, o presente estudo permite-nos problematizar: por que, no Museu Sacaca, não há nenhum tipo de ambiente ou ambientação que propague as expressões da cultura do povo negro e sua história no estado? Nesse sentido, a discussão teórica baseou-se em autores que fazem interface e defendem uma abordagem sobre a história, memória, representação, museus, cultura, expressões das religiões de matriz africana, intolerância religiosa, diálogo inter-religioso, a chegada do negro no Brasil e cultura negra. Dessa forma, busca-se enfatizar uma perspectiva humanista sobre tempo passado, presente, futuro, a relação do sagrado e do misticismo ritualístico. A pesquisa também terá atividade de campo no Museu Sacaca, realização de entrevistas com atuais e antigos gestores, bem como, com funcionários, pesquisadores e arquivos do Núcleo de Museologia, que subsidiará a análise interpondo os teóricos. A pesquisa justifica-se pela ausência das representações culturais dos negros africanos no Museu Sacaca, porque entende-se que o espaço possui portas abertas e pode tornar-se um difusor do conhecimento cultural afro-brasileiro, indagando-nos por que isso não está sendo realizado.

**Palavras-chave:** Memórias, Museus; Museu Sacaca; História do Negro no Amapá.

## **ABSTRACT**

It is notorious in the social environment that people go through vexing situations with regard to racial issues. The Sacaca Museum is an environment that can become a great collaborator in the dissemination of this knowledge, as well as with regard to issues of religions of African origin and, thus, help in interracial dialogue in the fight against intolerance and prejudice in the state of Amapá. Therefore, the objective of this work is to investigate the absence of memories, histories and cultural representations referring to black people and their contribution to society within the Sacaca Museum. Due to this fact, this space allows us to problematize why in the Sacaca Museum there is no type of environment or ambience that propagates the expressions of the culture of the black people and their history in the state? The theoretical discussion was based on authors who interface and defend an approach on history, memory, representation, museums, culture, expressions of African-based religions, religious intolerance, inter-religious dialogue, the arrival of black people in Brazil, black culture, emphasizing a humanist perspective, past, present, future, the relationship between the sacred and ritualistic mysticism. The research will also have field activity at the Sacaca Museum, conducting interviews with current and former managers of the museum as well as with employees, researchers and archives of the Museology Center that will support the analysis interposing the theorists. The research is justified by the absence of cultural representations of African blacks in the Sacaca Museum, because it is understood that this has open doors and can become a diffuser of Afro-Brazilian cultural knowledge, asking us why this is not being carried out. .

**Keywords:** Memories, Museums; Sacaca Museum; History of the Negro in Amapá.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Linha do Tempo do Museu Sacaca.....	51
Figura 2 - Imagens da Equipe do Museu Industrial e seu Administrador Drº Waldemiro Gomes.....	52
Figura 3 - Placa de Inauguração do Novo Espaço do Museu Sacaca e a Abertura da Exposição a Céu Aberto .....	59
Figura 4 - Encartes de Projetos do Museu Sacaca.....	65
Figura 5 - Construção da Casa Indígena Wayana Aparai.....	67
Figura 6 - Festa dos Povos.....	68
Figura 7 - Proposta Para Nova Placa .....	69
Figura 8 - Foto: Placa Atual .....	70
Figura 9 – Mestre Sacaca.....	71
Figura 10 - Exposição Arqueológica .....	75
Figura 11 - Exposição do Núcleo de Plantas Medicinais e Produtos Naturais.....	77
Figura 12 - Exposição de Botânica.....	79
Figura 13 - Exposições Zoológicas .....	81
Figura 14 - Exposição do Centro de Incubação de Empresas .....	82
Figura 15 - Exposições do Núcleo de Geologia e Recursos Minerais.....	83
Figura 16 - Exposições do Núcleo de Hidrometeorologia, e Energias Renováveis. NHMET .....	84
Figura 17 - Exposições do Núcleo de Entomologia Médica .....	85
Figura 18 Exposição do Monumento do Marabaixo .....	89
Figura 19 - Núcleo de Museologia - NUMUSEO .....	90
Figura 20- Exposição do Turé .....	93
Figura 21- Exposição de Indumentárias dos Orixás.....	95
Figura 22- Exposição de Cocares .....	98
Figura 23- Exposição do Sítio Arqueológico Caverna do Veado .....	100
Figura 24- Exposição da Ossada da Baleia Jubarte / Maloca.....	102
Figura 25 - Exposição Casa do Ribeirinho.....	105
Figura 26 - Exposição Casa das Parteiras.....	109

Figura 27- Exposição Casa do Castanheiro .....	111
Figura 28- Exposição Casa da Farinha .....	113
Figura 29- Exposição Casa Palikur.....	116
Figura 30 - Exposição Casa dos Wajãpis .....	119
Figura 31- Exposição Casa dos Wayana e Aparai.....	122
Figura 32- Exposição Barco Regatão .....	125
Figura 33- Proposta de Espaço Para a Construção da Casa do Quilombo .....	148

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Números de Visitante em 2018 do Museu Sacaca.....	63
Tabela 2 - Números de Visitante em 2019 do Museu Sacaca.....	64

## SUMÁRIO

Lista de Figuras.....	08
Lista de Tabelas.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
<b>1- CAPÍTULO - HISTÓRIA, MEMORIA E MUSEUS .....</b>	<b>16</b>
1.1- Relação História e Memória.....	16
1.2- Memória e Museus.....	34
<b>2- CAPÍTULO - MUSEU SACACA: HISTÓRIA E MEMORIA.....</b>	<b>51</b>
<b>2.1- Constituição do Museu Sacaca.....</b>	<b>51</b>
<b>2.2 - Visita Etnográfica ao Museu Sacaca, Memórias, Histórias</b>	<b>69</b>
<b>Representaçõesde um Museu a CéuAberto .....</b>	<b>69</b>
2.2.1 – Casa de Exposição Permanente.....	73
2.2.2 – Exposição Monumento do Marabaixo.....	86
2.2.3 – Núcleo de Museologia.....	90
2.2.4 – Exposição Sitio Arqueológico.....	99
2.2.5 – Exposição Ossada da Baleia Jubarte / Maloca.....	101
2.2.6 - Exposição Casa do Ribeirinho.....	103
2.2.7 – Exposição Casa das Parteiros.....	106
2.2.8 – Exposição Casa do Castanheiro.....	110
2.2.9 – Exposição Casa de Farinha.....	112
2.2.10 -Exposição Casa dos Palikur.....	114
2.2.11– Exposição Casa dos Wajãpi.....	117
2.2.12– Exposição Casa dos Wayana e Aparai.....	120
2.2.13– Exposição Barco Regatão.....	123
<b>2.3-Expondo Preconceito, Discriminação, Esquecimentos, Lembranças</b>	<b>126</b>
<b>Afrodescendentes e Religiosas.....</b>	<b>126</b>
<b>3- CAPÍTULO - AS CONTRIBUIÇÕES DO NEGRO NO AMAPÁ SUAS</b>	<b>133</b>
<b>HISTÓRIAS SUAS MEMÓRIAS .....</b>	<b>133</b>
3.1- O Negro e Suas Contribuições Culturais Para o Brasil e o Amapá.....	133
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>151</b>

## INTRODUÇÃO

As discussões aqui apresentadas versam sobre as memórias, histórias e representatividades presentes em um museu no estado Amapá, com ênfase nas representações da cultura negra lá encontradas ou ausentes. Este trabalho pretende demonstrar o quanto as instituições museais podem contribuir no combate à discriminação e à intolerância através das exposições das memórias e histórias difundidas nestes ambientes.

É perceptível a discriminação racial presente na sociedade brasileira, potencializada pelo desconhecimento das histórias africanas e afro-brasileiras. Apesar dos 20 anos da lei 10.639, de 2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história afro-brasileira nas escolas brasileiras, ainda há muito a ser feito; e entendemos os museus como lócus privilegiado quando se trata do ensino de história em espaços não formais.

Como proposta de pesquisa, este trabalho pretende discorrer a partir das histórias e memórias em museus e da ausência das representações culturais de matriz africana dentro da exposição a céu aberto do Museu Sacaca, localizado em Macapá-AP, porque considera-se como significativa a contribuição do museu na difusão dessa cultura a partir de suas representações, as quais podem ajudar, particularmente, no desenvolvimento de ações capazes de suplantar a intolerância religiosa na região.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar a ausência de uma ambientação que faça referências às memórias, histórias e representações culturais do negro dentro do Museu Sacaca. Para isso, estão sendo trabalhado, como objetivos específicos, o ato de produzir conhecimento científico que subsidie a escassez de informações existentes no museu sobre a história, a memória da presença do negro e das religiões de matriz africana no estado e suas contribuições para o Amapá. No decorrer da pesquisa, apresentarei uma proposta de formação adequada aos funcionários do Museu Sacaca acerca da cultura negra e de matriz afro-brasileira, como também, a busca de fatores por meio dos quais seja possível superar as ausências acima citadas naquele ambiente.

Para isso, foram realizadas revisões bibliográficas por meio da busca de palavras-chave, a saber: Memórias, Museus; Museu Sacaca; História do Negro no Amapá; bem como leitura de obras de autores, que se debruçaram sobre a temática. A metodologia, por sua vez, será de caráter quantitativo e qualitativo a partir de pesquisa de campo com funcionários

do IEPA e do Museu Sacaca, utilizando-se de entrevistas com perguntas abertas e fechadas.

Ao visitar o Museu Sacaca descobri que ele foi inaugurado no ano de 1999, usando partes das instalações do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA. O nome do museu foi escolhido devido ao fato de que dias antes da sua inauguração ocorreu o trágico falecimento do senhor Raimundo dos Santo Sousa, mais conhecido como Sacaca. Desse modo, o governador do estado na época, João Alberto Rodrigues Capiberibe, decidiu homenagear o Mestre Sacaca, dando o nome ao museu, antes chamado de Museu do Desenvolvimento Sustentável, o qual passou a ser denominado “Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável”.

Raimundo dos Santos Sousa, o “Sacaca”, foi uma pessoa muito conhecida pela população amapaense pelo seu vasto conhecimento em ervas, produzindo vários medicamentos fitoterápicos. Mestre Sacaca também foi o primeiro rei momo do Estado do Amapá e isso se perpetuou por 23 anos consecutivos. Foi também massagista do Esporte Clube de Macapá e um dos fundadores da União dos Negros do Amapá (UNA). Fundou o grupo da terceira/melhor idade e possuía um programa na rádio difusora de Macapá denominado Hora do Campo, onde ele transmitia algumas receitas para os ribeirinhos, pois aquele era o único meio de comunicação ao alcance dos povos amazônidas. Tudo isso era transmitido no programa aos sábados, que iniciava às 5:00h da manhã e terminava às 7:00 h.

No ano de 2002, o Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável passou por um processo de ampliação. Uma nova roupagem foi dada ao museu, o que deu maior ênfase em exposições relacionadas a temas da sociedade interiorana. Um espaço denominado “Exposição a Céu Aberto” foi colocado à disposição da sociedade amapaense, turistas e visitantes, onde o público pode encontrar a Casa do Ribeirinho, Casa das Parteiras, Casa de Farinha, Casa do Castanheiro, Casa *Palikur*, Casa Wayana/Aparai, Casa *Wajãpi*, Sítio Arqueológico Caverna do Veado, Barco Regatão, Praça das Etnias, Samaúma das Palavras, a Exposição de um Esqueleto de uma Baleia Jubarte, um Bosque do Açaí, uma Casa de Leitura, um Memorial Sacaca, uma Praça do Sacaca, Casa de Exposição Permanente, outra Temporária e outros. Porém, nenhuma exposição relacionada à memória ou às histórias das representações dos negros ou das religiões de matriz africana.

Em 2011, as atividades do Museu Sacaca, relacionadas a visitas do público ao seu espaço, foram paralisadas devido a um processo de necessária revitalização. Suas ações intensificaram-se como museu itinerante e suas exposições eram levadas ao público que as solicitassem. Mais uma vez, ele foi submetido a um processo de ampliação do seu espaço, reaberto em 2012 para a visita do público; novamente, sem nenhuma referência à cultura negra ou às religiões de matriz africana.

Em 11 de abril de 2017, por meio do decreto 1333, foi aprovado o estatuto do IEPA. Com isso, o Museu Sacaca passou a se chamar Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica Museu Sacaca, responsabilizando-se pela coordenação, orientação e execução de planos, projetos e programas que colaborem com o desenvolvimento dos setores de difusão científica e cultural do IEPA. Além disso, o Museu participa da orientação do Plano Museológico, que auxilia no planejamento estratégico, indispensável na identificação e vocação de um museu.

Desde então, o Museu Sacaca vem intensificando suas atividades com exposições de várias pesquisas de cunho ambiental e cultural já desenvolvidas no estado Amapá, bem como, ações educativas e atos pedagógicos com vistas à difusão de saberes existentes na Região Amazônica. Contudo, mesmo com as trocas de gestão e novos funcionários, é notória a falta de trabalhos e pesquisas que subsidiem a temática tratada neste trabalho para a exposição acéu aberto do Museu Sacaca, pois elas também contribuem e fazem parte da cultura amazônica da região.

Após perceber e incomodar-me com a ausência das memórias, histórias e representações culturais do negro no espaço dedicado à exposição do Museu Sacaca, estimei-me a pesquisar o que justificaria essa lacuna, posto que é um ambiente acessível à população e, por isso, pode tornar-se um propagador do conhecimento cultural afro-brasileiro, que faz parte da história do país e do nosso Estado.

Entretanto, esta pesquisa quando conclusa, almeja contribuir para que o Museu Sacaca amplie o conhecimento histórico e cultural sobre as representações das memórias e da história afro-amapaense, bem como, promova informações qualificadas à sociedade a fim de que possam servir como instrumento de pesquisa para funcionários, visitantes do museu e instituições em busca de dados sobre o tema. Com esse intuito, vislumbra-se um diálogo

intercultural capaz de suprir a carência existente sobre esse assunto, principalmente dentro dessa instituição. Assim, através do conhecimento exposto, ajudar no combate à intolerância, à discriminação, ao preconceito racial e religioso existente no país.

## 1- CAPÍTULO – HISTÓRIA, MEMÓRIA E MUSEUS

### 1.1 – Relação História e Memória

História e memória são coisas distintas, mas estão em constante diálogo. Essa proximidade é estudada por décadas e por vários autores que, no decorrer deste capítulo, dialogam através dos seus conhecimentos e pontos de vistas relacionados a esses temas. Desse modo, podemos enfatizar o papel importante que a história e a memória exercem na sociedade e no mundo. Um aspecto muito semelhante entre elas é que perpassam por uma fenda entre presente e passado, envolvendo-nos em uma consciência de tempo sem que tenhamos ideia do que é atual e antigo, perdendo-se a consciência de tempo.

Porém, não podemos esquecer que a história não é a memória e a memória não é a história. Percebe-se que a história pode se utilizar da memória, embora esta tenha suas prerrogativas, estando sujeita a falhas, a indefinições ou a permanentes reformulações de caráter distinto da história científica.

A história também poder ser concebida como uma narrativa da memória, pois ela acontece junto aos seres humanos e não distante deles. Não existe, então, história sem personagens e sem as percepções do indivíduo como alguém que compõe elementos fundamentais na constituição dessa história. Apesar dos vários campos que ela abraça, pode-se perceber a sua relação intrínseca com a memória, sobretudo quando fazemos referência à história oral e à história do tempo presente, como afirmam Ferreira e Amado (2006, p. 229):

Sabemos que a história do tempo presente, mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada: uma história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo, portanto, objeto de uma renovação sem fim. (FERREIRA E AMADO, 2006, p. 229).

A história está sujeita a renovações, mas no sentido de verificação do papel da história em revisitar a memória o tempo inteiro. A memória humana tem a capacidade de viajar no tempo, contemplando o passado e projetando-se o futuro. O ser humano tem a habilidade de manter viva e conservar a sua memória através de diferentes meios e, por vezes, busca rememorar informações esquecidas ou apagadas. Ele consegue acessar suas funções psíquicas entendendo isso como um retorno ao passado, podendo ser agradável ou doloroso, dependendo do contexto que está se tratando no momento, atualizando para

o presente as suas informações que é entendida como representação do passado. Nas palavras de Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, pág. 366)

Essas representações, ancoradas na memória, permitem que o ser humano faça uma viagem no seu interior, onde ele busca acessar informações e representações de passagens históricas que permitam o seu uso dentro do contexto tratado no presente. Esse contraponto torna-se passivo para se originar frutos a favor de novas pesquisas históricas científicas a serem usadas pelas gerações do presente no desenvolvimento de inovações para a sociedade e o mundo.

A memória é um elemento fundamental para a sociedade. Por meio dela podem ser formuladas e reformuladas identidades individuais e coletivas. Assim, as identidades individuais são influenciadas por alguns fatores como desejo, inibição, censura, interesse e afetividade. A identidade coletiva, por sua vez, recebe interferência de aspectos geralmente ligados aos conflitos sociais motivados pela ascensão ao poder.

Esse auxílio da memória ao presente, enquanto possibilidade de acessar, por meio dela, o passado, vislumbra várias alternativas de grupos coletivos a partir dos quais se originam toda uma configuração social que incorpora métodos, modelos ou modalidades de indivíduos, formando os grupos sociais e gerando uma conexão forte entre esses seres. Como afirma Chartier (1992, p. 217): “A história do tempo presente, em seus momentos culminantes, propicia uma reflexão essencial sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos que têm uma mesma formação ou configuração...”

Diante disso, convém observar a possibilidade de a história dialogar com a memória coletiva em movimento, na qual um grupo social determinado passa a reclamar a valorização e visibilidade, constituindo novas histórias que podem ser contadas por todos. Outro aspecto importante é a necessidade de refletirmos sobre a memória, seja ela individual ou coletiva de pequenos ou grandes grupos nacionais ou familiares, haja vista a influência mútua entre o que é vivenciado, aprendido e o que é repassado pelo patrimônio material e imaterial.

Vários grupos sociais se prevalecem da memória no curso da história, pois não estão ancorados na escrita. Dentre esses povos sempre existe um ser enigmático, um “historiador”, um memorialista, um contador que consegue repassar e construir uma imagem histórica do passado, tornando-se a memória da sociedade, tendo o importantíssimo papel de homem-memória dentro de determinado grupo. Neste sentido, Le Goff diz que:

Nestas sociedades sem escrita há especialistas da memória, homens-memória: "genealogistas", guardiões dos códices reais, historiadores da corte, "tradicionalistas", dos quais Balandier [1974, p. 207] diz que são "a memória da sociedade" e que são simultaneamente os depositários da história "objetiva" e da história "ideológica", para retomar o vocabulário de Nadel. Mas também "chefes de família idosos, bardos, sacerdotes", segundo a lista de Leroi-Gourhan que reconhece a esses personagens "na humanidade tradicional, o importantíssimo papel de manter a coesão do grupo" [1964/65, p.66]. (LE GOFF, 1990, p. 371).

A história é, então, como se fosse folhas de árvores, as quais, mesmo após caírem e ressecarem, continuam a ser folhas. Por mais que, com o passar do tempo, elas se tornem antigas e murchas, ainda são capazes de produzir sentidos aos grupos sociais. Assim foram vistos alguns anciões de grupos sociais antigos da idade média, em razão do seu prestígio na utilidade da memória, como destaca Le Goff (1990): “A Idade Média venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e úteis”.

Também há escritores que privilegiam a escrita, assegurando que ela se torna uma auxiliar da memória e da história, principalmente quando essa escrita contribui em um ambiente, um local ou está em destaque como, por exemplo: em placas de um museu, passando certas informações sobre o passado ou a peça artística.

Está aí uma questão fundamental: a letra como instrumento de memória. Não é sem propósito imaginar que as plaquetas de identificação de peças expostas em museus guardam certa semelhança com a solução encontrada por Buendía. Em museus ou no povoado de García Márquez, a escrita procura suprir a carência de memória. Mais do que isso, porque, diante das coisas, as palavras não são apenas informativas. (RAMOS, 2016, p. 64.)

Entende-se que, embora as letras e as escritas auxiliem as pessoas e procurem suprir uma carência, elas ainda dependem muito da memória para que a história seja bem esplanada. Isso porque, quando se expõe algo por meio da oratória, sem auxílio da escrita, a memória é bem mais trabalhada, pois o indivíduo precisa de um conhecimento diferenciado sobre o produto exposto para poder elucidar o que se rememora. No entanto, alguns autores, com o intuito de valorizar o termo história da memória, procuram distinguir da sociedade os termos, principalmente quando se trata da memória oral ou memória escrita. Sobre isso, Le

Goff (1990 p. 369) salienta que:

Pareceu preferível, para valorizar melhor as relações entre a memória e a história, que constituem o horizonte principal deste ensaio, evocar separadamente a memória nas sociedades sem escrita antigas ou modernas – distinguindo na história da memória, nas sociedades que têm simultaneamente memória oral e memória escrita, a fase antiga de predominância da memória oral em que a memória escrita ou figurada tem funções específicas; a fase medieval de equilíbrio entre as duas memórias com transformações importantes das funções de cada uma delas; a fase moderna de processos decisivos da memória escrita, ligada à imprensa e à alfabetização; e, por fim, reagrupar os desenvolvimentos do último século relativamente ao que Leroi-Gourhan chama "a memória em expansão".

Existem outras discussões que vão além, dando ênfase à memória como se fosse parte do corpo ou despertasse os nossos sentidos. Nesse despertar pelos sentidos, a ação da memória implica trazer lembranças através de combinação que o ser humano esteja acostumado a vivenciar ou vivenciou há tempos.

Baudelaire e Proust mostraram-nos como as memórias são na verdade parte do corpo, mais próximas do odor ou do paladar que da combinação das categorias de Kant; ou talvez fosse melhor dizer que as memórias são, acima de tudo, recordações dos sentidos, pois são os sentidos que lembram, e não a "pessoa" ou a identidade pessoal. (FREDERIC, 1995, p. 01).

O texto supracitado enfatiza o fato de que as pessoas não são capazes de lembrar ou recordar sozinhas os acontecimentos. Elas necessitam de estímulos que ocorrem através dos sentidos. São eles que, com suas combinações, proporcionam às pessoas o acesso à memória. Dessa maneira, os seres humanos são capazes de lembrar de algo e posteriormente reproduzi-lo de alguma forma.

Apesar da variação nos pontos de vista dos autores em separar a memória da história por diferentes fatores, isso se torna um tanto incoerente devido à necessidade mútua que uma tem da outra. Embora, por vezes, um termo trabalhe em uma linha científica equivalente da outra, não há uma separação entre produção de conhecimento ou ambiente onde se produz. Assim sendo, torna-se difícil cortar o laço existente entre a memória e a história, conforme apregoa Catroga (2001, p.65), : “Também não dá para desligar todos os fios entre memória e história, assim como é impossível entender que a história está livre das armadilhas mnemônicas.”

É perceptível como a memória e a história, nesse processo de produção de sentidos, correlacionam-se a outros seguimentos estudados, tais como: a oralidade, a escrita, a temporalidade, as artes, as músicas e as peças teatrais, relembrando e contando fatos que

vislumbram a satisfação da sociedade. Neste processo de satisfação, as pessoas são tocadas de forma que o sentimento gerado desencadeia a lembrança de um acontecimento vivido ou presenciado em sua história de vida. Essa recordação vem através do sentimento provocado naquele momento, motivando o sentimento responsável pelo acesso à memória, proporcionando ao ser humano uma viagem no tempo. Como afirma Le Goff, citando Boncompagno da Signa:

Foi escrito em 1235 o segundo tratado deste gênero, composto por Boncompagno da Signa, a retórica novíssima, onde a memória em geral é assim definida: "O que é a memória. A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos os presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas" [citado *ibid.*, p. 255]. (LE GOFF, 1990, p.390).

Observemos como a memória remete-nos e leva-nos a uma viagem ao passado de qualquer forma, fazendo-nos reviver a história e, por vezes, trazendo as lembranças para o presente. Por isso a memória não deixa de ser um elemento fundamental e essencial a um indivíduo, um povo, um grupo ou a uma sociedade. Como assevera Le Goff, (1990, p. 411): "A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. [J. Le G.]. (LE GOFF, 1990, p. 411).

Outro fato interessante quando se analisa a obra citada acima de Le Goff é que ele trata também sobre uma tipologia de memória voltada para o trabalho com grupos sociais, que é a memória coletiva, sem que eles percam a sua essência na história, procurando "salvar" o passado para que, com isso, gerações do presente e do futuro possam usufruir de toda a trajetória vivida pelo homem. Por essa razão, o estudioso considera a memória coletiva como um instrumento de poder. Em suas palavras:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990 p. 410).

A respeito da memória coletiva, Le Goff (1990, p. 410) ainda diz que: “A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos”. Pensando desse modo e trazendo essa citação para a construção deste estudo, reflete-se acerca dessa forma científica aplicada à história, que são “os documentos e os monumentos”, posto que este texto tem como foco principal uma discussão relacionada aos museus. Observa-se a importância que esses materiais denominados “documentos e monumentos” têm em uma instituição como os museus, cujo trabalho envolve peças antigas, exposições variadas da cultura, história, meio ambiente, pesquisas científicas e tecnológicas. Segundo Le Goff (1990, p. 462), “estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado; e os documentos, escolha do historiador.

Quando falamos de memória, quer se trate de história, passado, presente, futuro, documento, escrita, monumento e oralidade, todas essas informações fazem-nos refletir, uma vez que estão relacionados com o objeto de estudo da presente pesquisa, que são os museus, em especial o Museu Sacaca, localizado em Macapá, na capital do estado do Amapá. Nesse ambiente, tudo está representado em suas exposições, tanto nas exposições a céu aberto e museu vivo, quanto em ambientes nas quais estão postas de forma permanente.

É notório quanto a história e a memória tinham e têm sua importância no decorrer dos séculos para o mundo social, pois elas estão inseridas nesse processo de construção da sociedade humana e são bem abrangidas na historiografia. Para Le Goff em (1990, p. 387): “... a memória tinha um papel no mundo cultural, considerável no mundo social, no mundo cultural e no mundo escolástico e, bem entendido, nas formas elementares da historiografia”. Ainda sobre isso, acentua que:

Fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também à vida social. Esta varia em função da presença ou da ausência da escrita e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado, produz diversos tipos de documento/monumento, faz escrever a história, acumular objetos (cf. coleção/objeto). A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo (cf. ciclo, gerações, tempo/temporalidade). (LE GOFF, 1990, p. 419).

Na vida social o homem precisa ser partícipe da história e não apenas constatá-la. Não se muda o passado, mas se pode escrever um novo futuro para a história, estar-se nela

e também intervir no presente da realidade, a fim de que no futuro sejamos os sujeitos das ações culturais, políticas e históricas do mundo, visão associada ao que diz Paulo Freire (1996), ao afirmar que: “Nosso papel no mundo não deve ser o de quem simplesmente constata o que ocorre, mas também o que intervém como sujeito de ação.”

Segundo o autor, o homem deve ser introduzido no mundo da história, da cultura e da política, não para se adaptar, mas para originar mudanças e reinventar-se. Entretanto, ele só conseguirá isso através das tarefas iniciais e a constatação dos fatos históricos. Feito isso, ele terá capacidade para intervir na realidade e projetar para a humanidade um futuro mais digno mediante a produção de um conhecimento adequado à sociedade.

Na sociedade, os grupos precisam saber quem foram, quem são e para onde estão indo. A essas questões, tanto a história quanto a memória podem ajudar a descobrir qual é nossa posição no mundo. Com efeito, nosso conhecimento será mútuo e contextualizado. Dado que como diz Morin (2001): “Todo o conhecimento deve contextualizar seu objeto para ser pertinente; “quem somos?” é inseparável de “onde estamos?”, “de onde viemos?”, “para onde vamos?”. Interrogar nossa condição humana implica questionar nossa posição no mundo”.

Se o passado nos chega deformado, o presente deságua em nossas vidas de forma incompleta. Alguns vivem isso como um drama. E partem em corrida nervosa à procura daquilo que chamam a nossa identidade. [...] Outros acreditam que a afirmação de sua identidade nasce da negação da identidade dos outros. O certo é que a afirmação do que somos está baseada em inúmeros equívocos. (MIA COUTO, 109, p.14).

Nota-se que a memória, como uma interpretação do passado que ressignifica e reforça algumas identidades, tem o poder de manter uma harmonização interna entre grupos sociais, instituições e grupos religiosos; bem como, na defesa das fronteiras deles de uma forma a libertar os homens que não se identificam.

A memória onde se cresce a história, que por sua vez alimenta, e procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão do homem. (LE GOFF, 1990, p. 411).

É plausível a contribuição do autor no sentido de que a memória é onde cresce a história, da qual se alimenta e se serve do passado para alimentar o presente e o futuro, porque um dos papéis principais da história é dissolver a memória no corpo social no qual

ela brota ou surge. Por isso, a história vem estudar e cruzar a memória e acima de tudo cruzar essa memória com o local de surgimento dela, ou seja, o mundo social que ela é atribuída ou inserida. Nesse sentido, Cartier (2009, p. 217) diz que: “Enquanto a memória é tratada como produção vinculada às demandas existenciais das comunidades, a história é inscrita na ordem de uma reflexão crítica “universalmente aceitável”. Cabe, ainda, outro dizer de Ramos (2016, p. 90):

Os “lugares de memória” existem porque, no mundo contemporâneo, não há mais a rede mnemônica que havia nas sociedades tradicionais. Sem essa memória vivida no cotidiano, os processos de modernização criaram lugares para lembrar, já que o próprio existir em sociedade não carrega mais a potência da recordação coletiva e compartilhada.

Em algumas partes do mundo a palavra memória triunfou e passou a não ser utilizada como um meio teórico, mas sim como uma salvadora de conceitos principalmente para elucidar os museus, arquivos, bibliotecas, monumentos e patrimônios históricos antigos. De acordo com (Ramos, 2016, p. 94): “É verdade que a memória sempre foi imperiosa e provocadora. Mas, hoje, ela desnuda e trespassa mais do que nunca. Causa também arrepios, jogando alternadamente com a nostalgia e a inquietação.” Para além disso, o teórico explica que:

Enquanto a história criou o hábito de pensar sobre suas fontes e suas considerações, a memória encarrega-se de lembrar, com a crença de trazer ao presente o que se passou ou ainda se passa, a partir de certos valores que podem, ou não, reivindicar validade universal. (RAMOS, 2016, p. 94).

Entende-se, então, que o autor também vê a história com distinção da memória. Apesar de caminharem juntas, ambas possuem objetivos diferenciados. Isto torna-se mais claro quando ele afirma que a história pensa sobre suas fontes e considerações; e a memória, encarrega-se de lembrar e trazer para o presente aquilo o que passou ou o que estamos vivenciando no tempo presente.

Percebo, diante disso, uma grande abrangência da memória quando relacionada a alguns aspectos de grupos sociais, dos tempos, das percepções de passado, presente, futuro, da escrita e da oralidade, bem como, acerca das culturas transmitidas, realizando referência a partir da temporalidade. Porém, todos esses objetos de estudo citados, quando relacionados à história, são passíveis de críticas e autocríticas, principalmente por fazerem parte de um leque de conhecimento publicamente conhecido, estudado e orientado, suscetíveis à reflexão.

A história, sobretudo nas últimas décadas, trata a memória como objeto de estudo, como fonte para reflexões sobre o modo pelo qual as sociedades lembram, como documento sobre o papel das recordações nas várias dimensões da vida cotidiana, como a religião, a política, a família, a festa etc (RAMOS, 2016, p. 95).

Entendo que a história analisa criticamente o passado, estuda no presente vertentes históricas, analisa fontes e procura entender seus sentidos, tornando-se, dessa forma, um trabalho intelectual de restauração da memória devido ao uso das teorias como firmamento de pesquisas e estudos baseados nas interpretações do passado. No entanto, frise-se que não tomamos a história como uma área do conhecimento com a qual se glorifique o passado, mas da a partir da sua disposição na tentativa entendê-lo interpretá-lo.

Em virtude das suas características peculiares ao envolver fatos, memórias, testemunhos, indagações, grupos sociais e outras vertentes, a história possui um diferencial entre os outros conhecimentos científicos: ela abraça um processo de acumulação de informações que a ajuda no desenvolvimento coletivo ou individual da humanidade, tornando-se uma prática social que ocorre junto ao outro. Como diz Sarlo (2007, p. 35): “Não há, portanto, separação entre produção de saber e lugar onde se produz” [...].

Frente a isso, podemos dizer que a história não está isolada da vida humana. Ela é um elemento inserido diretamente nas condições das pessoas. Em razão disso, enfatizamos a sua constituição a partir de cada um de nós, e não por ocorrências do passado resgatadas pela memória. Por isso, a entendemos como uma ciência com a qual se investigue o passado dos seres humanos e toda a maneira de evolução, tendo o tempo como referência, apoiado em uma época, lugar, grupo social, cultura, acontecimentos, ou a um indivíduo em específico. Acerca disso, Ramos (2016, p. 102) apregoa que:

História e memória estão no mesmo terreno de construção de sentido para o tempo. Ambas são facas de dois gumes: cortam o presente e o futuro, ao mesmo tempo. A diferença estaria nos procedimentos que regem o uso dos cortes e nas maneiras de fazer as costuras.

De certa forma, a memória sempre estará pronta para se proteger de algumas lembranças, fazendo-nos enxergar um elo entre as gerações do passado e do presente, pretendendo sempre compreender, no presente, um fato originado no passado, dado tratar-se de um conhecimento que se embebeda das lembranças individuais de um sujeito ou mesmo de um grupo social, com o intuito de propor soluções capazes de auxiliar no prolongamento e na separação que referenciam as culturas dos povos. A memória relaciona-

se com a lembrança e o esquecimento, daí decorre sua funcionalidade em lembrar e rememorar um acontecimento, bem como, produzir lembranças para poder esquecer, pois nos é inerente a vontade de querer lembrar e esquecer. Nesse sentido, Ramos (2016, p. 102) diz que:

A memória, sempre pronta para se defender de outras lembranças, faz parte da própria existência de indivíduos e grupos sociais, apresenta soluções de continuidade e rompimento, fundamentais em qualquer configuração cultural. A história não está livre dessas vinculações, é preciso reconhecer.

Devemos ter em mente que nem sempre as lembranças são coisas boas, quando esporadicamente lembramos do trágico, do inconveniente, para que não ocorram mais, fatos esses que, por vezes, ficam em nossas memórias. Nessa perspectiva, a memória glorifica ou demoniza o passado, carregando um peso de julgamentos morais que se é lembrado, estando sujeita a mudanças com o decorrer do tempo, tendo interesses nas disputas atuais que podem ser de caráter político, econômico, social e cultural, dependendo das circunstâncias e do meio em que se vive.

Por outro lado, a memória pode ser compartilhada e é fruto de interesse social nem sempre explícito. Como podemos observar, ocorre em meio a grupos igualitários com interesse e envoltos nas relações de poder. Ela pode referenciar algo que você não viveu, porém você se identifica com o fato, já que ela pode ser coletiva ou, como foi citado acima, compartilhada; principalmente em um grupo que possivelmente você faz parte e interage cotidianamente. Assim sendo, a memória torna-se um compartilhamento de lembranças com viés voltado, sobretudo, ao poder; e a memória trata-se de uma tipologia de fonte e acervo a serviço da investigação da história em prol das mudanças na sociedade, no entanto, é importante lembrar que isso não é história em si, e sim memórias individuais ou coletivas.

O saber da história na atualidade, com sua precariedade conclusiva e sua vocação para a interdisciplinaridade, pode dar alguma contribuição a esse debate na medida em que a memória passe a ser tratada como manifestação de indivíduos ou grupos que se fazem em tensões sociais, com interesses nem sempre explicitados. Assim, a memória perde sua redoma de sacralidade e começa a integrar o campo de investigações sobre mudanças e permanências das sociedades. (RAMOS, 2016, p. 101).

Ao reviver o passado através da memória, o indivíduo ou os grupos sociais constroem as suas identidades e os seus parâmetros através do qual projetarão o futuro. Ela torna-se, portanto, um instrumento fundamental para garantir a edificação da história no meio social,

por isso entendemos que seja de suma importância a sua conservação.

O passado poderá contribuir tanto para a constituição da identidade, individual ou coletiva, quanto para a formação de nossos valores, ideais, princípios – desde que aceitemos que estes últimos sejam submetidos ao exame da razão e à prova do debate, em vez de querer impô-los simplesmente porque eles são os nossos. [...] O passado pode alimentar nossos princípios de ação no presente; mas nem por isso nos revela o sentido desse presente. O racismo, a xenofobia, a exclusão que hoje atingem os outros não são idênticos àqueles de cinquenta, cem ou duzentos anos atrás, não têm nem as mesmas formas nem as mesmas vítimas. A sacralização do passado o priva de toda eficácia no presente; mas a assimilação pura e simples do passado ao presente nos deixa cegos diante dos dois, e por sua vez provoca a injustiça. Pode parecer estreito o caminho entre sacralização e banalização do passado, entre servir ao próprio interesse e fazer exortações morais aos outros; e, no entanto, ele existe. (TODOROV, 2002, p. 207).

É inocência crer o tempo passado como um destino a reger o tempo presente, porque, contrariamente, o presente é capaz de se introduzir e se vincular a um hipotético passado, dando sequência ou propondo diferenças em relação ao que se tem ou ao que se deveria ter. Por essa ótica, a história tem a capacidade de ser conduzida por várias vertentes. Cada indivíduo ou grupo social tem a capacidade de direcionar suas histórias futuras conforme a sua vivência no passado e no presente. Vejo que os excluídos e oprimidos teriam vez e voz, abrindo um leque para a afirmação do multiculturalismo e/ou o multimemorialismo, assegurando a continuidade de algumas culturas e a difusão aos seus descendentes a partir de uma convocação legítima da lembrança no decorrer tempo. Para Ramos (2016, p. 107) esses temos implicam que:

O multiculturalismo pressupõe o multimemorialismo. Muitas memórias para a afirmação de muitas culturas, na medida em que as lembranças convocam legitimidades no decorrer do tempo. Assim afirma-se, de algum modo, alguma continuidade: se é mais ou menos aquilo que os ancestrais já foram e não deixaram de ser, porque deixaram descendentes. (RAMOS, 2016, p. 107).

A memória tem o hábito de apegar-se às heranças deixadas pelas ancestralidades, as quais são veladas ou reveladas. Por isso, o presente une-se ao passado. Sem a presença do passado no presente é como se a cultura não tivesse energia para se afirmar no tempo moderno. Segundo (Touraine, 2006): “Assim pensado, o multiculturalismo “exclui” a ideia de que a modernidade reina acima de todos os atores sociais, e igualmente a de que uma unicacultura seria capaz de responder às exigências da modernidade”.

Pensamos que a história, através da memória, possa revelar não só as bases de uma comunidade, mas também as tradições culturais ou de organizações sociais de vários tipos. Em resumo, refere-se ao desenvolvimento amplo das comunidades sociais humanas,

assim como aos acontecimentos, fatos e manifestações de atividades multiculturais dos seres humanos no passado como, por exemplo, a história do Amapá.

Já o processo de construção da memória implica em escolher entre os eventos e processos do passado que o indivíduo, ou um certo grupo, acha que deve ser lembrado. Ela torna-se seletiva, tendo em vista que por vezes o esquecimento é necessário, pois não conseguimos reter todos os conhecimentos, pois são diversos e o ser humano ainda não possuiessa capacidade mental de arquivar tudo o que se passa ou o que já se passou.

A memória faz um reconhecimento do passado que nos guia pelo presente, direcionando-nos para o futuro. Ela é uma das formas encontradas pelo ser humano de garantir a posição da história, ocorrida no passado, como objeto de estudo, diálogo e informação para as sociedades futuras de forma lógica e adequada, tornando-se uma tipologia de fonte a ser compartilhada por todos. Sendo assim, a discussão sobre o conhecimento da história e da memória nas academias não deve ser para amenizar a diferença entre elas, mas esse debate deve ser muito mais abrangente, pois envolve um leque de elementos dispostos a compreender e fazer relação entre passado, presente e o futuro.

Apesar de, eventualmente, notarmos um caminhar paralelo entre elas, existe uma fronteira que as separa na medida em que possuem meios e fins que não combinam, originando uma querela entre as duas e isso impulsiona os debates, estudos e pesquisas acadêmicas. Fazendo uma análise do discurso supracitado a partir do que menciona Ramos (2016, p. 103), quando afirma que:

História e memória, nesse sentido, até podem ser amigas: mas nem tanto, nem por muito tempo, na medida em que possuem meios e fins que não combinam. Em seus apetites pelo passado, história e memória até sofrem a sedução da via conciliatória, não é raro encontrar essa diplomacia, mas, nesses acordos, o que se vê é a diluição das fronteiras e a consequente mistura que passa a justificar sem argumentar, que afirma a diferença sem afirmar o direito à igualdade.

Dependendo das ligações, compreende-se na história um peso tanto maior quanto menor no matrimônio com a memória, porém sempre surge alguma diferença, por isso são constituídas as fronteiras. Assim, a história tem como uma de suas missões expor dificuldades, não só fundamentando os seus conhecimentos, mas como princípio ético de validação do ato de conhecer.

A memória, além de fazer um direcionamento ao passado, poderia proporcionar uma

união com um futuro desigual. Ela poderia, ainda, propor um livramento das ofensas, pois está livre para refletir e à disposição para reavaliar os parâmetros norteadores das acusações, as ponderações, as réplicas, as trélicas, as culpas e as punições.

Não se trata, portanto, de apenas inventariar contraposições entre história e memória. É preciso compreender que os usos do passado, configuram-se em muitas dimensões da vida humana, por meio de carências e suprimentos variáveis no tempo e no espaço, dependendo dos modos pelos quais os poderes estabelecem táticas e estratégias de negociação. Se hoje se percebe a distinção entre história e memória, não se podem ignorar questionamentos sobre os motivos e os motes dessa necessidade que antes não havia, até porque as noções de passado, presente e futuro ajustavam-se de outras maneiras. (RAMOS, 2016, p. 110).

Interessante a observação de Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007), quando afirma que o historiador também tem um papel fundamental quanto ao relacionamento entre a história e a memória, pois ele consegue direcionar parâmetros e funções para cada uma delas, fazendo com que entendamos algumas funções ou tarefas específicas de cada uma.

Cabe ao historiador a trabalhosa tarefa de “violiar memórias e “gestar a “História: As memórias nascem de uma relação consigo mesmo; a História nasce de uma relação com o outro, com a alteridade. As memórias, portanto, constroem identidades; a História violenta identidades para descobri-las diferentes internamente”. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 207).

Observar esses parâmetros de disputa e tensão expressos nas especificidades existentes entre a história e a memória ajuda-nos a compreender os trabalhos de autores, pesquisadores e estudiosos como parte de um empenho nobre para a construção e edificação de uma sociedade imparcial, da qual advenha bons frutos à humanidade.

Não cabe a nós fazer um julgamento desses parâmetros para identificarmos o que é certo ou errado, mas originar pesquisas e estudos que deem suporte técnico e científico a fim de orientar nosso presente, rumo a um futuro mais digno para toda a humanidade, no qual se amenize os erros, e no qual grupos sociais conquistem seus espaços com menos racismo, preconceitos e discriminação social. Com efeito, a história e a memória estarão contribuindo com igualdade social no mundo. Uma igualdade privada, em séculos, de parte da sociedade, cujas identidades vêm sendo esquecidas com o decorrer do tempo. Para Silva (2010, p. 01):

Não pode haver identidade sem memória (assim como lembrança e esquecimento) porque somente esta permite a autoconsciência da duração. [...] Por outro lado, não pode haver memória sem identidade, pois o estabelecimento de relações entre estados sucessivos do sujeito é impossível se este não tem *a priori* um conhecimento de que esta cadeia de sequências temporais pode ter significado para

ele.

Podemos dizer que a forma como o homem se entende enquanto pessoa, a forma como ele reage a determinadas situações ou várias formas diferentes como, por exemplo, do ponto de vista pessoal, emocional, social, político, efetivo ou ideológico, depende da sua história de vida, da sua carga temporal. A maneira como você se apresenta às pessoas tem a ver com a sua criação e seu modo de viver, um comportamento cuja realização está condicionada ao acesso de nossas memórias. Por esse motivo, enfatizo a importância da memória na história das pessoas e no seu desenvolvimento humano e social.

Contudo, cada ser humano é diferente um do outro. Cada um reage como melhor lhe convém. Assim sendo, há uma forma diferenciada nas atitudes dos indivíduos. Existe uma sucessão de eventos que possibilitam às pessoas agirem diferenciadamente, sendo esses eventos determinantes na história para a formação das pessoas, tendo-se em vista o papel da memória como fundamental na construção do indivíduo ou de uma identidade, com a participação essencial do tempo nesse direcionamento social.

No decorrer da construção deste trabalho, percebo uma variação de discursos diferenciados relacionando a memória como fator determinante na construção e reconstrução das identidades sociais das pessoas, tanto individual quanto coletiva e cultural, possibilitando estudos reflexivos e distintos de teorias clássicas, analisadas por vários autores, como afirma Silva (2010, p. 01), quando diz que:

Memória e Identidade são ideias centrais nas teorias clássicas das ciências humanas e sociais, presentes em reflexões de diferentes áreas e orientações teóricas como nas análises da memória e/ou da identidade por autores tão diferentes quanto Henri Bergson, Pierre Nora, Michel Maffesoli, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Gerard Namer, e Phillipe Áries, Norbert Elias, Paul Connerton, Erving Goffman, Stuart Hall, Paolo Montersperelli, Paul Ricoeur, entre outros.

Assim percebemos o quanto a história, a memória e até mesmo a identidade são estudadas no decorrer dos séculos por cientistas que procuram sincronizar esses termos com o tempo, em uma tentativa de estruturá-la em uma abordagem científica para as suas compreensões, como forma de apropriação do conhecimento.

É de nosso conhecimento os inúmeros tipos de memórias existentes. Por vezes, elas se tornam vagas, complexas e de difícil assimilação. Algumas, por suas complexidades, somem, desaparecem ou são destruídas, dando origem a um novo processo de surgimento

de outras memórias para reinventar e elaborar uma nova história, mais fundamentada e recomposta com força equivalente à antiga, sendo reconhecida por esse fato. O interessante nesse fato é que tais processos são reconhecidos tanto nas esferas individuais quanto nas coletivas, buscando a criação de marcas sólidas para a fortificação de sentimentos com a historicidade.

Contudo, percebe-se uma certa concordância quando analisamos o fato de que a memória passa por uma reconstrução contínua, que sempre irá atualizar o pretérito. Assim podemos dizer que a memória e história estão indissolavelmente ligadas, porém com caminhos diferentes, por isso existe essa grande questão em separá-las ou diferenciá-las para que tenhamos um melhor entendimento entre esses dois termos. Nesse cenário de divergência, Peter Burke (2000), explica que: a “explicação tradicional da relação entre a memória e a história escrita, na qual a memória reflete o que aconteceu na verdade e a história reflete a memória”.

O ponto culminante da história está nas narrações e descrições de amplos feitos, nas reflexões que ela propõe, como ciência decorrente das lembranças que a memória se utiliza para compor no presente algo que já se passou, deixando vivo esses ocorridos contribuindo e fortificando o futuro das sociedades humanas. Logo, o passado torna-se um meio de estudo no presente para direcionar o futuro, por vezes incerto.

É interessante analisarmos Bertone de Oliveira Sousa quando diz que: “Já no século XX, a virada historiográfica promovida pelos Annales mostrou-nos que a história é uma montagem de seleções e interpretações elaboradas pelo historiador, bem como, de condicionamentos socioculturais nos quais ele está inserido”.

Compreendemos o quanto é importante a figura do historiador na coleta e junção das informações que compõem os relatos e apresentações a serem perpetuadas por várias décadas, influenciando os grupos sociais, os indivíduos e toda cultura histórica de um povo ou uma nação, pois os temas históricos abordados por eles promovem uma perspectiva de cunho social e cultural, dando ênfase para as inter-relações entre o individual e o coletivo na difusão das competências, práticas, credos, representações e memórias.

Devido a algumas leituras para a construção desse capítulo, pude perceber que a memória é algo seletivo, nem tudo que se vive é gravado em nosso consciente. Por vezes,

para lembrarmos de algo, a memória precisa de estímulos que podem aparecer de várias formas como, por exemplo, através de um lugar, objeto, dados, fatos, ou relatos de coisas ocorridas no passado. Dessa forma, o historiador beneficia-se da memória para escrever a história, criando os possíveis relatos e escritos do que ocorreu no passado ou no presente.

Pensando desse modo, é admissível imaginarmos uma possível reconstrução ou reconfiguração da história, proporcionando-nos uma nova experiência histórica do passado através de uma rememoração, dando aos indivíduos a responsabilidade pela construção do seu universo, assim terão a capacidade de direcionar sua representação no tempo.

A história e a memória remetem-nos ao estudo e ao entendimento pelo qual comunidades e grupos sociais esquecidos vislumbram em seus espaços, reivindicando seus lugares que, por décadas, viveram como subalternos em meio uma sociedade que é preconceituosa. Que, além disso, discrimina, julga, ofende e assassina seus membros e faz de tudo para não os enxergar.

Nesse sentido, os termos memória e história correlacionam-se à medida em que a sociedade se constitui, grupos surgem e identidades formam-se. Assim, constroem-se e tornam-se relevantes para o processo de formação de novos grupos que no futuro irão popular o mundo e estarão inseridos em algum contexto historiográfico, com isso, terão suas próprias participações e experiências dentro da história.

Burke (2000) defende duas linhas de pensamentos, com as quais se entende o motivo pelo qual os historiadores são interessados pela memória. “Primeiro por ela ser uma fonte histórica e segundo, por ser um fenômeno histórico”. Deste modo compreendemos mais ainda porquê dessa relação muito íntima entre esses dois termos e o porquê de as academias enfatizarem bastante os estudos entre memória e história, pois há uma necessidade de saber a partir de que referências elas são estabelecidas, assim sempre se colocam em uma situação de competição gerando por vezes alguns conflitos sociais constantes não só entre elas, mas com as identidades também.

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (...). A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais. (POLLARK, 1992, p. 200-212).

Com a citação acima, percebemos um cruzamento da memória não apenas com a história, mas também com outro termo de estudo: a identidade. Termo esse que também pode ser estudado tanto a partir de grupos sociais quanto a partir da individualidade do ser humano, sendo assim elementos disputados no campo social como na política, na religião, lugares, territórios e outros.

Há uma multidão de motivos, uma multidão de memórias e lembranças que tomam difícil a valorização em relação à sociedade em geral e que podem ser a origem de conflitos entre pessoas que vivenciaram os mesmos acontecimentos e que, a priori, por terem elementos constitutivos comuns em suas vidas, deveriam sentir-se pertencentes ao mesmo grupo de destino, à mesma memória. (POLLARK, 1992, p. 200-212).

Isso posto, imaginamos a importância da história na investigação da origem de vários grupos, com os seguintes questionamentos: Como surgiram? Como agem? Como se relacionam? Como se desenvolvem? São perguntas que os amantes das ciências sociais não poderão de deixar de fazer, para que consigamos ter uma melhor compreensão das diversas sociedades existentes no mundo. Saber de onde viemos, para onde vamos e como vamos é uma peça-chave para o direcionamento social da humanidade e, ao revivermos a história através da memória, impulsionamo-nos a um futuro cheio de esperança, principalmente para indivíduos que são, diariamente, maltratados; mas que têm perspectivas de uma vida melhor, diferente de seus ancestrais que sucumbiram em sofrimento por não serem aceitos na sociedade por um jargão de motivos antes sociais. “Para a história, não são as memórias e identidades os pontos centrais, mas as suas respectivas representações nas experiências e expectativas de vida” (Stuart Hall, 2006).

De acordo com Diehl (2002, p.32): “O estudo da memória e da identidade constitui a chave de compreensão das perspectivas historiográficas que marcam os modos de pensar e reconstituir o passado na atualidade”. Temos, então, um autor que defende o pensamento de que a memória não deve ser reduzida à busca de informação sobre o passado. Para ele, a memória é mais que isso, porque tem a capacidade de destrinchar todo um processo de rememoração, direcionando estudos ao tempo passado.

Portanto, memória e identidade são fatores que, em conjunto, objetivam gerar unidade, organização, sentido histórico. Para isso, atuam, não raramente, no sentido de regular o comportamento social dos indivíduos a fim de evitar a fragmentação do grupo e manter a coesão em torno de referenciais simbólicas comuns. Estudar as sociedades contemporâneas à luz desses conceitos é importante na medida em que nos auxiliam a compreender como os agentes históricos se constituem e como constituem relações entre si em qualquer

sociedade. Estudar as identidades compartilhadas pelos indivíduos é esquadrihar o universo de significados que norteiam sua existência enquanto grupo social, instituição, comunidade, etnia, enfim, enquanto agentes da memória”. (SOUSA, 2008).

Analisando as discussões acima, ponho-me a encerrar esse capítulo dizendo que história e memória são elementos que vem sendo discutidos por várias décadas partindo dos conhecimentos científicos das ciências sociais, porém a memória vem se destacando com a chegada do século XX, pois percebemos outras ciências abraçando a causa da memória, permitindo-se a um entendimento como fonte e forma para a construção da história das sociedades

História e memória sempre caminharão de mãos dadas mesmo que seja por estradas diferentes, a história, por ser uma ciência, faz-se apaixonada pelos encantos oferecidos memória, isso faz crescer ainda mais essa união. Todavia, precisamos deixar bem claro que história não é memória e vice-versa. Uma completa a outra, mas ambas sentido totalmente diferente do ponto de vista acadêmico.

Enquanto a memória normalmente objetiva a uma valorização das lembranças, recordações e representações do pretérito; a história se deleita das ações executadas pela memória, mas é importante lembrar que a memória é falha e isso significa a impossibilidade de tudo ser lembrado, daí surgem as lacunas que embaralham os trabalhos dos historiadores ao recorrerem ao passado. Podemos dizer, então, que esse armazenamento da memória tido como lembrança não é confiável.

Por fim, compreendemos o quanto a história e a memória podem ser importantes para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa para todos os tipos de grupos sociais e o quanto essa relação duradoura ainda se prolongará pelo simples fato de que uma necessita da outra para continuarem a produzir conhecimentos científicos que auxiliem, através do passado, as gerações do presente e as gerações vindouras da sociedade.

## 1.2 – Memória e Museus

Pretendemos refletir os espaços dos museus e, no decorrer da análise, iremos apresentar o relacionamento existente entre museus e memórias, dando assim a possibilidade de uma melhor compreensão do nosso leitor a este trabalho.

Existe um leque de conceitos que podem definir os museus, porém, conforme o Instituto Brasileiro de Museu – IBRAM, baseado na Lei 11.904 de 14 janeiro, de 2009, que Institui o Estatuto de Museus, define-se esse espaço como:

Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (IBRAM, 2020).

Para o Internacional Conselho de Museu – ICOM, percebemos uma leve diferenciação quanto ao seu conceito de museu, segundo o qual:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição. (ICOM, 2020).

Com essas definições, podemos nos orientar quanto a uma perspectiva de criação de um museu e qual sua real função na sociedade, no entanto, esses conceitos vêm sendo discutidos por décadas e essa construção conceitual é variada. As opiniões a esse respeito são elaboradas de acordo com estudos, formulando novos padrões acerca deles.

Os museus não podem ser caracterizados apenas como meros locais de passeios e diversões. Precisam ter vida, não que seus acervos precisem se movimentar, mas precisam difundir seus trabalhos de forma a prender e fazer o seu visitante dialogar com o que ali está representado e exposto. O espectador precisa sentir-se partícipe das ações propostas a ele, sendo imprescindível a sua interação com o conhecimento que estão lhe propondo, para tanto, o momento tem que se tornar especial.

Os museus expõem algumas histórias dos locais onde estão instalados, suas culturas, artes, estudos, pesquisas, dados, literaturas. Esse material fica à disposição dos visitantes que se agradam por esse tipo de passeio, sendo ele por diversão ou por estarem à procura de conhecimento histórico científico.

O Brasil possui uma diversidade de museus que podem abrilhantar os olhos de quem procura, nas suas diversas áreas do conhecimento, tais como: artístico, ambiental, cultural, histórico e outros. Damos como exemplo o Museu Nacional, criado por Dom João VI no ano de 1818 a partir de um decreto, o qual, em junho de 2023, completará 205 anos. Atualmente, seu acervo é composto por milhares de peças que fazem referência à cultura e objetiva, em sua criação, o desenvolvimento da arte, ciência e a intelectualidade do Brasil. Destinado como um local para lazer e visitas turísticas, o museu está localizado na cidade brasileira do Rio de Janeiro.

Outro exemplo de museu que podemos fornecer, também localizado na cidade do Rio de Janeiro, é o Museu Histórico Nacional, criado pelo presidente Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa em 12 de outubro de 1922. O seu acervo possuía aproximadamente 258 mil peças, contudo, em 02 de setembro de 2018, após o horário de visitação, ocorreu um grande incêndio, em que 90% do acervo foi perdido e, junto a ele, uma grande parte da história do nosso país. É considerado um dos mais importantes museus históricos do Brasil. Sua extensão para visitação mede em torno de 9.000m<sup>2</sup> e seus ambientes fazem exposições temporárias de longas e curtas temporadas.

Já na avenida Paulista, em São Paulo, podemos prestigiar o Museu de Artes de São Paulo (MASP), cujo acervo é composto por cerca de 11 mil peças que variam entre esculturas, vídeos, pinturas, fotos, vestimentas e alguns objetos oriundos de outros continentes. Sua criação data-se no ano de 1947, tendo como criador e fundador o político brasileiro, jornalista, escritor e advogado o professor, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo.

Em Curitiba, podemos desfrutar do Museu Oscar Niemeyer, inaugurado em 2002 na presidência do senhor Fernando Henrique Cardoso, possuindo em sua estrutura cerca de uma dúzia de salas, expondo um acervo diferenciado, enfatizando itens que se destacam pelos seus *designs* que abrangem as artes visuais e arquitetura, com cerca de 7 mil itens no seu acervo e sua dimensão estende-se por volta de 35.000m<sup>2</sup>.

Localizado na cidade de Belém no Estado do Pará, temos o Museu Emílio Goeldi, que se diferencia pelo seu trabalho em expor e pesquisar itens envolvendo os conhecimentos das áreas das ciências humana e naturais acerca da região amazônica e sua cultura. O

interessante na organização institucional desse museu é que ele é ligado ao Ministério de Ciências e Tecnologias do governo federal e foi fundado em 1866, sendo assim o instituto mais antigo da Amazônia.

Ainda sobre a região Norte, precisamente na capital do Estado do Amapá, cito a cidade de Macapá, na qual temos o Museu Sacaca, localizado na Avenida Feliciano Coelho, no bairro do Trem, ligado ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológica do Amapá – IEPA, o qual tem por objetivo difundir pesquisas científicas oriundas do instituto e a cultura amazônica fluente no estado do Amapá.

Nota-se, então, pela diversidade museológica supracitada, a significativa importância dessas instituições para sociedade como um todo, pois a partir delas podemos direcionar e movimentar vários seguimentos sociais como o turismo, educação, a pesquisa, a gastronomia e a cultura, movimentando assim a história do passado no presente e reavivando a memória de uma região e seu povo. Ademais, as criações de espaços ditos museológicos são bastante antigas, onde nesses ambientes já se guardavam livros, pergaminhos, escrituras pinturas e uma variação de objetos antigos que hoje fazem parte da história e da memória de uma civilização antiga. Nos dizeres de Le Goff (1990, p. 375).

Os reis criam instituições-memória: arquivos, bibliotecas, museus. Zimrilim (cerca de 1782-59 a.C) faz do seu palácio de Mari, onde foram encontradas numerosas tabuletas, um centro arquivístico. Em Râs Shamra, na Síria, as escavações do edifício dos arquivos reais de Ougarit permitiram encontrar três depósitos de arquivos no palácio: arquivos diplomáticos, financeiros e administrativos. Nesse mesmo palácio havia uma biblioteca no II milênio antes da nossa era e no século VII a.C. era célebre a biblioteca de Assurbanipal em Nínive. Na época helenística brilham a grande biblioteca de Pergamo e a célebre biblioteca de Alexandria, combinada com o famoso museu, criação dos Ptolomeu.

Esses ambientes remetem-nos a uma viagem no tempo, onde quem se embesba das informações adquiridas faz uma transposição no tempo e no espaço, tendo a possibilidade de compreender um pouco da dinâmica cultural na qual o local ou região visitada foi envolvida no pretérito, fazendo assim um resgate da história e alimentando a sua memória para entender o tempo presente e suas características.

Observamos, portanto, uma grande quantidade de objetos ou acervos guardados pelos monarcas em seus palácios e moradias. Pertences que hoje se tornam elementos usados pela memória quando se ativa para desfrutar da história de um lugar, de uma cultura ou de um paladar, pois eles são um conjunto de “dados” que se acumulam, por isso fazem parte

também das culturas sem escrita, tornando-se parte da história e do cotidiano de um povo.

É pertinente esclarecer que a tradição antiga dos povos sem escrita e de memória coletivas a que me refiro são os grupos sociais que parecem se organizar e enfatizarem alguns critérios de grandes interesses na sustentação da sua existência, como afirma (Le Goff, 1990, p. 372), quando diz que:

Nas sociedades sem escrita a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem, o prestígio das famílias dominantes que se exprime pelas genealogias, e o saber técnico que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa.

Ao analisarmos os elementos supracitados, compreendemos que estão impregnados nas histórias e memórias dos povos, cujos elementos são representados e se fazem muito presentes em espaços de exposições e museus, exibidos através de acervos e peças antigas que contam um pouco da história de como essa sociedade viveu na sua época, além de como sua tradição e cultura são diferenciadas dos dias atuais.

Os museus vivem muito essa dinâmica cultural, pois são um lugar de representação histórica que ativa a memória de seus visitantes e turistas, visando alcançar a difusão de um conhecimento antigo ou até mesmo atual, com vistas ao bem-estar das pessoas e o estímulo a sua curiosidade para o tema em exposição ou que está lhe sendo explicado.

Seus leques de exposição podem ser diversificados, abrangendo várias áreas do conhecimento, não só as tradicionais histórias e culturas, mas também a ciência, tecnologia, saberes, antiguidade, modernidade, literaturas, arte, música, meio ambiente e outros, nutrindo a memória de várias fontes e se tornando algo imortal.

Diferente dos entendimentos de algumas pessoas, os museus não têm só as prerrogativas de evocar o passado e eternizar as recordações, outras atividades são vinculadas a eles, atividades que valorizam o seu ambiente, evocando e proporcionando aos seus visitantes novas experiências satisfatórias, tais como programas, projetos. Principalmente a área pedagógica são vinculadas aos museus, movimentando e despertando na comunidade escolar um novo modelo de ensinar e aprender uma educação não-formal, buscando proporcionar aos alunos uma experiência interativa fora das salas de aulas tradicionais, atiçando a curiosidade e a vontade de aprender através das práticas e visitas

nesses espaços.

A divulgação científica é uma prática social que vem sendo cada vez mais ampliada e desenvolvida e, nesse aspecto, os museus ganham destaque como locais de comunicação e de educação não-formal. Talvez em função do consenso em relação à importância e necessidade de experiências fora da escola, que realmente auxiliem na compreensão do conhecimento científico, o museu, a divulgação científica e a educação não-formal, pouco a pouco, têm se tornado, nos últimos anos e em especial no Brasil, objeto de maior número de iniciativas de investigação. (IBRAM, 2017).

É importante enfatizar que as questões educacionais somente passaram a ser prestigiadas dentro dos museus a partir do início do século XXI. Foi nesse período que o meio científico adentrou a esses espaços e, assim, contribuiu para que os museus desenvolvessem vários papéis interessantes dentro das suas instituições.

Desse modo percebemos o quanto os museus vêm mudando com o passar dos tempos. O desenvolvimento que o mundo vem sofrendo também é absorvido pelas instituições museológicas, as quais vão se adaptando a esse novo mundo e conseguem desenvolver meios atuais de trabalhar em seus conteúdos e exposições.

O desenvolvimento do mundo não deixou de afetar e causar mudanças no museu. A sociedade e seus diferentes componentes – a comunidade, a região, o Estado, a Nação etc. – colocam novas demandas para os museus. Para fazer frente a essas demandas, os museus desenvolveram, ativa e propositalmente, um processo interno de mudança e de adaptação. (SOFKA, 2009, p.02).

A história, a memória e os museus não devem travar confrontos com a evolução, mas sim andarem de mãos dadas em prol da sobrevivência de ambos, pois existe uma grande aproximação entre suas atividades e uma acaba por completar a outra, suprindo falhas que o tempo se encarrega de deixar, abrindo espaço para a cobrança que o desenvolvimento faz questão de realizar.

Imaginamos um museu não estático, mas em movimento, capaz de produzir quando é necessário, expor suas produções quando o momento for pertinente e conservar seu material para que no futuro outras atividades possam ser realizadas com ele, trazendo sempre à tona as informações do passado e do presente a fim de difundir todo um conhecimento resgatado da história através da memória.

O pré-requisito lógico que permite aos museus desempenhar seu papel atualmente é o amálgama entre as suas três principais funções, isto é, preservar, pesquisar e difundir conhecimento. Estas três tarefas não têm o mesmo valor e importância,

sendo cada uma delas uma condição para as duas outras a serem desenvolvidas. (SOFKA, 2009 p.02).

Com as informações acima, os museus têm um direcionamento ou pré-requisito responsáveis por conduzi-los nas suas atividades. Além de um bom plano museológico e um plano pedagógico, os museus devem sempre bater na tecla afirmativa de que eles precisam preservar, pesquisar e difundir o conhecimento científico que ali está sendo estudado, pois esses dados não podem ser guardados a sete chaves apenas para conhecimento de alguns. Existe uma sociedade que clama por saberes científicos.

O papel dos museus são tão importantes quando se trata de divulgações e informações que eles elaboram planos, projetos e atividades que ajudam a sociedade a compreender fatos ignorados pela própria história, ocultados ou distorcidos com o passar dos anos, a exemplo do preconceito e do racismo religioso, reproduzidos hoje em dia por parte da população em relação às religiões de matriz africana, cujos praticantes há muito sofrem, pois na época da colonização Brasileira a única religião “adequada” era o catolicismo.

Hoje em dia alguns museus já trabalham essas construções e mitos relacionados a essas religiões, tentando desconstruir anos de repressão, racismo e preconceito dentro das religiões de Matrizes Africanas. Nesse sentido, exposições são elaboradas, contações de histórias são realizadas, eventos e comemorações são propostas a fim de enfatizarem o propósito, característica, função, organização e objetivos dessas religiões, para que a sociedade conheça e entenda um pouco do sagrado do outro sem discriminação.

Podemos dizer que os museus estão contribuindo e fazendo o seu papel quando propõem saberes e fazeres, os quais ajudam a sociedade na formação social, educacional e cultural de um povo e suas tradições, deixando de ser apenas um espaço ou local onde se entulha coisas antigas e velhas sem serventia, para ser um lugar onde se desfrute do conhecimento histórico e científico.

Sem pesquisa no campo do Museu – para abordar o tema desta conferência – a função de coleta, registro e preservação seria incompleta e frequentemente impossível. Nem haveria qualquer conhecimento a ser difundido para o público. Na melhor das hipóteses, o museu seria uma coleção de objetos – talvez registrados, conservados e restaurados – mas não mais do que isso. Uma fonte ou reserva de conhecimento, mas sem utilização. Isto é algo que não desejamos hoje, algo que de forma alguma corresponde à ideia moderna de museu. Desejamos saber que objetos coletamos e por quê. Desejamos saber em que medida nossos objetos relacionam-se entre si e, mais que tudo, com o mundo à nossa volta – natureza e humanidade. E desejamos difundir o conhecimento que adquirimos

examinando os nossos objetos. Desta forma, estaremos aptos a colocar os resultados de nossas pesquisas à disposição da comunidade”. (SOFKA, 2009, p. 02-03).

Existe uma ânsia de pessoas que movimentam os museus para serem partícipes na construção coletiva do conhecimento e no envolvimento do que está sendo construído para ser exposto à sociedade. Não adianta apenas descobrir algo, é necessário propagar o que se descobre e as instituições museológicas modernas já estão cientes dessa lógica.

Lembramos que a memória e a história não estão fora desse novo contexto de desenvolvimento. O que seria dos museus sem as suas memórias? Apenas estamos vislumbrando um modelo jovem de se trabalhar esses dois termos, um arquétipo que vem ganhando força com esse novo mundo contemporâneo de várias mudanças, principalmente as tecnológicas.

São mudanças reais que nos permitem enxergar o futuro, mas sem deixar as velhas tradições esquecidas e empoeiradas no passado. Diante disso, penso que o papel do museu é unir o passado, presente e o futuro, no sentido de continuar conduzindo suas atividades com sabedoria, não se permitindo ficar esquecido e se tornar acervo de si próprio.

Quando pensamos em desenvolvimento para os museus, jamais podemos esquecer duas características importantíssimas: o pessoal e os equipamentos. Quando falamos em pessoal temos em vista técnicos realmente capacitados para exercer atividades específicas daquele local ou ambiente, pessoas que realmente tenham estudado e adquirido conhecimento científico e prático sobre o assunto que ali está sendo trabalhado. Quando me refiro a equipamento, discorro sobre as novas tecnologias que vão surgindo pelo mundo, as quais podem auxiliar e facilitar o trabalho dos técnicos que desenvolvem seu papel para manter viva a história e a memória dos museus.

Para isso os gestores dos museus precisam ter o mínimo de conhecimento na área, para que tenham subsídios, estratégias, planos, projetos, metas, objetivos, metodologias e noções do seu ambiente de trabalho, no intuito de se fortificar tecnicamente e ter um elevado poder de convencimento sobre seus superiores, para que ele os faça entender o quanto os museus necessitam acompanhar o desenvolvimento tecnológico e profissional do mundo.

Outro fato, não menos importante, que necessita de compreensão, está relacionado

aos recursos injetados nos museus. Órgão de fornecimento financeiro precisam ter em mente que os museus não são mais ambientes cheios de gôndolas, mostruários e prateleiras empoeiradas, são ambientes realizadores e fomentadores de pesquisas em várias áreas da ciência. Em consequência disso, fazem um trabalho de difusão dessa pesquisa para todas as comunidades acadêmicas e para a sociedade como um todo.

Os museus desse novo século tornaram-se não só comunicadores da história e da memória, perpetuando o passado no presente, como também se tornaram um grande ambiente de comunicação e difusão dos conhecimentos científicos através de suas exposições, apresentações, trabalhos pedagógicos, que buscam atrair os grupos sociais de visitantes, turistas, acadêmicos, professores e alunos das esferas municipais, estaduais, federais e até mesmo das instituições particulares de ensino, passando a não ser apenas um lugar de passeio e sim um ambiente que vislumbra repassar conhecimentos históricos, culturais, ambientais, científicos e até mesmo tecnológico a toda comunidade.

Uma sólida base científica é um pré-requisito para o preenchimento bem-sucedido das crescentes tarefas dos museus, para o seu desenvolvimento futuro, para a solução rápida e objetiva de vários problemas dos museus em toda a sua amplitude, bem como para a desejada qualificação do curador. (SOFKA, 2009 p.05).

Temos que ter ciência da importância de profissionais habilitados para desenvolver as diversas atividades propostas e executadas pelos museus, pois o espaço atende a uma variedade de público, eclético na sua escolha de atrativos e atividades. Daí a importância de um quadro de funcionários capacitados e com um leque de ideias que podem movimentar e atrair, cada vez mais, o público para dentro dos espaços museológicos. Com efeito, ele se tornará um espaço essencial para a sociedade humana.

Os museus são espaços difusores seletivos das memórias dos povos através do tempo etêm uma grande capacidade de se envolver e envolver os seus visitantes, fazendo com que eles se sintam partícipes dessa história do passado na contemporaneidade, fazendo uma junção dos tempos passados e presente. Dessa forma, os museus podem contribuir com o não esquecimento de culturas e tradições de povos tradicionais, patrimônios que estão ficando para trás, sendo deixados de lado e esquecidos.

A atitude patrimonial compreende dois aspectos essenciais: a assimilação do passado, que é sempre transformação, metamorfose dos vestígios e dos restos, recreação anacrônica; e a relação de fundamental estranheza estabelecida, simultaneamente, por qualquer presença de testemunhas do tempo remoto na

atualidade. (POULOT, 2006, p. 06).

Quando tratamos de museus e patrimônios é difícil não haver essa relação entre ambos, de assimilação do passado no presente, porque o que se é vivido hoje, no presente, tem a ver com situações criadas no passado, por isso, essa relação é muito forte entre esses dois termos, principalmente quando tratamos de patrimônios. Ele se reformula, pois, com o passar do tempo, tentando se adaptar a novos conceitos, vislumbrando novos horizontes e as suas contribuições de legitimidade de poder, afim de estar sempre tentando restaurar antigos vínculos para que não se perca essa conexão com as culturas e elas possam sempre perpetuar pelo tempo representando sua sociedade ou seu povo.

A ortodoxia museal descreve os efeitos positivos dos museus no espírito das reivindicações de abertura da segunda metade do século XVIII. Esses estabelecimentos permitiram, ao que tudo indica, a iniciação dos visitantes à alta cultura, até então reservada ao privilégio ou à riqueza. Em poucas palavras, eles divulgaram a cultura em condições semelhantes às que usufruíam seus proprietários ou detentores, legitimados pela tradição. A crítica, de inspiração ou de herança contra revolucionária - pelo menos no caso francês - , sustentava por seu turno a existência de uma desculturação: o museu alterava a cultura em nome da utilidades social e modificava as condutas legítimas sem deixar de permanecer estranho ao povo convidado a frequentá-lo. Seu encerramento, em última instância, a fim de restaurar o antigo vínculo ou, melhorar ainda, sua reapropriação pelos usuários legítimos, colecionadores e amadores, seria o único meio de suprimir essa perversão ideológica, possibilitando um renascimento cultural. (POULOT, 2006, p 10).

A meu ver não existe um renascimento da cultura, ela não pode renascer porque é umbem imaterial onde não se pode tocar, mas podemos senti-la, vivenciá-la e apreciá-la das diversas formas possíveis. Uma das formas possíveis de se fazer isso são as visitas aos museus com intuito de conhecer e viver um pouco das memórias culturais que existiram no passado. Como lugares que guardam as memórias, os museus nos permitem essa vivência e esse caminhar pelas culturas que vêm sendo carregadas pela história com o passar dos tempos.

Por isso, é importante enfatizar o papel de destaque inerente aos museus, para que não opercam o seu foco positivo e sua essência, as quais, a partir de suas aberturas e seus trabalhos conscientes, levam a cultura e o conhecimento para as diversas classe sociais, conhecimentos que antigamente eram destinados apenas às pessoas de classes sociais altas, com satisfatórios poderes aquisitivos, enquanto os mais desprovidos de influência, dinheiro e de uma baixa classe social eram excluídos de tais informações e conhecimentos.

É perceptível que após suas aberturas, os visitantes passaram a ter mais conhecimento cultural, havendo, com isso, uma equiparação na construção coletiva do conhecimento que antigamente era apenas privilégio de grandes autoridades e autarquias.

Essa consciência museológica vem abrindo espaços cada vez mais agradáveis para a difusão do conhecimento cultural e científicos, que deixam de ser restritivos e negativos, passando a ter efeitos em números positivos de visitantes e turistas, assim os museus tornam-se um desafio e parceiros no desenvolvimento cultural de uma sociedade.

Podemos dizer que os museus se tornaram hoje um espaço de representação da história e da memória de um povo, local onde essas memórias estão guardadas e muito bem representadas, acessíveis para desbravadores que queiram conhecer e se apropriar do conteúdo exposto nesse espaço cultural e de transformação do conhecimento. Daí Ramos (2016) dizer que: “O museu é um lugar de memória, mas não pode ser apenas isso. Se há o pressuposto do museu como espaço de reflexão, é preciso construir um lugar de história. Partindo das diferenças entre história e memória”.

Pensando nessa perspectiva de que os museus não são apenas depósitos de coisas antigas ou bricabraques, e que servem apenas para as visitas e compras de artefatos e artesanatos, podemos dizer que esses espaços fazem parte de uma temporalização moderna de grande representação do tempo, que viaja em suas exposições e reproduções do passado trazendo de volta toda uma história para ser vivenciada no presente, reconstruindo todo um cenário representativo de um fato. Os museus, são amplos e admiráveis expositórios que encantam e doutrina, que acionam o aprender histórico e cultural e dão inexprimível prazer de visitar o tempo.

Entendemos o museu não como um armazém de coisas velhas ou antigas, mas como um grande articulador de difusão de vários conhecimentos científicos, das artes e de artefatos que para alguns podem até não ter valor algum, mas para outros possuem valores imensuráveis, pois eles comungam de uma relação entre os tempos e as memórias, que não podem ser esquecidas, posto que fazem parte da cultura histórica de grupos ou de um povo e sua sociedade.

O museu articula relações entre passado, presente e futuro. Relações compostas pela temporalidade moderna, em sua subordinação à primazia do progresso e na sua fabricação do antigo como algo e ser ultrapassado. Ultrapassado, o artefato

perde seu valor de uso, mas pode ganhar o valor simbólico de coisa memorável, ao ser incorporado ao acervo de um museu”. (RAMOS, 2016, p.05).

Na composição dos acervos de um museu, várias peças podem ser incorporadas em uma organização expositiva, acervos de caráter valiosos dependendo do ponto de vista de cada visitante, pois a representatividade do objeto, o tempo de existência, seus antigos donos e outros detalhes como o material do qual foi feito, ou como foi armazenado, são fatores que constroem e dão valor a cada peça e lhe permitem um estudo mais aprofundado da existência desse objeto.

Toda a vida de um museu reside nas suas peças de acervos e exposições. Desde a sua chegada ao espaço, partindo para a sua catalogação, cuidados até ser apresentada ao público, todas passam por um processo minucioso de técnicas específicas com intuito de conservá-la o máximo possível de tempo no novo ambiente.

É preciso enfatizar que cada acervo faz parte de uma memória, a qual nos leva a uma história, a partir disso, ela pode ter várias vertentes e pode ser contada de diversas formas, trazendo o passado à tona no presente. Desse modo, percebemos a importância dos museus e seus acervos para temporização nos tempos atuais, pois existe nisso um trabalho que se é feito no presente, revivendo o passado, para o entendimento das gerações futuras. “Nessa perspectiva, pode-se afirmar: o museu é parte significativa da temporalização moderna. Em um museu que pretende ser histórico, o tempo é uma tentação de sentido”. (Ramos, 2016, p. 07). O qual, diz ainda:

A máquina museológica é polifônica não porque reverbera as várias vozes do passado, não porque é uma caixa de ressonância onde são amplificados os vestígios de outrora. O museu é máquina na medida em que se articula com uma suposta escuta de ecos do passado, do presente e do futuro, articulando a tentação do tempo moderno, em sua inevitável partição entre o que foi, o que é e o que será (ou poderá ser). (RAMOS, 2016; p.07).

Quando Ramos (2016) nos diz que os museus são máquinas polifônicas, entende-se que essa polifonia se sincroniza com os tempos, e esses tempos operam livremente nos espaços museológicos, trazendo vida a esses recintos, contextualizando a vida, cultura, a ciência e toda a memória e a história que ali exposta, tendo, assim, uma participação ímpar no presente, no passado e no futuro da sociedade.

Por isso a importância de se conservar os museus, suas exposições e seus acervos o

máximo possível, pois a herança que ele nos oferece é de grande valia socialmente e historicamente, uma herança que se não for bem cuidada o tempo é capaz de apagar e grupos podem perder suas raízes, suas culturas e suas histórias, prejudicando assim a construção de uma sociedade que se virá sem passado, sem memória e sem história, sem saber de onde veio, o que está fazendo e para onde vai.

Como será a compreensão de uma sociedade que não conhece sua história, o seu passado, suas representações? Como estudar e configurar uma sociedade ou grupo sem suas origens históricas? Será que o ponto de partida vai ser o presente? Por isso, não se pode perder as oportunidades que os museus oferecem, porque o conhecimento ali difundido proporciona um reconhecimento de si e de uma sociedade antiga e moderna capaz de uma evolução imensurável quando falamos em humanidade. É nessa perspectiva da história e da cultura humanitária que esses ambientes se sustentam e nos proporcionam uma viagem mental sobre os temas ali expostos.

A história das classes sociais, das tecnologias, e do meio ambiente, são exibidas através da construção realizada pelos diversos arquivos de memórias que os museus possuem, os quais, cada vez mais, vêm sendo adquiridos por essas instituições. A memória deve ser sempre preservada, não pode ser e nem deve ficar abstrata, precisa ser exposta, tocável, estudada e compreendida, para tanto, os museus têm um papel fundamental nessa construção do conhecimento, com isso a sociedade será bem mais contemplada.

A partir da premissa das memórias humanas existentes, as sociedades vêm se desenvolvendo com o passar dos tempos, pensa-se que cotidianamente o homem vem passando por um processo evolutivo, fato esse que pode permitir um esquecimento de suas raízes e cultura, mesmo porque as antigas gerações vão morrendo e os novos membros das sociedades crescem com uma visão diferenciada e por vezes possuem novas oportunidades de se relacionar e viver uma nova trajetória de vida.

Desse modo, é evidente a importância da perpetuação dos museus em preservar essa memória que, por vezes, é esquecida com o passar dos anos. Não se pode perder um conteúdo ou essa relação do homem com a sua memória e a sua natureza. Os museus, por suas constituições físicas, são instituições capazes de manter e estabelecer essas relações entre a história, memória e sociedade.

O homem se diferencia dos outros animais pela sua consciência, pelo seu credo religioso, pelo seu modo de viver. Ele é o produtor da sua história. Com o passar do tempo, deixa seu registro de memória para as novas gerações, pois tudo que um indivíduo se torna tem a ver com a sua trajetória de vida, por onde passou, o que conquistou e suas expectativas para o futuro, por isso dizemos que ele é um fabricante de sua própria existência. Com referências nessas trajetórias do homem, percebe-se a força que a sua existência possui e é o que o impulsiona dentro da sua massa produtiva social e lhe permite um não esquecimento dentro de um contexto histórico e cultural.

Percebe-se, com isso, a relação entre o homem e suas memórias e das memórias com as exposições museológicas, enfatizando cada vez mais uma relação positiva entre as memórias e os museus. Essa afinidade proporciona uma transformação no modo de se vivenciar o passado, que traz para o presente formas diferenciadas de perceber a história de um povo ou uma sociedade.

É pertinente insistir na ideia de que o botão que aciona os trabalhos evolutivos existentes nos museus depende, necessariamente, da maneira como o homem usa seus instrumentos na produção criativa na hora da concepção de novos espaços e ambientes expositivos dentro dos museus.

Podemos dizer que a produção realizada nos museus passa por um processo necessário de adequação, adaptação e avaliação para as novas formas de trabalho, sem deixar perder o seu foco fundamental de difusão do conhecimento que ali está sendo repassado e que se faz necessário com a evolução do tempo, pois se torna fundamental para o seu desenvolvimento e a sua transformação. Memória e Museu não devem ser consideradas forças independentes, necessitam permanecer extremamente unidas com o objetivo de propagar a história dos povos antigos, para que não haja um esquecimento das tradições e das culturas que até hoje fazem parte da humanidade e deram forma as suas origens.

Temos que ter em mente que o ser humano é o produtor da sua trajetória histórica e suas concepções, podendo ser condicionados pelo meio em que vivem. Eles têm uma força produtiva bem ampla e consciente dentro da produtividade no seu processo real de vida, tornando-se um ser ativo dentro das comunidades e isso gera conteúdo que pode ser expressado de várias formas artísticas dentro dos espaços museológicos.

Não se pode perder a concepção de que toda a representatividade dos museus são de origem histórica, ambiental, técnica ou científica, destiladas em uma variedade de expressões artísticas em suas exposições que não perdem as suas expressividades com a exibição de seus conteúdos, fazendo-nos pensar que o que está sendo exposto faz parte da consciência de um artista ou pesquisador que se apropriou da informação e, de uma forma lúdica, repassa o que absorveu, tornando-se um captador e produtor de conhecimento.

O homem tem em si suas experiências e lembranças, tudo isso dentro da sua memória que é filtrada ao ser propagada. Discute-se no presente, ações, experiências, feitos, e coisas ocorridas no passado. Desse modo, são gerados arquivos como: testemunhos, pesquisas, escritos, gravações e outros vários tipos de registros de memória que se tornam acervos e patrimônios dentro das galerias e exposições dos museus.

A memória, apoiada nos museus, é capaz de manifestar diversas expressões culturais, artísticas e históricas sociais dos povos existentes. Juntos têm uma capacidade de desenvolver e criar espetáculos oriundos do passado, do qual extraem o seu mel, deixando registradas as suas marcas na linha do tempo para as classes futuras, ajudando no desenvolvimento de uma nova sociedade e suas relações com o meio.

Podemos dizer que sua junção provoca uma elaboração de conteúdos determinantes para relação entre o homem, a sociedade, o conhecimento educacional e a história. Essa é uma relação produtiva, na qual a ciência não pode deixar escapar pelo simples fato do grau de desenvolvimento decisivo que esses dois fatores têm nessa relação, que deve permanecer homogênea com o passar dos anos. Consideramos essa aliança transformadora e sem conflitos entre si, com uma perspectiva positiva quando se trata de difundir conhecimentos por meios museus em suas ações museológicas educacionais e produtiva.

Essa relação produtiva satisfaz vários seguimentos da nossa sociedade, seguimentos esquecidos pelo poder público. As atividades de um museu podem garantir conhecimento técnico e científico, satisfatório ao bem estar do homem. Ao receber um visitante ou um turista, essas pessoas já movimentaram e movimentarão uma cadeia produtiva econômica geradora emprego e renda nas diversas categorias envolvidas, como por exemplo: os guias de turismo, monitores locais, os motoristas de transportes. Se pertencerem a outro estado ou cidade, beneficiam a hotelaria, pois precisam se hospedar, assim favorecem também o setor

gastronômico frente a necessidade de se alimentar, além de agências de viagens e outros seguimentos produtivos da economia, principalmente os envolvidos com as questões turísticas.

Percebemos, com as informações supracitadas, a importância das atividades museológicas não só para dentro dos museus e seus patrimônios, mas também para toda cadeia de força de produção que envolve a sociedade e sua rentabilidades.

Dependendo de como se exhibe uma exposição nos museus, podemos dizer que essa amostra retrata uma memória coletiva ou individual. Nesse contexto, tudo irá depender de como está sendo difundida a informação, de onde ela vem e o que a história representada está querendo nos repassar e/ou evidenciar. Os patrimônios existentes nos museus têm sua representatividade evidenciada por sua participação no modo de viver dos povos e no acultamento de suas sociedades, o que vai lhe representar por parte de sua vida dada a sua representatividade histórica e social.

As tradições, os costumes, algumas regras, músicas, a culinária e o folclore são fatos sociais que se tornam um patrimônio imensurável para determinados povos e fazem parte de uma memória coletiva, tornando-se assim corriqueira e comum entre grupos fechados. Porém, essas mesmas denominações são diferentes quando o grupo social tem uma outra história ou um outro modo de viver, criando uma divisão social e cultural entre os diversos povos. O interessante, nesse fato, é o poder de explanações que os museus possuem quando se trata das culturas e tradições dos povos. Podemos notar nas exposições uma fartura de conhecimentos diferenciados que fizeram e fazem parte de determinadas sociedades, além disso, o quanto são importantes na construção social daquela região ao retratar, através de seu acervo, a história e a memória construídas por eles com o passar do tempo.

Porém, não podemos deixar de mencionar o quanto alguns povos são esquecidos, processo em que suas memórias passam por um apagamento que, por vezes, desconstrói toda a sua história. Nessa trajetória, é perceptível o fator colonialismo impondo esse esquecimento, principalmente quando se menciona o sofrimento, o abandono, a dor e a resistência do povo negro do nosso país.

Em uma visão ampla da existência dos museus no Brasil, percebe-se o quanto existe uma ausência de uma história que abrange a construção do Brasil referenciando a luta, a

trajetória e a religião trazida pelos negros quando vieram do continente africano. O preconceito e o racismo até, mesmo o institucional, impera em algumas ocasiões, fazendo com que a memória dos subalternos seja ainda mais esquecida. É evidente que desde a época colonial populações passam por esse processo de exclusão por fatores políticos, sociais, culturais, geográficos, financeiro e outros. Esses motivos sufocam povos e os submetem à servidão de forma escravocrata, apagando e negando suas vozes perante o mundo.

O referido fato torna-se pertinente quando falamos em memórias, histórias e museus, devido a esse último ter a capacidade de conservação e exposição de um material exuberante que retrata e existe em abundância, podendo muito bem explicar e explorar o passado dessa sociedade esquecida. Apesar de termos ciência de que os museus precisam de aportes financeiros, compreendemos que ele é uma instituição que não visa lucratividade e deve estar sempre à disposição da sociedade como um todo, pois a partir da sua criação e de seus planos museológicos e pedagógicos, ele se torna um estabelecimento permanente com o objetivo de cooperar através de ações em benefício das comunidades não somente do seu entorno, mas como também do mundo todo.

É de suma importância enfatizar que toda ação realizada dentro dos museus deve ser programada baseada nos seus planos museológicos e pedagógicos, pois assim essas ações não tomam outra proporção e fogem do foco do que realmente é um museu, bem como, de suas propostas, objetivos e metas que o sustentaram por toda sua existência.

Ressalta-se que os museus em sua maioria têm como compromisso social a difusão do conhecimento, seja ele científico, artístico, histórico ou cultural, em virtude disso, ele nos permite um trabalho amplo envolvendo várias comunidades e, principalmente, a classe educacional, pois, considerando suas exposições, vários temas podem ser trabalhados nos museus e nas escolas. Em razão disso, ele se torna um parceiro das disciplinas trabalhadas em sala de aula evidenciando a história e memória, ciência, português, matemática meio ambiente e até mesmo a tecnologia.

E para concluirmos esse trecho deste ensaio, temos a total percepção do dinamismo que os museus possuem, na medida em que tornaram um espaço de diálogo para professores e alunos. Neles são produzidos encontros educacionais, debates, oficinas e cursos que visam estratégias de interação, por meio das ações educativas e pesquisa culturais, dando ênfase

em propostas que estimulam, potencializam e valorizam o patrimônio cultural dos povos, que estão disponíveis nos acervos e exposições dos museus.

Não percebemos uma caminhada separada entre memórias e museus, pelas variações de possibilidades expostas neste capítulo. As memórias dos povos antigos, principalmente, são frutos que contribuem para a permanência e a existência dos museus, posto que, agregadas a outras ações e atividades, dão vida e dinamismo a esses espaços.

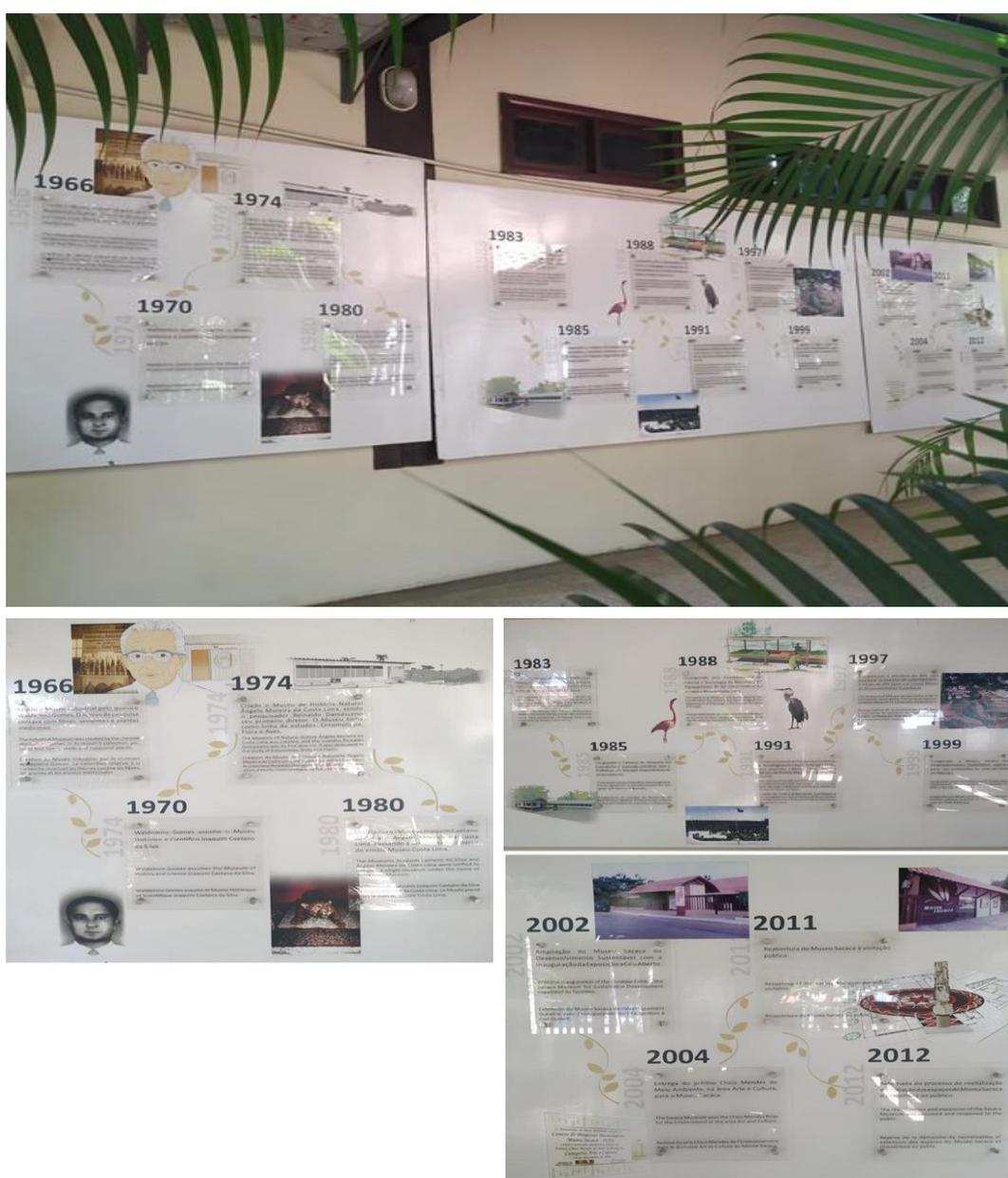
Nos dias atuais, em especial o ano de 2023, percebo o quanto os museus têm um compromisso em transmitir fatos ocorridos na história, dando ênfase às memórias coletadas, não deixando que essas sejam esquecidas e soterradas pelo tempo, promovendo-as a uma frequente difusão na sociedade que as procura por várias finalidades, sejam elas de lazer ou prazer, como também de cunho técnico e científico, permitindo-nos uma análise de suas reais atribuições e contribuições sociais.

## 2 - MUSEU SACACA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

### 2.1 - Constituição do Museu Sacaca

Atualmente, em especial o ano de 2023, o Museu Sacaca está ligado a Diretoria de Pesquisa Científica e Desenvolvimento Tecnológico do Estado do Amapá, vinculado ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA. Antes de tratarmos sobre o Museu Sacaca, iremos demonstrar um pouco da trajetória de constituição desse instituto e as incorporações dos outros museus através de sua linha do tempo.

Figura 1 - Linha do Tempo do Museu Sacaca



Fonte: Acervo do autor

O percurso de criação do IEPA iniciou-se nos anos de 1960, precisamente no ano de 1966, quando o químico e especialista em alcaloides e histologia vegetal, nascido no estado do Pará, o senhor Waldemiro de Oliveira Gomes, chegou ao Estado do Amapá a convite do governador da época do então território, o General Luiz Mendes da Silva<sup>1</sup>, para direcionar e organizar um dos primeiros museus do estado, que logo recebeu o nome de Museu Industrial. O interessante nesse fato era que Waldemiro Gomes já trazia consigo frutos de algumas pesquisas já realizadas na Amazônia. Em sua bagagem ele possuía na época um contingente de acervos e pesquisas relacionadas com estanho, sementes, fibras, e plantas com propriedades medicinais.

Figura 2 - Imagens da Equipe do Museu Industrial e seu Administrador Drº Waldemiro Gomes.



Fonte: Imagens do Acervo do Núcleo de Museologia do Museu Sacaca.

[...] General Luiz Mendes da Silva, que sensibilizado com o trabalho desenvolvido, criou, em 29 de janeiro de 1965, com o decreto nº. 04/65-GAB, o

<sup>1</sup> Teve em seu leque de incumbências várias atividades, exemplos: professor, militar e político, sendo assim nomeado pelo presidente marechal Castelo Branco para ser o governante do Amapá no ano de 1964, ele foi o primeiro governador do regime militar no estado, também foi criador do Jornal Diário Oficial do Território, foi ele quem demarcou zona urbana da capital Macapá e o mais interessante, foi ele quem inaugurou a Usina Hidrelétrica Coaracy Nunes.

Escritório Comercial e Industrial do Amapá, que segundo consta no documento, teria entre outras atribuições a incumbência de instalar e supervisionar um Museu Comercial destinado a manter uma exposição permanente e elucidativa dos produtos regionais. O órgão estava subordinado a Secretaria Geral. Ferreira. (NÚBIA, 2010, p. 23).

O Museu industrial teve vários endereços, primeiramente funcionou em uma residência na tradicional Av. FAB, próximo à prefeitura da cidade e, em 1977, foi transferido para o Hotel Macapá, mas mudou novamente porque o hotel precisou ser demolido para reforma no ano de 1978, foi então que o museu mudou novamente, agora para uma casa na Olaria de Territorial.

Dados dessa pesquisa levaram-nos a descobrir um museu pouco comentado no estado, o então Museu Territorial, originado no governo de Janary Gentil Nunes, que deu o pontapé inicial para a criação do museu Joaquim Caetano da Silva. Como afirma (Ferreira, 2010):

O Museu Histórico do Amapá “Joaquim Caetano da Silva” tem sua origem ligada ao Museu Territorial, criado pelo governador Janary Gentil Nunes a 25 de janeiro de 1948 que, segundo o seu decreto de criação, tinha o objetivo de “coleccionar, estudar e divulgar tudo o que interessa ao conhecimento do homem e da terra amapaense”. Subordinado à Divisão de Educação, teve como primeiro responsável Newton Cardoso Ferreira. (NÚBIA, 2010, p.25).

Entretanto, com o passar dos anos e depois de muito trabalho e organização, foi que em 1970, através do Decreto nº 022/70, firmado pelo governante em exercício na época o General reformado do Exército Brasileiro Gel. Ivanhoé Gonçalves Martins, que se elimina o então Museu Territorial, o Industrial e Comercial com a finalidade e perspectiva de se criar outro museu que se chamaria Museu Histórico e Científico Joaquim Caetano da Silva, esse também sendo contemplado com a administração do químico e pesquisador Waldemiro Gomes, como poder ser verificado em Núbia (2010): “A 26 de maio de 1970, o Museu Territorial foi extinto e criado na mesma data o Museu Histórico e Científico do Amapá “Joaquim Caetano da Silva” [...].

Após quatro anos de criação do Museu Histórico Joaquim Caetano, surgiu no Amapá o Museu de História Natural Ângelo Moreira da Costa Lima, que tinha por finalidade estudar insetos, flora e aves. Ele recebeu esse nome em homenagem a esse grande pesquisador da área de Entomologia médica dentro do país. Essa nova instituição foi dirigida até o ano de 1976, pelo biólogo e também pesquisador da área de entomologia, o senhor Reinaldo

Maurício Goubert Damasceno<sup>2</sup>, que já possuía um grande jargão de conhecimento e reconhecimento dentro de sua área de atuação.

É importante mencionarmos que foi entre o período de 1974 a 1980, que se cria no estado o Centro de Ensino de Ciências do Amapá – CECITA. Foi então que se percebeu um crescimento de pesquisadores interessados em se aprofundar nos trabalhos científicos que abordassem a fauna da Amazônia amapaense.

Com o passar dos anos houve a necessidades do Museu Histórico Científico Joaquim Caetano da Silva mudar de endereço, com isso, ele passava a funcionar na Av. Feliciano Coelho, nº 1509 bairro do Trem, endereço atualmente do IEPA e Museu Sacaca. Na época da mudança esse era o endereço do Museu Ângelo Moreira da Costa e Lima, com a chegada do novo museu e do seu administrador, o químico Waldemiro Gomes<sup>2</sup>, houve várias melhorias nas atividades propostas e as ações com fitoterápicos melhoraram consideravelmente.

Com o passar do tempo, precisamente no ano de 1980, os dois museus supracitados foram integrados, devido a essa unificação eles receberam o nome de Museu Costa e Lima. No entanto, uma fatalidade ocorreu no ano de 1981, ano em que perdemos o professor Dr. Waldemiro Oliveira Gomes, no auge dos seus 87 anos, deixando um legado de pesquisa surpreendentes no que se refere aos fitoterápicos através de estudos com plantas medicinais.

Posteriormente, no ano de 1983, o museu foi incorporado pela Coordenadoria e Tecnologia de Ciência da Secretária de Planejamento do Território Federal do Amapá. Dois anos depois da incorporação, em 1985, é celebrado entre o governo e a prefeitura de Macapá um convênio que disponibilizaria mão de obra ao museu e se inaugura o novo campo de pesquisa, denominado “Fazendinha”, localizado na rodovia Juscelino Kubitschek, a 10 km da capital Macapá.

Porém, foi no ano de 1988 que o biólogo, Antônio Carlos da Silveira Freitas, passa a dirigir o Museu Costa Lima. Em sua administração, foi criado o museu de Plantas Medicinais

---

<sup>2</sup> Formado na área de Ciências Biologia, pelo Instituto Oswaldo Cruz e em Entomologia pela Fundação ROCKFELLIR, na cidade de São Paulo e em 1967, foi contratado para o magistério secundário do Ex-Território Federal do Amapá, exerceu suas atividades educacionais em vários instituições de ensino em Macapá, entre elas o Colégio Amapaense (C.A) e o Instituto de Educação do Amapá - IETA; faleceu no dia 14 de agosto de 1976, poucos dias após de ter completado 60 anos de idade.

Waldemiro Gomes, com o intuito de se trabalhar e pesquisar as propriedades de plantas medicinais e a flora, bem como de homenagear o desbravador dos estudos na área química e de fitoterápicos do estado, enquanto o Museu Costa e Lima se dedicava a estudos de fauna.

Em 04 de maio de 1988, o governador Jorge Nova da Costa [...] criou o Museu de Plantas Medicinais Waldemiro de Oliveira Gomes. Em decorrência dessa decisão, uma parte do acervo do antigo Museu, na nova instituição museal, ficou exposta ao público e a outra foi recolhida à reserva técnica. (NÚBIA, 2010, p.28).

Neste mesmo ano, o Museu Costa e Lima é incorporado pela Coordenadoria de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Planejamento do Território Federal do Amapá. Entretanto, foi no governo do Comandante Annibal Barcellos, em 01 de outubro de 1991, que foi criado através do Decreto nº 0181, o Instituto de Estudos e Pesquisas do Amapá – IEPA, que atualmente chamamos de Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA). Ele foi vinculado à Secretaria de Estado do Planejamento e a Coordenação Geral, tendo sua autonomia administrativa financeira e técnico-científica, pois possuía desde então sua personalidade jurídica. O IEPA absorveu o Museu Costa e Lima e o Museu de Plantas Medicinais Waldemiro Gomes, todavia, seu estatuto só foi aprovado no dia 18 de dezembro de 1991, pelo Decreto nº 0312/9:

Na estrutura organizacional, além da Diretoria, dos Conselhos, do Gabinete, Setorial de Planejamento e a Divisão de Apoio Administrativo, a grande mudança ocorreu no Nível de Execução Programática. Foram criados dois centros de pesquisa, o Centro de Plantas Medicinais, com as seguintes Divisões: Recursos Naturais, Fitoterapia e Museu Waldemiro de Oliveira Gomes, com sede na Avenida Feliciano Coelho, e o Centro Zoobotânico, com as Divisões: Botânica, Zoologia, Ciências da Terra e o Museu Ângelo Moreira da Costa Lima, com sede na Rodovia Juscelino Kubitschek. Posteriormente, o Museu Costa Lima transfere seu acervo para Macapá e passa a funcionar no mesmo prédio do Museu de Plantas. Várias seções são criadas para dar suporte às atividades das divisões. A primeira Diretora Presidente do IEPA foi a professora Alice Ramalho. (NÚBIA, 2010, p.36).

Mas foi em 1995, em uma nova gestão governamental, onde então assume a pasta pelo partido PSB o senhor João Alberto Rodrigues Capiberibe, conhecido popularmente como “CAPI”, com uma visão totalmente diferenciada dos seus antecessores e trazendo uma proposta governamental que vislumbrava o desenvolvimento sustentável. Capi nomeia para dirigir o instituto o então mestre em economia Antônio Sérgio Monteiro Filocreão, que por ordem de seu gestor maior, reuniu uma equipe de vários especialistas para analisar as propostas trabalhistas e estruturais do IEPA.

As diretrizes deste novo governo têm planos ousados para o IEPA. Com o

Programa de Governo, o instituto assume papel fundamental. Estando neste momento sob a direção do Mestre em Economia Antonio Sérgio Monteiro Filocreão, o instituto passa a discutir a pesquisa e novas tecnologias como alternativas para o desenvolvimento socioeconômico do Estado e como base para o programa de governo que pensa o desenvolvimento com respeito às comunidades locais e o meio ambiente, bem como o uso dos recursos naturais de forma racional. Esses são os princípios do Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá – PDSA (AMAPÁ, 1999). (NÚBIA, 2010, p.37).

Apesar de todo o trabalho e estudos da equipe de Filocreão, em maio do mesmo ano, por problemas estruturais no prédio, o museu foi fechado para reforma e suas atividades resumiram-se em um tipo de exposição diferenciada de seu cotidiano de anos e tomaram uma proporção itinerante, até o fim da reforma.

Foi em 1997, através do Decreto nº 5672 de 17 de dezembro, que ocorreu uma reorganização da estrutura do IEPA e ele passa a ser chamado de Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA, incorporando o conceito de sustentabilidade. Assim como o instituto, o museu passa a ser conhecido como Museu do Desenvolvimento Sustentável. É importante enfatizar que se deu nesse mesmo ano o surgimento da primeira ambientação com características dos povos amazônidas, à época chamada de Casa do Caboclo Ribeirinho, com intuito de se observar se havia algum tipo de curiosidade vindo de turistas e visitantes para exposições desse modelo. Em conversa informal com antigos funcionários, alguns dizem que essa já era uma prévia para um projeto inovador a ser chamado no futuro de exposição a céu aberto.

O Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA compete à geração, adaptação e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos oriundos do desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre o homem, a flora, a fauna e o ambiente físico do Estado do Amapá, nos seus diversos aspectos, visando colaborar no âmbito da administração estadual na formação das diretrizes; planejamento, acompanhamento e avaliação de projeto e pesquisas relativos ao desenvolvimento científico e tecnológico e do Programa de Desenvolvimento Sustentável e exercer outras atribuições correlatas [...]. (AMAPÁ, 1997).

Também foi no ano de 1997, precisamente no dia 10 de Abril, que o museu reabriu para a comunidade já com seu novo nome, Museu do Desenvolvimento Sustentável, trazendo como proposta de exibição resultados das pesquisas realizadas pelo IEPA. Até nos dias atuais o museu abraça essa proposta de difundir os resultados das pesquisas científicas realizadas no estado do Amapá para os diversos públicos sociais.

As mudanças no IEPA seguiram, pois em 1998 houve uma nova reorganização na

sua estrutura, onde foram criados vários centros de pesquisas, suas divisões e unidades, bem como novas incorporações foram realizadas. Como afirma Ferreira (2010), quando diz que:

Em 1998 o IEPA foi submetido a grandes modificações em sua estrutura, momento em que foram criados o Centro de Pesquisas Zoobotânicas e Geológicas, com as Divisões de Botânica, Zoologia, Geologia e Recursos Hídricos, e o Centro de Plantas Mediciniais e Produtos Naturais, com as Divisões de Fitoterapia, Avaliação Terapêutica e Produtos Naturais. Além disso, foi incorporado ao Instituto o Zoneamento Ecológico Econômico e criada a Divisão de Informação e Documentação, tendo sob sua subordinação o Museu do Desenvolvimento Sustentável e Unidade de Educação e Extensão. (NÚBIA, 2010, p.39).

O Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável foi inaugurado no ano de 1999, usando partes das instalações do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA. Seu nome foi escolhido devido a dias antes da sua inauguração o trágico falecimento do senhor Raimundo dos Santo Sousa, mais conhecido como Sacaca. Deste modo, o governador do estado na época o senhor João Alberto Rodrigues Capiberibe, resolveu homenagear o mestre Sacaca, dando o nome ao museu que antes se chamava Museu do Desenvolvimento Sustentável, passaria a ser chamado Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável.

Raimundo dos Santos Sousa, o “Sacaca”, foi uma pessoa muito conhecida pela população amapaense pelo seu vasto conhecimento em ervas, produzindo vários medicamentos fitoterápicos. Mestre Sacaca também foi o primeiro rei momo do Estado do Amapá e isso se perpetuou por 23 anos consecutivos. Foi também massagista do Esporte Clube de Macapá (time de futebol) e um dos fundadores da União dos Negros do Amapá – UNA. Fundou o grupo de terceira/ melhor idade e possuía um programa na rádio difusora de Macapá denominado Hora do Campo, onde ele transmitia algumas receitas para os ribeirinhos, pois aquele era o único meio de comunicação que chegava aos povos amazônidas. Tudo isso era transmitido no programa aos sábados, que iniciava às 5:00h da manhã e terminava às 7:00 h

O interessante nesse fato era que os ribeirinhos mandavam cartas para o programa e para o Mestre Sacaca, perguntando qual tipo de erva ou medicamento natural que se utilizava para tratar e ou curar algum tipo de doença e ele respondia através do seu programa na rádio.

Como já mencionado, Sacaca foi um nobre conhecedor de plantas medicinais que se

utilizava das mesmas na prática da puçangaria. Trabalhou com Waldemiro Gomes por anos, adquirindo cada vez mais conhecimentos científicos das plantas medicinais. Além disso, na sua juventude, devido ao contato com indígenas da região, absorveu um leque de conhecimento prático sobre as ervas, tornando-se parceiro do Drº Waldemiro nas pesquisas do IEPA.

É ainda em 1999 que se formata estudos para criação de um novo espaço dentro do museu. Com o sucesso da casa do caboclo ribeirinho, outras ambientações foram pensadas para fazer parte desse novo projeto museológico que no futuro se chamaria exposição a Céu Aberto. Sua proposta inicial já pensava em difundir características do desenvolvimento sustentável e das comunidades tradicionais. A exposição representaria a cultura e identidades dos povos da Amazônia Amapaense.

Esse novo espaço foi programado para ser criado em um terreno devoluto tomado por água e mato, uma área de ressaca, que seria totalmente preparada para receber tais exposições e ficaria bem próximo do instituto, pois esse projeto era inovador e precisaria estar bem próximo dos olhos dos seus administradores.

O projeto arquitetônico museográfico privilegiou, além da arquitetura regional, a matéria prima local e as comunidades como mãos de obra envolvidas nas construções dos ambientes. A proposta era que o Museu proporcionasse ao visitante a oportunidade de vivenciar a realidade das comunidades tradicionais da Amazônia, conhecendo o modo de vida da região e as experiências de sustentabilidade dessas comunidades, em um espaço agradável de conhecer. Com recurso originado do Ministério do Meio ambiente, as obras têm início no ano 2000. (NÚBIA, 2010,p.45).

O interessante no texto acima é a expertise dos projetistas em deixar as novas ambientações mais originais possível com os produtos da floresta, para que essas representações fossem um retrato fiel das moradias permanentes ou temporárias das comunidades amazônicas.

Apesar do início do projeto Exposição à Céu Aberto datar do ano de 1999, onde ele vislumbrava a construção de casas indígenas, casa do castanheiro, casa da farinha e outros ambientes, sua conclusão e inauguração só ocorre no ano de 2002, no qual foi inaugurado no dia 05 de abril, como mostra a imagem abaixo.

Figura 3 - Placa de Inauguração do Novo Espaço do Museu Sacaca e a Abertura da Exposição a Céu Aberto



Fonte: Acervo do autor.

Em 05 de abril de 2002, no governo de João Alberto Rodrigues Capiberibe, é inaugurada a exposição a céu aberto do Museu Sacaca. Em 20 mil metros quadrados, é possível conhecer réplicas de habitações das etnias Palikur e Waiãpi, a casa da farinha Karipuna, a casa dos ribeirinhos, dos castanheiros, o orquidário, além da representação da ocupação dos rios e igarapés da região através do barco regatão Índia do Brasil. O monumento do Marabaixo simboliza a dança folclórica tradicional do Estado, uma das contribuições dos negros à cultura local. A exposição ainda abriga uma representação do sítio arqueológico do Maracá, localidade onde foram encontrados os fragmentos dos primeiros habitantes das nossas florestas. No viveiro de plantas é possível conhecer espécies da flora medicinal do Estado, bem como produtos fitoterápicos, uma das linhas de pesquisa do IEPA e, finalmente, a praça “do Sacaca”, com escultura no tamanho original de seu homenageado, o Sacaca. O Museu oferece ainda um auditório com 280 lugares; a praça de alimentação com quatro quiosques onde há a comercialização de artesanato e da culinária local; a casa de leitura Aracy Mont’Alverne, um espaço destinado à pesquisa sobre temas da cultura local e das pesquisas realizadas pelo Instituto; e a Casa das Exposições, destinada a exposições temporárias. (NÚBIA, 2010, p.45 / 46).

Apesar da construção de toda a estrutura, com o passar dos anos alguns espaços já se perderam no tempo e não foi possível, até o momento, reconstruí-los devido a questões técnicas. Porém, outros projetos foram implantados para aquele ambiente e novas ambientações fazem parte do rol de exposições do museu. Essas outras ambientações iremos

detalhar quando apresentarmos, mais adiante, a nossa visita etnográfica do Museu.

Essa nova roupagem do Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável enfatiza em sua exposição temas relacionados a sociedade interiorana. Um espaço denominado Exposição a Céu Aberto foi colocado à disposição da sociedade amapaense, seus turistas e visitantes, onde nela se tem a Casa do Ribeirinho, Casa das Parteyras, Casa de Farinha, Casa do Castanheiro, Casa *Palikur*, Casa *Wajãpi*, Sítio Arqueológico, Barco Regatão, Praça das Etniase outros.

Neste sentido, é perceptível, desde a sua ampliação com temas culturais diversos, a ausência das representações religiosas de matriz africana no espaço, de modo que pouco ou quase nada faz referência à cultura negra do nosso estado ou país.

A partir da sua inauguração ele vem trabalhando em várias frentes para manter-se diariamente em evidência perante a sociedade. Atividades museológicas de conservação e reparação de acervos e exposições, pesquisas no âmbito sociocultural, várias atividades pedagógicas educacionais, serviços em sua praça de alimentação, aluguel de seu auditório, aluguel de seu espaço a céu aberto para *books* fotográficos, atividades ambientais, visitas mediadas, entre outras. Devido a esse dinamismo do museu, no ano de 2004 foi entregue a eleo prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente, na área de Artes e Cultura.

As premiações não pararam. Em 2006, através do Ministério da Cultura o museu conquista o terceiro lugar em um concurso nacional e recebe o Prêmio Cultura Viva, na categoria gestão pública. Além disso, foi no ano de 2007 que o instituto do patrimônio histórico e artístico nacional (IPHAN), por meio do prêmio Darcy Ribeiro, concede a premiação ao projeto “Aprendendo no Museu” como atividades educacionais, por meio da qual o Museu Sacaca conquista o terceiro lugar entre os projetos participantes de todo Brasil.

Em 2008, o Museu Sacaca passa por um processo classificatório e é aprovado para o prêmio Rodrigo Melo Franco, que tem como uma de suas categorias a educação patrimonial, também promovido pelo IPHAN. Meses depois o Ministério da Cultura, por meiodo prêmio “Ludicidade Pontinho de Cultura”, reconhece o projeto “Leitura e Ciência do Museu Sacaca”. Apesar de toda premiação recebida pelo Museu Sacaca e de todo o seu trabalho educacional e museal, ele entra em reforma em 2011, passando por um processo de revitalização e ampliação dos espaços para que pudesse melhorar na difusão

científica e no recebimento do seu público.

Após seu processo de revitalização, é reaberto em 2012, com suas visitas mediadas e liberadas à sociedade. O espaço foi repaginado, sua área agora é contemplada com trilhas a imde melhorar a sua acessibilidade e por em destaque suas exposições, bem como, a diversidade cultural lá existente, de modo a viabilizar a conexão dos produtos científicos originados pelo IEPA e o conhecimento popular, no sentido de permitir que a área do museu vivo e suas especificidades dessem um significado a toda a história e cultura lá difundida.

Desde do ano de 2017 o Museu Sacaca desempenha a função de Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica do Estado do Amapá, com o objetivo de promover a diversidade e a cultura dos povos da Amazônia Amapaense, por meio de suas afinidades com seu espaço ambiental através dos conhecimentos das tradições identificadas na vida dos povos das regiões ribeirinhas, caboclos, índios e quilombolas, presentes no espaço da área de exposição a céu aberto do museu, além dos trabalhos científicos dos diversos núcleos de pesquisas do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA.

Em 2011 o Museu Sacaca sofreu uma nova paralisação em suas atividades relacionadas às visitas ao público, pois precisava passar por um processo de revitalização. Suas ações intensificaram-se como museu itinerante, onde suas exposições eram levadas ao público que as solicitassem. Outra vez ele passou por um processo de ampliação do seu espaço, sendo reaberto em 2012 para a visitação ao público.

Como foi mencionado anteriormente, a sua nova estrutura foi inaugurada em abril de 2012. Esse novo espaço hoje possui uma área 22 mil metros quadrados, um panorama com uma variedade de trilhas acessíveis por passarelas em madeira e de concreto que dão acesso a ambientações que recriam um pouco dos modos de sobrevivência de vida da população da nossa Amazônia Amapaense. A ideia de criação desse novo espaço foi planejada para conceber momentos de uma história viva, promovendo ações de cunho museal e pedagógico, enfatizando a pesquisa científica, preservação e comunicação do patrimônio cultural do Estado do Amapá.

Em 11 de abril de 2017, através do decreto 1333, foi aprovado o estatuto do IEPA. Com isso, o Museu Sacaca passou a se chamar Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica Museu Sacaca, responsabilizando-se pela coordenação, orientação e execução

de planos, projetos e programas que colaborem com o desenvolvimento dos setores de difusão científica e cultural do IEPA, assim como participa da orientação do Plano Museológico que auxilia no planejamento estratégico indispensável na identificação e vocação de um museu.

Desde então, a instituição vem intensificando suas atividades em que são expostas várias pesquisas de cunho ambiental e cultural desenvolvidas no estado Amapá, bem como ações educativas e atos pedagógicos com vistas à difusão dos saberes existentes na região amazônica. Contudo, é notório a falta de informação no que versa sobre as representações religiosas da cultura afro-brasileira na exposição a céu aberto do Museu Sacaca, pois elas também contribuem e fazem parte da cultura amazônica da região.

Em novembro 2017 assume a presidência do IEPA o ex-deputado estadual Jorge Elson Silva de Souza, com uma visão política administrativa. Essa postura faz ao instituto e ao museu novas possibilidades e atividades de resgate da sociedade em participar e conhecer um pouco da pesquisa científica e da cultura disponibilizada naquele espaço.

Um de seus primeiros atos em 2018, junto a nova equipe do Museu Sacaca, foi receber turistas oriundos de vários países do mundo, aportados em um transatlântico no município de Santana, que comportava mais de 500 passageiros. Ações de visitas mediadas, atividades culturais, exposições de pesquisas e degustação de iguarias locais foram apresentadas aos visitantes, que vieram conhecer um pouco a cultura amapaense e que saíram satisfeitos pela acolhida proporcionada a eles.

Sua segunda ação pública institucional ainda em 2018, foi o lançamento do projeto “Vem pro Museu, Valorize que é Nosso”. Nesse evento, várias atividades educacionais foram propostas para alunos das escolas públicas, privadas e para a comunidade em geral. No fim de uma extensa programação que durou dias, ela finalizou com shows artísticos de cantores regionais que vieram contribuir com a difusão de seus trabalhos relacionados à música popular amapaense.

Por questões do pleito eleitoral, Jorge Souza afasta-se da presidência do IEPA para concorrer a uma cadeira na assembleia legislativa do Estado do Amapá. E quem assume a cadeira da presidência do instituto é a sua chefe de gabinete, a senhora Marlene de Almeida Souza, (*in memoriam*) com a missão de dar continuidade aos trabalhos planejados por seu

antecessor.

Dados numéricos extraídos do Núcleo de Museologia do Museu Sacaca apontam estatisticamente um quantitativo de visitas superior a 25 (Vinte e Cinco Mil) pessoas frequentando o espaço no ano de 2018.

Tabela 1 - Números de Visitante em 2018 do Museu Sacaca

<b>NUMERO DE VISITANTES ANO 2018 MUSEU SACACA</b>											
<b>MÊS</b>											
<b>JAN</b>	<b>FEV</b>	<b>MAR</b>	<b>ABR</b>	<b>MAI</b>	<b>JUN</b>	<b>JUL</b>	<b>AGO</b>	<b>SET</b>	<b>OUT</b>	<b>NOV</b>	<b>DEZ</b>
<b>2221</b>	<b>1208</b>	<b>1810</b>	<b>2631</b>	<b>2269</b>	<b>1149</b>	<b>5617</b>	<b>2591</b>	<b>2904</b>	<b>2145</b>	<b>2378</b>	<b>1906</b>
<b>Total 28.829</b>											
<b>CONFERÊNCIA POR SEXO</b>											
M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M
957	362	705	1098	1042	450	2246	985	1421	974	1091	905
F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F
1264	846	1105	1533	1227	699	3371	1606	1483	1171	1287	1001

Fonte: Arquivos do NUMUSEO - Núcleo de Museologia, Museu Sacaca.

Informo ao leitor dessa obra que os dados supracitados foram fornecidos pelo Núcleo de Museologia do Museu Sacaca, retirados do preenchimento diários do livro de registro assinado pelos visitantes ao entrarem no museu. Todavia, fui informado que o número real é bem maior que esse, pois não estão contabilizados neste demonstrativo as visitas agendadas por escolas públicas, privadas e instituições de nível superior. Esse registro é realizado pelo setor pedagógico da instituição, porém, devido a alguns problemas institucionais esses dados foram perdidos no decorrer do ano seguinte.

Em 2019 com as ações promovidas pela equipe do museu a realidade mudou, novos dados foram compilados que nos mostra uma evolução positiva no número de visitantes neste ano. Em conversa com alguns membros da equipe do museu, eles me informaram que no referido ano, o número geral de visitantes passou dos 92.000 (noventa e dois mil), dados que não pude confirmar pois o Museu Escola “setor pedagógico” perdeu seus dados em virtude de problemas com equipamentos e rede de computadores.

Contudo, o NUMUSEO – Núcleo de Museologia do Museu Sacaca, ligado à Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica CDCT - Museu Sacaca, que por sua vez faz parte da Diretoria de Pesquisa Científica do IEPA, forneceu-me a tabela com números de visitantes do ano de 2019. Mas, como mencionado acima, esses dados apenas fazem referência ao número de visitas diárias recebidas pelo espaço e registrados em um livro destinado aos registro de visitantes, não contemplando, assim, as solicitações de visitas realizadas por instituições educacionais de ensino.

Tabela 2 - Números de Visitante em 2019 do Museu Sacaca

<b>NUMERO DE VISITANTES ANO 2019 MUSEU SACACA</b>											
<b>MÊS</b>											
<b>JAN</b>	<b>FEV</b>	<b>MAR</b>	<b>ABR</b>	<b>MAI</b>	<b>JUN</b>	<b>JUL</b>	<b>AGO</b>	<b>SET</b>	<b>OUT</b>	<b>NOV</b>	<b>DEZ</b>
<b>2.909</b>	<b>1.351</b>	<b>1.691</b>	<b>1.410</b>	<b>2.027</b>	<b>1.830</b>	<b>1.652</b>	<b>2.226</b>	<b>2.184</b>	<b>2.445</b>	<b>2.350</b>	<b>1.053</b>
<b>Total 23.128</b>											
<b>CONFERÊNCIA POR SEXO</b>											
M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M
1,244	478	579	541	684	607	548	650	652	781	651	377
F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F
1,665	873	1,112	869	1,343	1,223	1,104	1,576	1,532	1,664	1,699	676

Fonte: Arquivos do NUMUSEO - Núcleo de Museologia, Museu Sacaca.

Apresento ao leitor dessa obra, alguns encartes de projetos desenvolvidos no museu, que despertaram a curiosidade e que serviram de atrativos para atrair a comunidade local e turistas oriundos de diversos locais e países.

Figura 4 - Encartes de Projetos do Museu Sacaca



Fonte: Arquivos do NUMUSEO - Núcleo de Museologia, Museu Sacaca.

Outro projeto que deu vida nova ao museu foi a criação do Memorial Sacaca, como não havia nenhum espaço que contasse um pouco da sua história, a idealização desse ambiente caiu como uma luva na construção cultural e representação histórica de quem foi o Mestre Sacaca.

Tudo indica que 2019 foi um ano de superação para a nova equipe do Museu Sacaca, devido as suas programações, que trouxeram atividades diversificadas, com o número de visitantes contabilizados neste período extrapolando o quantitativo 90 mil pessoas visitando o espaço (informações obtidas de forma oral através dos funcionários). Isso nos mostra o quanto museu tem sua importância ao trabalhar temáticas diferenciadas que abordem vários eixos culturais e científicos, além disso, como a população se enriquece dos conhecimentos difundidos com uma metodologia dinâmica e de fácil compreensão.

Os dados mostrados nas tabelas dão-nos a compreensão de quanto o museu é visitado, o quanto o conhecimento pode ser difundido e o quanto as pessoas podem aprender fazendo uma simples visita ao museu. Isso instiga ainda mais este trabalho, sabendo que se o museu fosse contemplado com um ambiente que propusesse contar um pouco da história dos negros no Estado do Amapá, sua cultura, costumes, culinária e religiosidade trazidas do continente Africano, a população teria um melhor conhecimento dessas tradições.

Proponho-me a dizer que se o Museu Sacaca abraçasse a ideia de se construir dentro do seu espaço uma casa com características culturais religiosas, afro-brasileira, e disseminasse esse conhecimento de uma forma pedagógica e atrativa, desmistificando toda a ideia de terror que gira em torno das religiões afro-brasileira, ele estaria contribuindo através dessa difusão de conhecimento com o combate à intolerância e o racismo religioso que existe

não só no estado,mas em todo o Brasil.

Penso dessa forma porque ao entrar nas dependências do Museu Sacaca para a coleta de dados para esse trabalho, percebi que, em 2019, foram inauguradas novas ambientações de visitas naquele espaço. Triste é perceber que nem uma delas faz referência ao negro e sua religiosidade. Nesse mesmo ano foi construída a casa dos *Wayana/Apalai* e reconstruídas duas casas indígena das etnias *Wajãpi e Palikur*.

A nova casa é de povos de língua *Karib*, sua localização dentro do Estado do Amapá é a região de fronteiras entre o Oiapoque e a Guiana Francesa. Na Amazônia Brasileira os *Wayanas / Aparai* convivem ha mais de centenas de anos e até formam famílias entre si, mas se pesquisarmos a fundo, perceberemos que distintamente ele possuem traços culturais que podemos identificar e assim fazer uma diferenciação entre eles.

A nova casa que na língua *Wayana* chama-se *Tukusipan*, e na língua *Apalai* chama-se *Parohtópo*, começou a ser erguida no dia 18/06/2019. O primeiro passo a ser dado foi com a escolha e a demarcação do local onde a casa seria construída, pois precisou ser bem definido devido ao grande índice de arvores existentes no Museu Sacaca, que com as fortes chuvas e ventanias as quebras de galhos poderiam trazer algum dano a elas. Porém, o que mais auxiliou a escolha do local foi a proximidade com as casas já construídas, *Wajãpi* e *Palikur*, pois assim ela iria fazer parte do percurso que hoje se chama trilha indígena do Museu Sacaca.

O segundo passo foi cavar aproximadamente meio metro no solo, para que fossem levantados e firmados os esteios de sustentação da casa, posteriormente ela foi toda travejada com varas em formato arredondado e, para finalizar, ela foi coberta com palha de uma palmeira chamada de Ubim.

Figura 5 - Construção da Casa Indígena Wayana Aparai.



Fonte: Acervo do autor

Para a inauguração da nova casa e reinauguração das outras duas, foi realizado pelo museu um evento denominado “Festas dos Povos” que reuniu indígenas de várias etnias, gestores públicos, artistas e cantores locais, atividades pedagógicas e culturais, proporcionando a população mais um dia de eventos no Sacaca.

Figura 6 - Festa dos Povos



Fonte: Acervo do autor.

## 2.2 – Visita Etnográfica ao Museu Sacaca: Memórias, Histórias e Representações de um Museu a Céu Aberto

Minha visita inicia-se na recepção, geralmente porta de entrada dos visitantes do museu, porém existe uma outra entrada vinculada ao IEPA. A partir da entrada do museu observa-se uma placa informativa em formato de uma mata, que dá orientações dos espaços e de ambientações existentes no Sacaca, todavia, nem todos os 24 itens contidos na placa são espaços de visitas, alguns deles fazem parte do corpo administrativo da instituição. Percebi que a referida placa está desatualizada, pois novos ambientes já foram construídos e outros foram remanejados. Porém, consegui com a Mestra em estudos de fronteiras, Iana Keila Duarte, uma proposta de uma nova placa a ser destinada ao museu.

A proposta desse novo mapa está disponível na tese de mestrado de Iana Keylla Duarte, intitulada *Os Palikur, Casa e Memória: Vivências no Museu Sacaca, 2021*

Figura 7 - Proposta Para Nova Placa



Na fotografia abaixo irei mostrar a atual placa existente no museu. Até então, antes da apresentação desta tese, a placa que encontrei em minha visita ao museu ainda não havia sido trocada.

Figura 8 - Placa Atual



Fonte: Acervo do autor

O museu já passou por vários processos de revitalização, em que novos espaços foram criados, contribuindo com a desatualização da placa. É um dever do museu providenciar com urgência a substituição da placa e seus informativos, para isso, imagino a necessidade de se fazer um novo mapeamento do espaço institucional, para que se catalogue tais informações. Com isso, os visitantes terão à sua disposição um novo painel de informações que o auxiliará na sua visita nas dependências do Museu.

Como foi explanado no capítulo anterior, o museu foi criado na década de 90 na gestão do João Alberto Capiberibe, que era o governador da época. Foi inaugurado com o nome de Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável. Sobre sua denominação, Sacaca é uma espécie de planta medicinal e faz referência a um senhor que trabalhava no IEPA e era parte do quadro de funcionários efetivos.

Conheceu em vida o doutor Waldemiro Gomes, período em que se aproximaram para fazer pesquisas na área da botânica. A especialidade do senhor Sacaca eram as plantas medicinais da Amazônia Amapaense, em contrapartida, Drº Waldemiro Gomes já era considerado um grande pesquisador de plantas e sementes, o qual, ao chegar em Macapá, trouxe em seu legado vários trabalhos prontos e um grande acervo de fibras e sementes. Juntou-se com Sacaca, cujo conhecimento empírico sobre as matas e as plantas era expressivo, ganhando status no mundo da pesquisa.

Segundo informações obtidas na visita etnográfica, no último estatuto do IEPA, aprovado pelo decreto de Nº 1333 de 11 de Abril de 2017, o real nome do Museu Sacaca é: Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica Museu Sacaca, sua função é difundir todas as pesquisas realizadas pelos núcleos e polos do IEPA. Ele está diretamente ligado a diretoria de pesquisa do instituto, que tem seu polo instalado na Rodovia Juscelino Kubitschek, próximo ao distrito de Fazendinha em Macapá-AP.

Figura 9 – Mestre Sacaca.



Fonte: Imagem Blog Porta Retrato-AP

É notório ao se visitar o museu o grande quantitativo de árvores plantadas neste espaço, todas elas têm um objetivo e estão lá para enriquecer o ambiente. O visitante pode apreciar árvores medicinais, frutíferas, ornamentais e plantas aromatizadas, todas com o propósito de ornamentar e de fortificar o solo. É importante enfatizar que fazem parte do bioma amazônico.

Logo na entrada do Museu tem-se um belo exemplar, que o ambiente nos permite apreciar, de uma palmeira popularmente conhecida como Bacabeira, é a árvore que deu nome ao município de Macapá. Oriunda do Tupi, termo indígena que significa "terra, lugar ou estância de bacabas". No início da colonização de Macapá, seu nome derivava-se da bacaba e se chamava Macapaba, com o passar do tempo e a evolução da cidade, a capital é apresentada como nome que tem hoje, "Macapá". Porém, se tem na capital um teatro também denominado como museu da arte e do som, que se chama "Teatro das Bacabeira".

Em frente ao exemplar da Bacabeira tem-se o auditório Valdemiro Gomes, que foi batizado com esse nome como forma de homenagear o pesquisador que veio do Pará para residir e trabalhar no Estado do Amapá. O Espaço tem aproximadamente 383m<sup>2</sup>, comporta 280 pessoas sentadas em cadeiras acolchoadas e confortáveis, é climatizado, possui uma copa-cozinha com banheiros masculinos e femininos, sistema de som e palco. Sua maior novidade é um *deck* construído ao seu lado próximo ao lago do regatão com a finalidade de receber o público do auditório para degustação de alimentos proporcionados pelos eventos que lá são realizados, dado que não se é autorizado comer dentro do auditório.

É de suma importância que o leitor dessa tese tenha em seu imaginário que os itens já citados acima estão localizados logo na entrada do museu, bem próximo a sua recepção. Continuando esse roteiro, exposto na parte externa da parede no fim do auditório, existe uma linha do tempo que faz referência à construção do IEPA e do Museu, bem como, o indicativo de algumas premiações recebidas pelo museu, mas não irei entrar em mais detalhes sobre a linha do tempo pois ela já foi toda exposta no capítulo anterior.

Meu *tour* pelo Sacaca leva-me até o exemplar de uma árvore histórica para o nosso país, uma espécie de Pau-Brasil ou ibirapitanga, como chamavam os indígenas Tupi do século XVI. Esse tipo de árvore é típica das regiões de Mata Atlântica, estima-se que a mesma possa chegar a uma altura acima do 13 metros de comprimento e possui uma gama

muito grande de galhos e espinhos.

A história conta-nos que sua exploração foi muito fervorosa no período denominado de pré-colonial e que foi uma das primeiras atividades econômicas dos portugueses no século supracitado. Fiquei surpreso em saber que muitas pessoas não conhecem ou nunca viram a árvore e nem a madeira. O museu possui dois exemplares dela localizadas entre a Casa da Administração e a Casa de Exposição Permanente.

Em frente ao primeiro exemplar de Pau Brasil está localizada a Casa da Administração, ambiente onde trabalha boa parte do corpo administrativo do museu. Nesse local é registrado os agendamentos do auditório, são marcados os *books* fotográficos, são feitas as escalas para os plantões do fim de semana, geralmente é onde a coordenação do museu se reúne com sua equipe e com o diretor presidente do IEPA.

### **2.2.1 Casa de Exposição Permanente**

Nesse ambiente estão expostas algumas pesquisas realizadas pelo IEPA. Constatei na visita que a maioria das pesquisas são antigas, penso que aquela exposição não passa por uma atualização há algum tempo, porém todas as pesquisas lá apresentadas são coordenadas pela Diretoria de Pesquisa Ciência e Desenvolvimento Tecnológico do IEPA, que segundo seu Estatuto, a ela compete, conforme decreto 1333 de 11 de Abril de 2017:

Art. 30. À Diretoria de Pesquisa Ciência e Desenvolvimento Tecnológico compete coordenar, supervisionar e consolidar todas as ações das Coordenadorias de Pesquisa, de Desenvolvimento Tecnológico, de Difusão Científica e Tecnológica, do Centro de Incubação de Empresas e dos Núcleos, bem como incentivar o desenvolvimento de programas e projetos integrados ao desenvolvimento socioeconômico, científico tecnológico e de inovação da região... (Estatuto do IEPA, Decreto 1333, pg.14).

Dentro da Casa de Exposição Permanente, pode-se desfrutar de algumas pesquisas dos núcleos do IEPA, que são: Núcleo de Ordenamento Territorial, Biodiversidade, Pesquisas Aquáticas, Hidrometeorologia e Energias Renováveis, Núcleo de Pesquisas Arqueológicas, Núcleo de Biotecnologia vegetal, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Plantas Medicinais e Produtos Naturais, Geologia e Tecnologia Mineral, Núcleo de Museologia e o Centro de Incubação de Empresas.

Logo na entrada da referida casa, pode ser visualizada uma exposição de peças

arqueológicas difundidas pelo NUPARQ (Núcleo de Pesquisas Arqueológicas), expondo algumas urnas que fazem parte dos sítios arqueológicos encontrados no Estado. É importante informar que o Amapá possui mais de 415 sítios arqueológicos registrados oficialmente, no entanto, levantamentos feitos pelo NUPARQ indicam a existência de mais de 700 sítios arqueológicos não registrados. Desse modo, todas as pesquisas relacionadas aos sítios no Estado do Amapá são direcionadas para o IEPA. No Art.36 do Estatuto do IEPA, ao NUPARQ compete:

- I- Coordenar, estimular e desenvolver estudos e pesquisas na área de arqueologia;
- II- Promover, coordenar e realizar pesquisas sobre o acervo arqueológico;
- III- Elaborar e executar planos de ação para intervenção arqueológica em sítios arqueológicos;
- IV- Planejar, elaborar, executar e gerenciar projetos para obtenção de licenças oficiais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para a realização de intervenções físicas nos sítios arqueológicos;
- V- Responsabiliza-se pelo tratamento técnico do acervo custodiado pela unidade;
- VI- Efetuara a curadoria de coleções arqueológicas;
- VII- Estimular e promover capacitação e treinamento de recursos humanos em sua área de competência;
- VIII- Interagir com as demais unidades do IEPA, na execução de projetos de sua área de competência;
- IX- Promover a difusão de sua produção científica, por meio de publicação e outras estratégias;
- X- Orientar e acompanhar estagiários e bolsistas;
- XI- Prestar assessoria e / ou consultoria técnica, a instituições públicas e privadas, na sua área de competência;
- XII- Exercer outras atividades que lhe forem conferidas, na área de sua atuação, pelo
- XIII- Diretor-Presidente.
- XIV- Parágrafo Único. Compõem a estrutura no Núcleo de Pesquisa Arqueológica as seguintes unidades específicas: Coleções Arqueológicas e Laboratório de Análises e Restaurações de Materiais”. (Estatuto do IEPA, Decreto 1333, p. 18/19).

É importante ressaltar que além das exposições das pesquisas arqueológicas difundidas dentro da Casa de Exposição Permanente do Museu Sacaca, o NUPARQ ainda possui uma exposição na área denominada Museu a Céu Aberto, do próprio Museu Sacaca, onde ele nos apresenta um sítio arqueológico chamado de Caverna do Veado, da região do Maracá, no Município de Mazagão-AP, o qual será detalhado melhor mais adiante, na visita etnográfica. Possui também um laboratório chamado Peter Hilbert, no qual há um espaço chamado de Reserva Técnica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica do IEPA, que dispõe atualmente de aproximadamente 400 mil peças arqueológicas, todas achadas e catalogadas em sítios arqueológico aqui no Estado do Amapá.

Figura 10 - Exposição Arqueológica



Fonte: Acervo do autor.

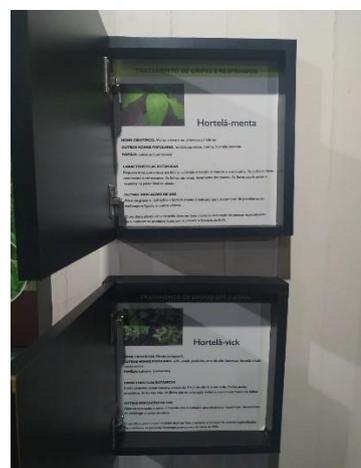
Seguindo a visita dentro da ambientação, pode-se visualizar algumas amostras de pesquisas do Núcleo de Plantas Mediciniais e Produtos Naturais. São plantas fitoterápicas que dão ênfase na farmácia de manipulação de medicamentos naturais, produzidos pelo IEPA, com o propósito de auxiliar na saúde das pessoas, como fazia antigamente o Sacaca.

Parte das pesquisas, projetos e amostras de algumas plantas fazem parte desse acervo, espaço no qual você pode ver alguns exemplares de Capim Marinho, Erva de Jabuti, Japana, Algodão, Pariri, Sucuriju, Sabugueiro, Canarana, Alecrim, Urucum e outras espécies de plantas medicinais, mostrando que o instituto possui um vasto trabalho com esse tipo de vegetação. No Art. 40 do Estatuto do IEPA, ao Núcleo de Plantas Mediciniais e Produtos Naturais compete:

- I- Coordenar, estimular e desenvolver estudos e pesquisas e tecnologias nas áreas de Plantas Mediciniais e Produtos Naturais;
  - II- Desenvolver pesquisas com plantas medicinais e fitoterápicos, atendendo à legislação vigente do Conselho Nacional de Saúde – CNS para pesquisas com seres humanos e animais;
  - III- Executar atividades de controle de qualidade de matéria prima vegetal, fitoterápicos e produtos naturais;
  - IV- Introduzir novas tecnologias no beneficiamento de matérias-primas e na produção de fitoterápicos e produtos naturais;
  - V- Promover a adequação de métodos gerais de análises, descritos na literatura oficial, para as espécies vegetais utilizadas na produção de fitoterápicos e produtos naturais;
  - VI- Estimular e promover capacitação e treinamento de recursos humanos em suas áreas de competências;
  - VII- Promover a oferta de produtos, processos e serviços tecnológicos resultantes das pesquisas desenvolvidas pelo IEPA.
  - VIII- Gerar produtos e subprodutos derivados de plantas medicinais e produtos naturais, obedecendo à legislação de Boas Práticas de Fabricação vigentes;
  - IX- Promover a difusão de sua produção científica, por meio de publicações e outras estratégias;
  - X- Orientar e acompanhar estagiários e bolsistas;
  - XI- Prestar acessória e / ou consultoria técnica a instituições públicas e outras estratégias;
  - XII- Interagir com as demais unidades do IEPA, na execução de projetos de suas áreas de competência;
  - XII- Exercer outras atividades que lhe forem conferidas pelo Diretor-Presidente.
- Parágrafo único. Compõem a estrutura do Núcleo de Plantas Mediciniais e Produtos Naturais as seguintes unidades especiais: Farmácia, Laboratório de Análises, Controle de Qualidade, Laboratório de Fitoquímica e Laboratório de Produção. (Estatuto do IEPA, Decreto 1333, pg. 20/21).

É importante deixar informado que a Farmácia do IEPA vende remédios de origem natural, produzidos pelo referido núcleo, localizada no pólo do IEPA na área Central, na Avenida Feliciano Coelho, de esquina com a Avenida Manoel Eudóximo Pereira, no bairro do Trem – Macapá-AP.

Figura 11 - Exposição do Núcleo de Plantas Medicinais e Produtos Naturais



Fonte: Acervo do autor.

O próximo espaço é destinado à exposição da equipe de Botânica do IEPA, onde é apresentado um estudo sobre sementes de árvores amazônicas. Desde 2001, o instituto tem direcionado suas atenções, através do laboratório de semente, a estudos de sementes das regiões de florestas tropicais da Amazônia,

Dr. Waldemiro Gomes era um apaixonado por esse tipo de pesquisa, tanto é que quando veio para o Amapá trouxe consigo um acervo memorável de grãos, sementes e fibras coletadas e estudadas por ele, pois se entende que o conhecimento das espécies madeireiras, sua reprodução e desenvolvimento ainda são muitos escassos e superficiais.

A exposição apresenta alguns exemplares de semente coletados em pesquisas do laboratório supracitado, cito: Tendo, Angelim Vermelho, Seringueira, Parapazeiro, Jucá, Ipê Amarelo, Andiroba, Bacaba, Açaí, Castanha da Amazônia e outras. Parte desses exemplares foram coletados em nossa região, o que dá mais ênfase à Amazônia Amapaense, sendo um dos propósitos do Museu Sacaca.

O Instituto possui, no seu *campus* Fazendinha e tem representação dentro da Casa de Exposição Permanente, um Herbário, espaço destinado à guarda e conservação de amostras de exemplares de plantas, folhas, sementes ou componente delas, conservadas de forma desidratada e fazem referências a algum bioma ou floresta. Pela sua grande possibilidade de armazenamento, o herbário também é chamado de biblioteca, porém a diferença atribuída entre esses espaços são seus acervos, porque, enquanto as bibliotecas guardam livros, os herbários guardam acervo de ervas, plantas e vegetais.

Informações obtidas com o pesquisador e diretor de pesquisas do Instituto, o Dr. Allan Kardec Ribeiro Galardo, o herbário Amapaense tem um acervo de aproximadamente 28.000 amostras de coleções auxiliares, tendo 500 exemplares de madeira, 2.000 de fungos e 250 de frutos. Ele está organizado com mais de 194 famílias da área de botânica, com aproximadamente 5.000 gêneros e quase 16.000 mil espécies.

Os dados acima citados só nos mostra o quanto as equipes do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA, tem se esforçado em revelar-nos o potencial que as terras Amazônicas possuem, com altas proporções de ecossistemas que contribuem com a biodiversidade Amapaense, as quais podem e devem ser estudadas para transformar e melhorar a vida dos seres vivos do planeta e, assim, proporcionar um existência

saudável, produtiva, fértil e de tempo prolongado a todos.

Figura 12 – Exposição de Botânica



Fonte: Acervo do autor.

Assim como as amostras da área de botânica, o Museu Sacaca possui a exposição de Zoologia, ambas fazem parte do Núcleo de Biodiversidade do IEPA, que desde 1976, quando surgiu o Museu Histórico Ângelo da Costa Lima, difunde a diversidade biológica da Amazônia Amapaense e seus tesouros do âmbito ambiental, desde a época do antigo território do Amapá.

Fiquei sabendo em minha visita no museu, que a equipe de zoologia do IEPA tem como missão formatar coleções que fomentem estudos taxonômicos e de biogeografia da fauna Amapaense. No percurso descobri informações segundo as quais, atualmente, o instituto detém duas importantes coleções zoológicas, citados no painel exposto na casa de exposição.

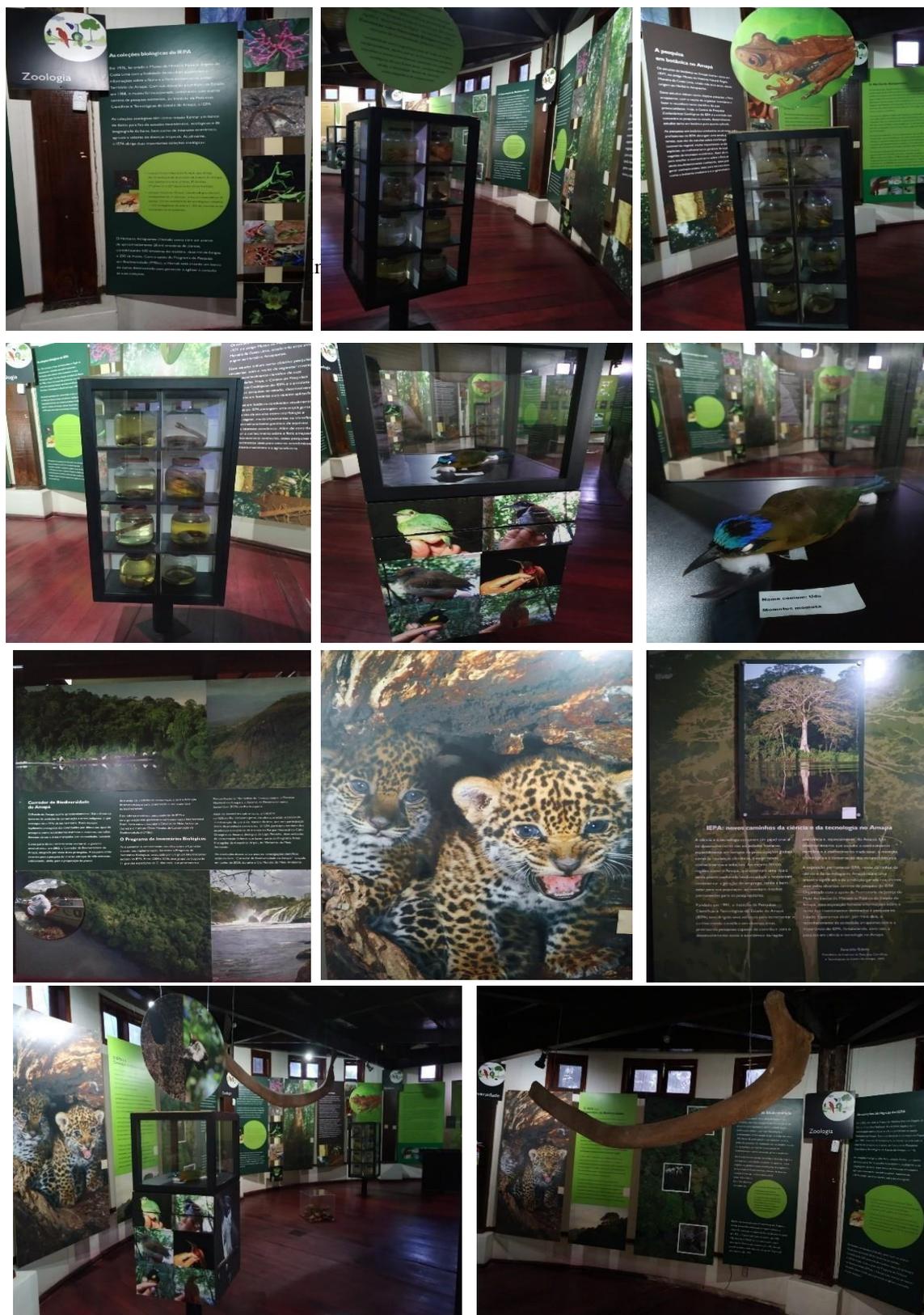
Coleção Entomofauna do Amapá, que abriga 20 mil exemplares exclusivos de insetos do Amapá, distribuídos em nove ordens, 87 famílias, 37 gêneros e 267 espécies de vários habitats; Coleção Fauna do Amapá, constituída por 10 mil exemplares de crustáceos, 5 mil exemplares de peixes, 4,5 mil exemplares herpetológicos (répteis), 1.372 exemplares de aves e 1.100 de mamíferos de ecossistemas amapaenses. (Painel de exposição da Casa de Exposição Permanente do Museu Sacaca, acervo do Núcleo de Museologia).

Uma das atrações da exposição do núcleo de biodiversidade é a costela de uma baleia, chegada a pouco tempo no espaço, porém é importante ressaltar que em dezembro de 2018 foi encontrada encalhada e morta uma baleia da espécie Jubarte (*Megaptera novaeangliae*) em uma ilha, no arquipélago de Bailique. Seus restos mortais foram transportadas de balsa para a capital, Macapá, a fim de serem estudados e avaliados pelas equipes de pesquisadores do IEPA.

O fato ocorreu na ilha de Vitória, a causa morte do mamífero não foi definida. Informações obtidas pelas equipes que foram até o local onde ela foi encontrada discorrem que ela possuía em torno de 12 metros de comprimento e pesava uma tonelada. A proposta, após os estudos e pesquisas, é que sua ossada seja exposta no Museu Sacaca, eles também afirmam que é a primeira vez que uma baleia encalha na costa do Amapá, isso pode ter acontecido pelo fato de a região ser uma área de estuário com grandes influências das águas do Rio Amazonas e o Oceano. O Amapá tem mais de 70% de suas terras protegidas através de áreas ambientais e indígenas, isso proporcionou a criação em 2002 do corredor da biodiversidade, áreas que dispõem de diversos ecossistemas e paisagens que proporcionam ao Estado do Amapá um diferencial entre os outros Estados. Todos esses espaços são

estudados pelo núcleo de biodiversidade do IEPA, como mostram as imagens a seguir.

Figura 13 - Exposições Zoológicas.

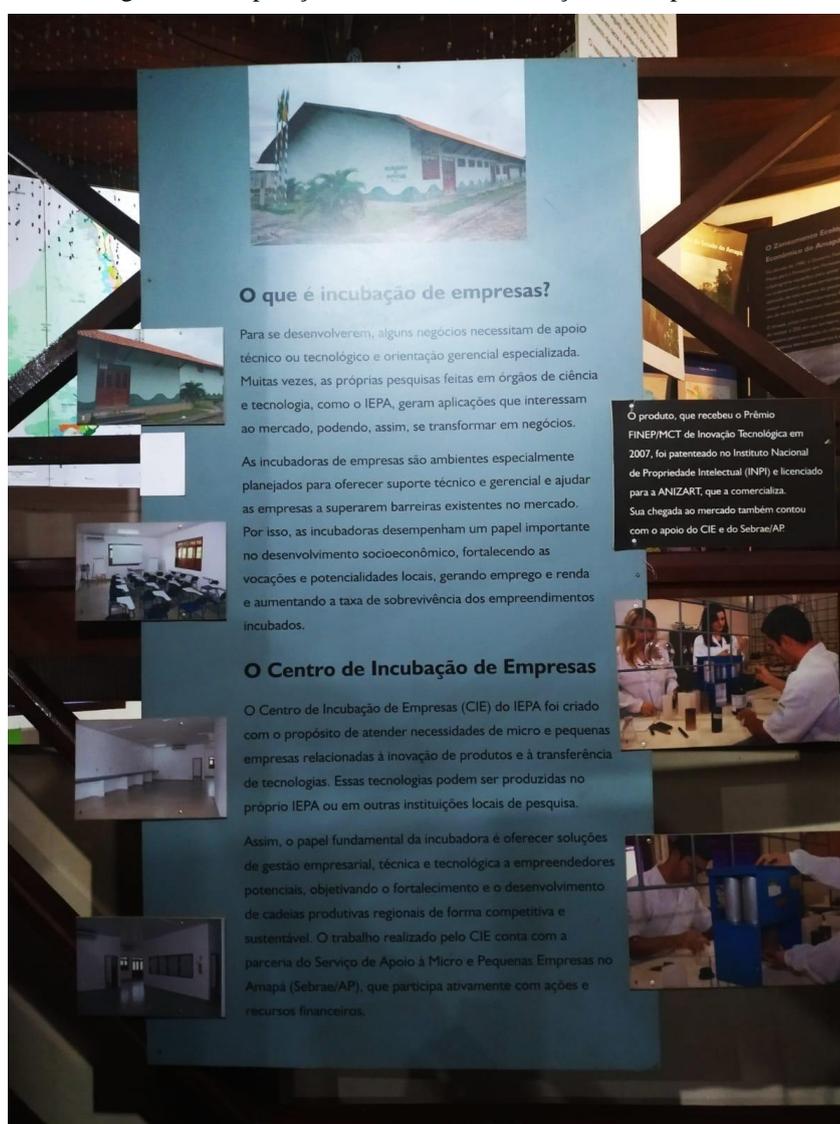


Fonte: Acervo do autor

A casa de exposição possui dois pavimentos, ao subir percebe-se mostras de pesquisas de outros núcleos que lá estão expostas. Logo na escada tem uma exposição do Centro de Incubação de Empresas, que auxilia novos empreendedores a trilharem seus caminhos empresariais. A incubadora está aberta a novas pesquisas, novos ambientes, novas empresas, novos empreendedores que queiram participar dessa empreitada empreendedora.

O Centro de Incubação de Empresas do IEPA foi constituído com a finalidade de subsidiar as possíveis necessidades dos micros e pequenos empreendedores do Estado, estando eles relacionados a inovações de produtos e novas tecnologias. O interessante nesse fato é que essas novas tecnologias podem ser produzidas no próprio instituto ou fora dele.

Figura 14 - Exposição do Centro de Incubação de Empresas.



Fonte: Acervo do autor

No início do segundo pavimento, encontrei painéis com exposições do Núcleo de Geologia e Recursos Minerais, seu maior propósito é o desenvolvimento de estudos como intuito de investigar toda a potencialidade mineral existente no estado do Amapá. A exposição possui exemplares de pedras, granitos e megalitos, que são apresentados naquele ambiente, todo esse material faz parte de algum tipo de pesquisa desse núcleo.

O interessante nessa exposição é que nela existem amostras de rochas ornamentais, pedras extraídas em forma de blocos, as quais podem ser cortadas em vários modelos e formas, que podem passar por um processo de beneficiamento através das técnicas de esquadreamento, polimento, jateamento, bem como de lustros e flameamento, no cenário econômico de compra e venda elas possuem o nome de Granito.

Figura 15 - Exposições do Núcleo de Geologia e Recursos Minerais



Fonte: Acervo do autor.

Compõem ao mesmo tempo essas exposições, as amostras de pesquisas do LaboratórioCeramitec. Lá são feitos estudos com argila e barro da nossa região, os quais visam a uma qualidade dessa matéria prima e a produção de tijolos, telhas e outros objetos de excelente qualidade, oriundos da argila.

A próxima exposição é a do Núcleo de Hidrometeorologia e Energias Renováveis - NHMET, responsável pelos estudos e informações sobre o clima de toda a região do Estado do Amapá, bem como, estudos sobre energias renováveis. Tudo que se refere a esse tipo de pesquisa sobre essa área é de responsabilidade desse núcleo, tais como: chuva, seca, gases de efeito estufa, queimadas e outros. Sua equipe é formada por especialistas em várias áreas do conhecimento. O NHMET verifica e acompanha diariamente, por hora, todas as alterações climáticas do Amapá, quando suas pesquisas são direcionadas a questões energéticas ele visa medir as potencialidades das possíveis fontes para o abastecimento de energia elétrica avaliando as condições naturais do Estado.

Figura 16 - Exposições do Núcleo de Hidrometeorologia, e Energias



Fonte: Acervo do autor.

As próximas amostras são do Laboratório de Entomologia Médica, que faz estudos sobre insetos com importância na área de saúde pública, como exemplo: Mosquito da Dengue, Malária, Leishmania, Chikungunya, Oncocercose, arbovirose de um modo geral. Além do importantíssimo papel desse laboratório, em estudar essa tipologia de insetos, ele busca estudos e mecanismos para monitorá-los, na tentativa de evitar que as pessoas contraíssem essas doenças, por isso o laboratório procura alternativas de controle tentando evitar problemas de saúde pública.

Figura 17 - Exposições do Núcleo de Entomologia Médica.



Fonte: Acervo do autor.

### 2.2.2 – Exposição Monumento do Marabaixo

A visita etnográfica continua quando se sai da casa de exposições permanentes e entra-se no espaço denominado de Museu a Céu Aberto, onde a primeira exposição a ser visualizada é o Monumento do Marabaixo. São três estátuas, duas femininas e uma masculina esculpidas em concreto e pintadas conforme as vestes coloridas das tradicionais roupas dos marabaixeiros<sup>3</sup>. A base que segura as esculturas também é feita de concreto, porém com um formato de tronco de árvore, vislumbra-se que essa forma seja para dar ênfase ao mastro utilizado nas festividades do Marabaixo, os quais geralmente são retirados da floresta na comunidade quilombola do Curiaú. Esse item é indispensável na ritualística, pois nele são colocadas as bandeiras que representam os santos católicos homenageados, a saber: Divino Espírito Santo, representado por uma pomba; e a Santíssima Trindade Representada; por uma coroa.

Outro item indispensável na ornamentação e que envolve os mastros são as folhas de Murta, planta que possui um aroma forte de grande durabilidade, componentes da ritualística domarabaixo dizem que, historicamente, era dela o ramo levado pela bomba à arca de Noé. Outrofato interessante é que, além de enfeitar o mastro, ela serve de proteção e bênçãos, pois antigamente ao adentrarem a igreja católica os padres abençoavam-nas. Dentro do cerimonial do Marabaixo existe um dia específico denominado o dia da Murta.

O Marabaixo é uma manifestação cultural oriunda dos negros africanos que chegaram no Brasil, mais precisamente no Amapá na época de sua colonização. Ênfase o Marabaixo como uma dança secular e genuinamente Amapaense herdada por nossos antepassados, que mistura percussão, movimentos, dança, roda, ritmos, ladrões<sup>4</sup>, cores, fé e muita ancestralidade, sendo assim fundamental para o desenvolvimento da identidade cultural do Estado.

---

<sup>3</sup> Marabaixeiros são pessoas que dançam o Marabaixo

<sup>4</sup> Ladrões de marabaixo nada mais são do que as músicas entoadas na hora do festejo, entende-se que suas composições são feitas de forma poética, a partir de versos elaborados de improviso através da oralidade, os mais antigos participantes do Marabaixo se expressavam através dos verso e contavam história por eles vivenciadas no seu dia a dia, porém é de praxe outro cantor ou poeta tomar frente da música ou puxa-la pra si, roubando o cântico do seu antecessor para entoar seus versos, por isso conhecemos as músicas como ladrões de marabaixo, por um tomar ou roubar a cena, o cântico do outro, dando continuidade no canatr da música e da festa.

Ele se traduz em um ato de devoção e resistência, originado por tradições culturais entre as comunidades negras do Estado e é importante destacar que, em 16 de junho, no Amapá, é celebrado o dia Estadual dessa manifestação, a qual se tornou o maior manifesto cultural da região. Entretanto, em 2018, o Marabaixo recebeu um grande reconhecimento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional – IPHAN, tornando-se patrimônio imaterial do Brasil.

Pelo fato do Marabaixo estar muito presente, atualizado e sendo vivenciado pelos amapaenses, os conselheiros do IPHAN consideraram-no com uma forma de expressão muito forte que congrega referências culturais fundamentais para a construção e afirmação da identidade cultural negra no Brasil.

Um dos pontos interessantes nas ritualísticas do Marabaixo é a mistura do sagrado com o profano, pois essa manifestação folclórica afro-amapaense é constituída no geral por duas fazes. A primeira é o sagrado, onde podemos apreciar as missas, novenas e ladainhas; e o profano com as danças, os ladrões de marabaixo, comidas, toque de caixas<sup>5</sup> e as bebidas como a famosa Gengibirra<sup>6</sup>.

Toda a ritualística profana é conduzida a partir do toque de tambores chamados de caixa. Os sons dessas percussões são acompanhadas dos ladrões de Marabaixo, que são músicas entoadas a partir de versos criados envolvendo o cotidiano vivido pelos marabaixeiros. As marabaixeiras são mulheres que dançam com grande graciosidade e saias rodadas com estampas coloridas, por diversas vezes floridas, bem como com toalhas nos ombros e flores que servem de enfeites de seus penteados nos cabelos. Os homens também fazem parte do gracejo de dançar, sempre de camisas coloridas e bem alegres.

Um dos pontos interessantes nessa manifestação é a dança, geralmente praticada em formato circular, com passos curtos, muito ritmado e em sentido anti-horário. Histórias contadas pelos mais antigos enfatizam que o ato de dançar dessa forma está ligado ao pouco espaço que os negros escravizados teriam nos porões dos navios de tráfico negreiros e nas

---

<sup>5</sup> Caixas do Marabaixo são tambores, instrumento musical utilizado na hora da ritualística, tocados com baquetas de madeira, que entoam os sons que acompanham os ladrões e dão ritmos às danças dos participantes do evento.

<sup>6</sup> Bebida alcoólica que tem como base do seu preparo o gengibre e a cachaça.

senzalas.

Seguindo todo um cerimonial para o seu acontecimento, o Marabaixo inicia em Macapá no calendário pascal, começa no Sábado de Aleluia no bairro denominado Santa Rita ou (favela). No bairro do Laguinho, inicia no domingo da ressurreição. Mas, dentro do estado do Amapá, o Marabaixo também pode ser encontrado em algumas comunidades tradicionais como o Maruanum I e II, Igarapé do Lago, Ilha Redonda e Curiaú<sup>7</sup>.

Acontece todo o cerimonial e as festas, para que, à noite, aconteça o tradicional Marabaixo do Mastro, conhecido popularmente também como Marabaixo da Aceitação. Após o domingo do mastro, vem a quarta feira da murta, na mesma semana. Contudo, esse ritual só acontece no bairro do Laguinho, no qual é feito um cortejo com as murtas, momento em que os marabaixeiros vão até a igreja e depois seguem para os barracões da tia biló e do mestre pavão. Após esse ato religioso, o profano toma conta da ritualística e as danças, o toque de caixas e o entoar do ladrão de marabaixo vão até o romper da aurora, onde são erguidos os mastros às 6:00 da manhã.

Após uma semana, vem o domingo do Divino Espírito Santo, conhecido como “Domingo do Divino Espírito Santo e Murta da Santíssima Trindade.” Nesse momento juntam-se os 4 (quatro) barracões para fazerem essa ritualística, cortejo com as murtas e Marabaixo até o amanhecer, onde são erguidos os mastros azul e branco, um revertido com a murta e o outro colorido. No ano de 2022 foram erguidos os mastros vermelho e branco.

Em seguida vem o domingo da Trindade, momento em que é realizado o almoço dos inocentes na favela “Bairro Santa Rita” da capital Macapá, além disso, é realizado uma missa e, posteriormente, fornecido um almoço para todos os presentes no barracão. O próximo domingo é nomeado como o domingo do senhor, no qual os mastros são derrubados e as bandeiras são entregues aos novos festeiros, que ficarão responsáveis por todo o cerimonial do próximo ano, ritualística que dura, geralmente, por 3 (três) meses

---

<sup>7</sup> Quilombo e APA - Área de Proteção Ambiental.

Figura 18 - Exposição do Monumento do Marabaixo.



Fonte: Acervo do autor.

### 2.2.3 – Núcleo de Museologia

Nesse percurso, encontra-se o Núcleo de Museologia, no qual, à época dessa pesquisa a equipe estava sendo gerenciada pelo Turismólogo e Pedagogo Paulo Anchieta Barbosa de Oliveira. Esse grupo é responsável por administrar ações referentes aos acervos, ambientações, exposições, programações, pesquisas e relatórios de acompanhamento de tudo que ocorre no espaço de exposições do Museu Sacaca. Segundo o último estatuto do IEPA, em seu decreto Nº 1333 de 11 de Abril de 2017, ao Núcleo de Museologia compete:

- I- Executar ações de conservação, investigação e de comunicação do patrimônio cultural científico de interesse da sociedade e de seu desenvolvimento;
- II- Orientar os procedimentos de pesquisas realizadas pela equipe técnica do museu;
- III- Promover ações educativas e culturais que proporcionem a valorização da dignidade humana respeitando a diversidade cultural, a promoção da cidadania, fazendo com que o Museu cumpra sua função social;
- VI- Elaborar a implementação programas de exposição adequados à vocação e tipologia do Museu, com a finalidade de promover o acesso aos bens científicos e culturais, de forma a estimular a reflexão e o reconhecimento de seu valor simbólico; e
- V- Estimular a constituição de Associações de Amigos do Museu, grupo de interesse especializado, voluntariado ou outras formas de colaboração e participação sistemática da comunidade e dos públicos. (Estatuto do IEPA, decreto Nº 1333 de 11 de Abril de 2017).

Figura 19 – Núcleo de Museologia (NUMUSEO)



Fonte: Acervo do autor

Dentre as várias exposições promovidas pelo núcleo, irei reportar-me a algumas mais recente, realizada em seu *hall* de entrada, uma exposição de banners e bancos que difundem a ritualística do Turé<sup>8</sup> dos povos indígenas, uma manifestação comumente realizada em Outubro, na lua cheia. No Estado do Amapá, ela é realizada pela etnia Palikur<sup>9</sup>, na região do município de Oiapoque. É um ritual feito pelos indígenas como forma de agradecer as curas recebidas através da prática do xamanismo<sup>10</sup> que o pajé<sup>11</sup> proporciona a sua comunidade e a quem por ele procura.

Dentre as ações dessa ritualística o pajé é envolvido por uma bebida chamada de “Caxixi ou Caxiri”<sup>12</sup> dependendo da região o nome varia muito, neste processo ele canta, dança fuma seu tauarí<sup>13</sup>, assim o indígena consegue acessar o mundo espiritual dentro do ritual que está sendo executado e alcança os Karuãnas<sup>14</sup> que vem prestigiar a cerimônia que ali está sendo conduzida. Os Karuãnas são diversos e possuem vários nomes como: Mãe da Piranha, Hoho Fêmea, Yorokã, Cobra Waromri, Hoho Macho, Cobra Grande Fêmea e outros.

Todo o cerimonial do Turé é realizado no Laku, é um local que tem a forma arredondada todo cercado de varas que se chamam Pirorô. O interessante neste fato é que todo o espaço é enfeitado com bolas de algodão, penas brancas de garças, mastros, bandeirolas e os bancos maiores da cobra grande e do jacaré.

Os indígenas dizem que o pajé em meio ao ritual, viaja para outros mundos e só assim ele consegue ver os Karuãnas, mas, para isso acontecer, ele se senta em um banco próximo ao mastro principal ao lado de um cesto, utilizado para guardar alguns utensílios como o maracá, e os tawaris e chamado de Pakará. Ele fuma os tawaris, entoando os cânticos e toca o

---

<sup>8</sup> Turé é uma manifestação em agradecimento aos espíritos da floresta, seres invisíveis que vivem no mundo da encantaria, chamados de Karuãnas.

<sup>9</sup> Etnia indígena predominante a região norte da Amazônia.

<sup>10</sup> Xamanismo é a dimensão sobrenatural de um tipo de transe místico de magia religiosa curativa no qual seus praticantes são atribuídos.

<sup>11</sup> Pajé é o indígena responsável pela condução da ritualística mágica de cura dentro das aldeias.

<sup>12</sup> Bebida feita a partir da mandioca e da batata doce.

<sup>13</sup> Cigarro de palhas e ervas.

<sup>14</sup> Espiritualidades de pessoas como a gente, que vivem no outro mundo ou na encantaria e possuem nomes das animais que habitam os mares, rios, matas, igarapés, pedreiras, cachoeiras e qualquer ambiente natural.

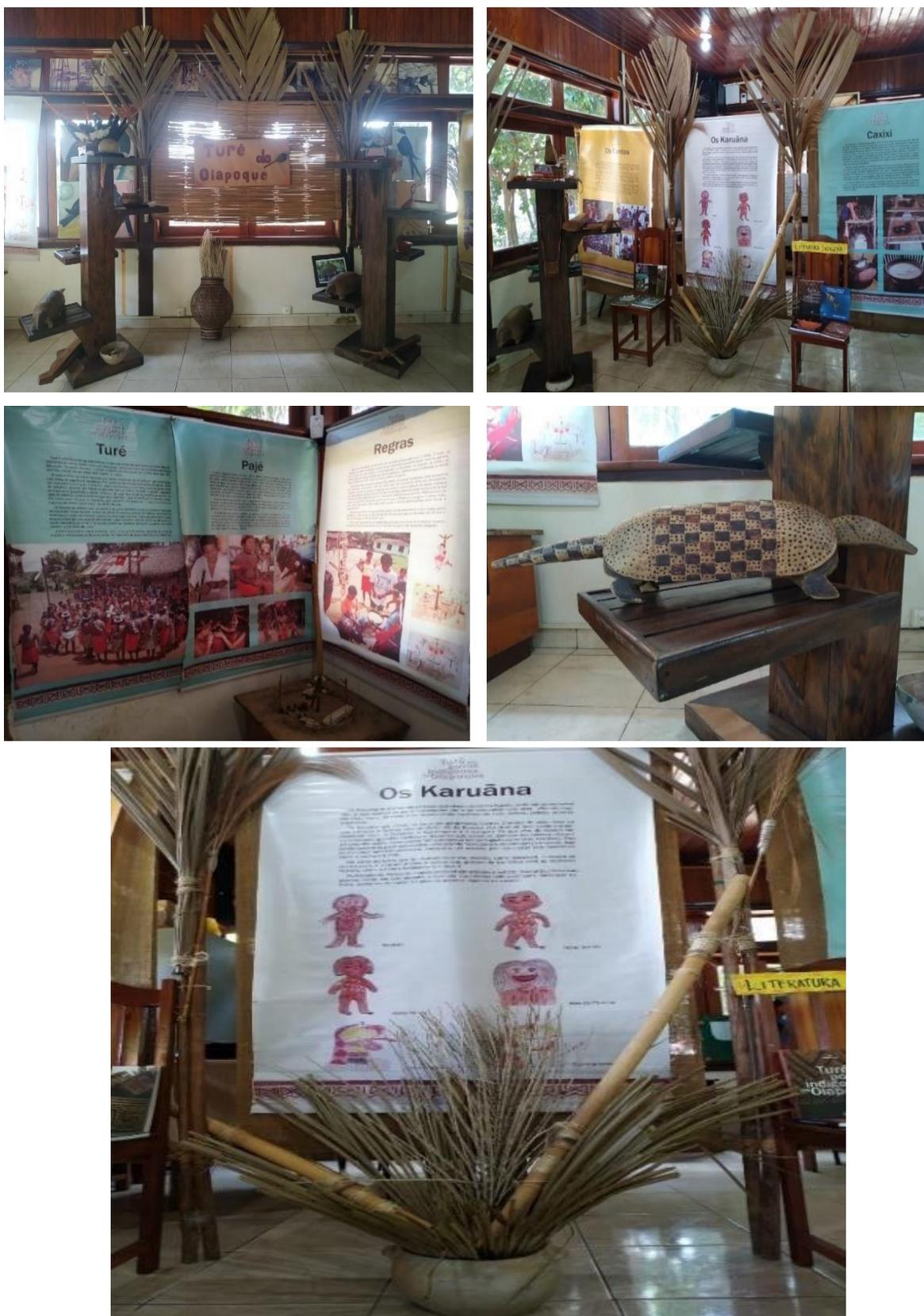
Maracá, dessa maneira, consegue adentrar o outro mundo e ter acesso aos Karuãnas.

Andes do início do Turé existe uma preparação para os participantes, dentre elas o que me chamou mais atenção foi o fato, interessante, de que os participantes do Turé não podem comer peixe dias antes da ritualística, isso porque os indígenas dizem que os Karuãnas não gostam do “pitiú”, cheiro exalado pelos peixes. Por isso, os participantes comem apenas caças ou frangos.

Outros fatores que chamam atenção no Turé são os Cânticos, pois eles iniciam por condução do pajé desde o início da manhã, quando se canta para as pinturas que vão ser executadas nos bancos indígenas e o mastro do Laku, repetindo-se até o término da pintura, quando estão preparando as flautas do ritual os “Karamatás”, também são entoados alguns cânticos. Outro momento de canções são quando estão passando gengibre nas pernas dos dançarinos ou estão despejando no Laku, em seguida, canta-se para o dono do tawari, que é fumado por ele.

O Turé é cheio de regras e possui todo um passo a passo, no qual os indígenas devem seguir até a chegada dos Karuãnas, porém tais acontecimentos não serão explanados nessa pesquisa, pois este estudo tornaria-se muito alongado e, respeitosamente, a questão do Turé não é objetivo deste trabalho, tendo apenas uma participação especial por se tratar de uma tradição indígena que futuramente versaremos sobre essa junção Afro-Ameríndia dentro do Museu Sacaca.

Figura 20 – Exposição do Turé



Fonte: Acervo do autor

Uma outra exposição realizada pela equipe do Núcleo de Museologia do Museu Sacaca, que chamou atenção em 2021 na semana de consciência negra, foi a exibição de imagens em gessos e manequins com indumentárias dos orixás e caboclos, representando as religiões de matriz africana.

O objetivo desse trabalho foi trazer a comunidade um conjunto de diversas indumentárias utilizadas pelos orixás nas ritualísticas do candomblé. Na exposição foi divulgada as representações de Exú, que segundo os praticantes da religião, é o orixá da comunicação, aquele que abre as portas e os caminhos para os que nele tem fé, assim como uma representação de Xangô, orixá da justiça; Oxum, senhora das águas doces e do ouro; Ossain, orixá conhecedor das folhas, plantas e da mata; Iemanjá, orixá rainha dos mares e oceanos; e Omolu, orixá das chagas e das curas.

Também foi exposto uma representação do sincretismo religioso com imagens dos santos católicos, sincretizados com os orixá na época da colonização do Brasil, configurando-se como uma forma utilizada pelos negros africanos a fim de professarem sua fé e fazerem suas ritualísticas sem serem punidos, discriminados ou chamados de bruxos. As imagens expostas foram a de Jesus Cristo, sincretizado com Oxalá; São Jorge, sincretizado com Ogum; São Miguel, sincretizado com Xangô e por vezes com Ogum; Nossa Senhora da Conceição, sincretizada com Iemanjá; Joana D'arc sincretizada com a orixá Obá; e santa Barbara sincretizada com Iansã.

Outro ambiente que também fez parte da exposição exibia as indumentárias e imagens dos caboclos da Umbanda, com destaque para a vestimenta do malandro, mais conhecidos nosterreiros e casas de axé, a exemplo do senhor Zé Pelintra. Continha, ainda, a tradicional roupa que representa o malandro carioca, que é o terno branco, chapéu panamá, gravata, lenço e cachecol vermelhos. Vale ressaltar que a referida entidade é uma das mais importantes do culto, sendo o patrono dos bares, restaurantes, casas de jogos e as profissionais do sexo.

Exposição dessa magnitude nunca tinha sido apresentada pelo Museu Sacaca, no sentido de mostrar um pouco das religiões de matriz africana, contemplando a sociedade de informações básicas sobre essas religiões que, por vezes, a sociedade não as conhece e, devido à falta de tal informação, discriminam e propagam ódio, a intolerância e o preconceito

religioso, ferindo os praticantes e simpatizantes dessa ritualística. Pena que a exposição não era fixa e ficou por um curto período de tempo à amostra.

Figura 21 – Exposição de Indumentárias dos Orixás



Fonte: Acervo do autor

No período de 05 a 08 de abril de 2022, o núcleo de museologia (NUMUSEO), também recebeu a I exposição de indumentárias afro-indígenas, intitulada “Afro-ameríndios na Amazônia brasileira: entidades ancestrais e saberes humanos”, do artista de terreiro, professor Valter Vieira. Essa exposição foi organizada pelo núcleo e era composta por indumentárias e adereços ritualísticos, usados pelos indígenas cultuados no Brasil dentro das religiões de matriz africana, genericamente chamados de caboclos, hoje cultuados de norte a sul do país por diferentes tradições afro religiosas.

A exposição deu ênfase aos cocares (capacetes) usados nos terreiros pelas entidades indígenas quando incorporadas, essas entidades, hoje ressignificadas, fazem parte de um culto de origem africana ao ancestral brasileiro. Esse culto ancestral era uma prática comum realizada por alguns dos povos da África subsaariana, entre os quais podemos citar os bantos. Essa prática religiosa no Brasil tem por objetivo cultuar os ancestrais brasileiros, como faziam em sua terra natal. No Brasil esse culto foi destinado aos povos indígenas, aos marinheiros e aos bandeirantes. Dentro do candomblé, é conhecido por diversos nomes como, samba de caboclo, candomblé de caboclo, angola de caboclo e etc. Porém, segundo a doutora Piedade Videira (2013), a religião de matriz africana mais cultuada em Macapá e no Estado do Amapá é a Umbanda, com isso o pesquisador Vagner Gonçalves da Silva (1994), diz que as origens da Umbanda remontam ao culto às entidades africanas e ameríndias, aos santos do catolicismo popular e, ainda, a entidades do panteão kardecista.

Em seu discurso de abertura da exposição, o professor Valter Vieira, afirmou que as religiões de matriz africana que se desenvolveram no estado foram portas que se abriram para a volta dos ancestrais brasileiros a este plano físico a fim de visitar sua terra, para brincar, beber e dançar, novamente com seus descendentes e compatriotas, estreitando assim relações entre o passado e o presente, o mundo espiritual e o mundo físico. Nessa relação, o ancestral brasileiro traz seu conhecimento acumulado sobre a fauna e a flora para ajudar seus descendentes através do manuseio e do uso das ervas como tratamento medicinal, hoje conhecido como tratamento alternativo e homeopático.

No Brasil alguns templos centenários de culto aos ancestrais brasileiros deixaram seus nomes na história, como por exemplo, o templo do sacerdote Roberto Barros Reis - tata kinunga (um escravizado liberto) - fundado em 1850, em Salvador-BA, com sua morte em 1909, sua filha Maria Genoveva do Bonfim, conhecida como Maria Neném ou Mam'etu

Tuenda Dnzambi, assume a liderança do templo, considerado a matriz de um grande número de templos espalhados pelo Brasil.

Na atualidade, temos nomes bem mais conhecidos, como o centenário terreiro do Bate folha, Terreiro da Goméia, Tomba Juncará, entre outros, ressaltando que outras tradições também cultuam esses ancestrais brasileiros, principalmente na Amazônia, onde o Candomblé sofre forte influência da pajelança indígena e do Tambor de Mina devido a um elevado número de religiosos que na década de 80 migraram de outras tradições religiosas para o candomblé, mas que mantêm suas raízes religiosas.

A exposição denominada “Afro-ameríndios na Amazônia brasileira: entidades ancestrais e saberes humanos”, partiu de três ordens de prioridade, quais sejam: A primeira, pelo interesse em dar continuidade a pesquisas iniciadas pelo expositor e mestre em ciências das religiões Valter dos Santos Vieira, ocasião em que estudou e analisou temas relacionados as práticas culturais e religiosas na Amazônia Amapaense, como a pajelança cabocla, o catolicismo popular e as religiões de matriz africana e afro-ameríndias, no Pará e Amapá, quando na oportunidade discutiu o conceito de pajelança na vila de São Francisco do Piririm, comunidade localizada no estado do Amapá.

A segunda prioridade foi determinada pelo papel que as práticas dos saberes culturais e a religiosidade dos povos africanos e indígenas possuem no contexto amazônico e que se desdobra nos terreiros como seres espirituais, isto é, entidades espirituais ancestrais.

A terceira é pela necessidade da implementação das leis 10.639/2003 e 11.635/2008, que incluem na grade curricular da educação básica e do ensino superior, o ensino de história e culturas africanas e dos povos indígenas na formação da cultura brasileira, que apesar de já estarem em vigor desde 2003, ainda encontram-se barreiras para sua implementação, sendo a falta de conhecimento seu maior empecilho ou, porque não dizer, em virtude do racismo institucional presente em algumas universidades públicas.

Essa exposição justifica-se, ainda, pela possibilidade de examinarmos e, ao mesmo tempo, de dar a devida ênfase a presença das práticas religiosas e dos saberes afro-ameríndios na Amazônia no âmbito do Museu Sacaca, uma vez que em sua exposição a céu aberto são difundidas as questões referentes aos povos da Amazônia, dando total destaque aos indígenas quase nada refere-se ao negro e sua religiosidade, muito presente no Estado.

Segundo o livro organizado por Gleidson José M. Salheb, Marcos Vinicius de Freitas Reis e Sérgio Junqueira, dando evidência e referindo-se ao capítulo 13º escrito por (Oliveira e Vieira em 2022.), eles dizem que:

Esses são os objetivos do Núcleo de Museologia, que tem o intuito de contribuir com a sociedade, através da transparência e difusão dos conhecimentos obtidos por meio de pesquisas, visando estimular a valorização histórica e cultural da Amazônia Amapaense.” (Oliveira e Vieira. 2022. Pg. 190)

Figura 22 – Exposição de Cocares



Fonte: Acervo do autor.

#### 2.2.4 – Exposição Sítio Arqueológico

A área denominada Museu a Céu Aberta possui em seu roteiro um sítio arqueológico do Maracá. A representação faz referência a caverna do veado, localizada na região do Igarapé do Lago, no município de Mazagão-AP, onde foram achados vários fragmentos de povoamento, denominados os primeiros habitantes da Amazônia Amapaense.

A réplica da caverna permite-nos visualizar várias urnas funerárias de cerâmica com suas representações masculinas, femininas e de animais, nas quais os povos antigos enterravam seus entes queridos. Diante disso, é importante salientar que as urnas expostas são cópias fiéis das originais que foram conduzidas para o museu Emilio Goeldi em Belém do Pará, que na época dos seus descobrimentos elas possuíam ossadas e restos mortais de pessoas, com isso o sítio foi catalogado como um cemitério daquele período.

Além da representação da caverna e das urnas, o espaço ainda possui dois bonecos de fibra, um representando o homem primitivo lascando uma pedra e o outro um arqueólogo determinando espaço para escavações, onde encontram os achados antigos, fatores esses que classificam essa representação como uma das mais impressionantes do país pelo seus detalhes, seu formato belo e bem diversificado de apresentação, pois faz referência e traz informações da pré-história da Amazônia Amapaense.

Com esses achados arqueológicos podemos perceber que o espaço Amazônico sempre foi capaz de absolver e ajudar no desenvolvimento dos povos que dele desfrutaram, sendo assim um grande influenciador do crescimento das populações que ali se instalaram, que ao se organizarem começam a criar suas sociedades como é o caso dos povos indígenas ou os povos da floresta como os ribeirinhos, castanheiros e outros.

Temos como exemplo disso no Amapá, que são as terras onde foi encontrada a Caverna do Veadinho, na região do Igarapé do Lago, que é afluente do Rio Maracá. Em seus arredores já foram achados vários vestígios da existência de povos e civilizações pré-históricas da Amazônia. Porém, outros municípios amapaenses também têm relatos de achados de povos antigos, como é o município de Calçoene, Oiapoque e a região do Pacuí.

É de suma importância ratificar que o IEPA possui em sua estrutura o NUPARQUE

(Núcleo de Pesquisas Arqueológicas), responsável por toda a catalogação dos sítios arqueológicos encontrados dentro do Estado do Amapá.

Figura 23 - Exposição do Sítio Arqueológico Caverna do Veado



Fonte: Acervo do autor

### 2.2.5 – Exposição da Ossada da Baleia Jubarte / Maloca

O espaço recém inaugurado, mais precisamente em 22 de Setembro de 2022, dispõe de uma ossada em tamanho real de uma baleia Jubarte (*Megaptera Novaengliae*). O animal foi encontrado por moradores da região em estado de decomposição na foz do rio Amazonas, na ilha de Vitória, nas proximidades do antigo Farol do Guará, localizado nas redondezas do arquipélago do Bailique<sup>15</sup>.

Os restos mortais do animal encalhado foram encontrados no dia 15.12.2018 por ribeirinhos, que logo em seguida entraram em contato com as autoridades da capital do estado do Amapá, a cidade de Macapá, onde se organizou uma força tarefa por órgãos governamentais para o resgate imediato da ossada, pois o ambiente no qual ela se encontrava sofria uma grande intensidade das marés altas e baixas, bem como, da influência da pororoca<sup>16</sup> naquela região.

Outro fator que contribuiu para a rapidez do resgate foi a depredação da ossada pelos próprios moradores da região, que por curiosidades e sem saberem da importância técnica ambiental para estudos do mamíferos, danificavam os ossos ou levavam para as suas residências com se fosse troféu de exposição.

Contudo, as ações de resgate só iniciaram no dia 15 de janeiro de 2019 e duraram até o dia 21 do mesmo mês. Essa ação foi coordenada pelo IEPA, o transporte do material osteológico até a capital Macapá foi realizada de balsa, dado que toda estrutura resgatada pesava cerca de uma tonelada e com aproximadamente 12 metros de comprimento. O interessante nisso é que o crânio do animal é a parte mais pesada e delicada, chegando a pesar entorno de 300 kg.

Ao chegarem no instituto, os ossos foram estudados e enterrados com a finalidade de passarem por processo de limpeza, para posteriormente serem lavados, montados e expostos aos visitantes do Museu Sacaca, sendo ele o único museu da região norte a possuir em sua exposição um esqueleto de uma Baleia Jubarte

Interessante observar que apenas quatro exemplares de ossada de Baleia dessa

---

<sup>15</sup> Arquipélago de ilhas localizadas na foz do Rio Amazonas próximo ao oceano Atlântico

<sup>16</sup> Fortes ondas originadas pelo encontro das águas do rio e do oceano.

espécie estão disponíveis ao público em museus de universidades, cito as do: Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

Figura 24 – Exposição da Ossada da Baleia Jubarte/Maloca



Fonte: Acervo do autor.

### 2.2.6 – Exposição Casa do Ribeirinho

O referido ambiente é uma cópia idêntica das casas ribeirinhas das regiões da Amazônia Amapaense. Toda sua estrutura foi construída e arquitetada pelos próprios ribeirinhos com intuito de manter-se a originalidade das casas locais, não apenas no material, exclusivamente retirado dos ambientes naturais, mas também na mão de obra presente no momento da edificação da casa. É importante enfatizar que dependendo da região Amazônica o modelo das habitações pode ser alterado, exemplos disso são as moradias de terras altas, geralmente com pisos de terra batida, paredes de travejamento de ripas acrescentadas de argilae a cobertura feita de cavacos<sup>17</sup> utilizando-se, assim, de materiais da própria floresta. Segundo Oliveira e Vieira (2022), ribeirinhos são pessoas que, como o próprio nome diz, vivem à beira dos rios e mantêm-se através da agricultura, da caça e da pesca.

A exposição disponibilizada aos visitantes do Museu Sacaca é um exemplar de habitação das terras baixas, pois dizemos que esse tipo de casa ganha pernas, mas tudo tem um propósito e um porquê. Elas são feitas, em sua maioria, de troncos de açaizeiros. Seu piso pode ser feito de troncos de paxiúba ou do próprio açaizeiro, bem como, suas paredes são edificadas do mesmo material. Seu telhado, dependendo da região, podem ser cobertos por palhas de ubim ou de buçu. Para dar mais originalidade às casas do ribeirinho, toda a sua amarração, no que concerne o telhado, paredes e pisos, são feitos por cipós. Geralmente, o mais utilizado é o cipó titica.

O interessante no fato das habitações ganharem pernas é a preocupação que os moradores tem em deixar a casa elevado do nível das marés, das grandes enchentes e cheias no período do inverno, pois existe na região essa grande influência das águas, sendo que normalmente essas casa são erguidas próximo aos rios e igarapé nascendo assim uma harmonia entre a natureza e o homem ribeirinho.

A Casa do Ribeirinho do Museu Sacaca possui quatro espaços, nos quais o visitante pode ter uma noção de como vivem esses povos. Tem um pátio com um pequeno trapiche que indica onde aporta seus barcos e conduções marítimas, sendo a frente da casa. No seu interior possui uma sala com mesa de refeições e alguns utensílios, como: pote de água, altar

---

<sup>17</sup> Restos ou sobras de Madeira.

religioso, serrotes, espingardas, matapi, varas e redes de pesca; posteriormente, tem um pequeno corredor que dá acesso ao dormitório, no qual se tem utensílios doméstico como perfumes, sabonetes, garrafas de remédios feitos de material natural, pinicos, esteiras e redes; tem-se, ainda, a cozinha, espaço onde podemos observar um pilão, panelas muito bem areadas, um fogão de barro típico desse ambiente, além de lenhas, alguidares, bacias, xícaras de porcelana e uma pequena escada que dá acesso à exposição.

Esse ambiente também proporciona ao seu visitante três bonecos feitos de fibra de vidro, os quais transmitem mais originalidade e vida à casa. Eles foram criados em tamanho real e representam os moradores da casa, além disso, vê-se uma boneca representando a ribeirinha, uma outra representando uma criança, filha da dona da casa; e uma outra representando um animal doméstico como o cachorro, cria dos moradores, muito comuns nessas regiões, pois auxilia na segurança de seus donos, na casa na hora da conquista de alimentos e no companheirismo que esse animal proporciona aos seus donos.

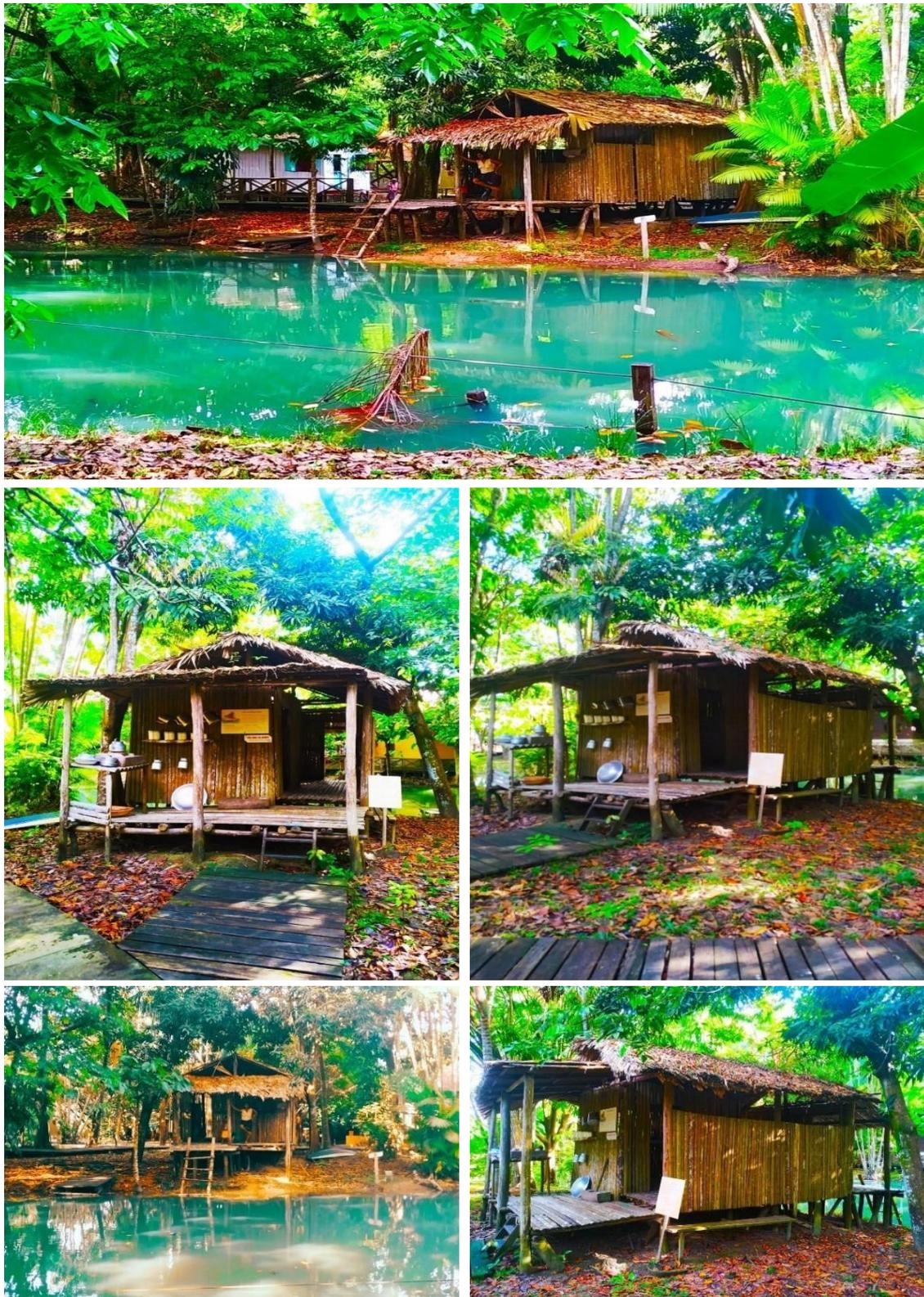
O acervo supracitado está situado no cômodo frontal da casa, em seu pátio, à disposição das peças são propositais, uma vez que, frente à casa do ribeirinho exposta no museu existe um lago que foi escavado, pois era apenas um pequeno córrego. A escavação deu-se devido o projeto da construção do barco regatão a ser melhor explanado posteriormente. Assim sendo, as representações das imagens dos ribeirinhos fazem alusão a uma prática muito corriqueira na região, dado que famílias inteiras instalam-se nos pátios das residências esperando ou vendo os regatões passarem, com a expectativa de que os regateiros lhe trouxessem alguma encomenda ou recado de algum ente querido da capital.

Desse modo, entende-se que os povos ribeirinhos são considerados povoados tradicionais, respeitando suas culturas e vivências direcionadas ao uso dos recursos naturais e a conservação do meio ambiente dentro do seu leque de biodiversidade, encontradas na Amazônia e no seu redor. Dentre esses recursos podemos mencionar a pesca artesanal, a produção agrícola, a criação de gado, suínos e aves que por décadas tornaram-se as principais atividades desse povo com a função de auxiliá-los em sua sobrevivência.

Portanto, a ambientação Casa do Ribeirinho faz uma referência fiel a esses povos tradicionais da Amazônia Amapaense, onde a cultura faz presença nesse espaço de 22 mil metros quadrados, difundindo não só a tradição, mas também as pesquisas realizadas no

IEPAe no Museu Sacaca, com o objetivo de reconhecer as características e a ciência empírica envolvendo o conhecimento e a tradição repassada por décadas pelos seus ancestrais

Figura 25 - Exposição Casa do Ribeirinho



Fonte: Acervo do autor.

Portanto, ao concluirmos essa visita etnográfica que difunde todo um conhecimento referente aos povos tradicionais da Amazônia, percebe-se a ausência de uma exposição no Museu Sacaca que conte a história e reviva a memória do povo tradicional negro, pois tiveramem têm ainda uma contribuição esplêndida quanto ao surgimento da cultura tradicional hoje difundida pelo estado do Amapá, bem como, de suas lutas em prol da melhoria de vida e reconhecimento com o passar do tempo. Lutas que se estendem a décadas, iniciadas pelos seus ancestrais e repassadas tradicionalmente de geração em geração.

Esse fato leva-nos ao pensamento de que exista nesse meio duas possibilidades para a então ausência dessa representação, uma é o preconceito com as questões étnico-raciais, por isso não se dá ênfase nas questões referentes aos negros, sua contribuição à história e à memória representada na cultura do Amapá. A outra é a falta de pesquisadores no IEPA/Museu Sacaca que contribuam com projetos e pesquisas afros com vistas a visibilizar as contribuições históricas que o negro proporcionou e proporciona na identidade e biografia da cultura da sociedade amapaense e brasileira.

### **2.2.7 – Exposição Casa das Parteiras**

Uma das ambientações que representa significativamente os povos da Amazônia Amapaense é a casa das parteiras, localizada no Museu Sacaca, cujo valor reside em propagar e reconhecer identidades tradicionais da região do Amapá, idealizada a partir do projeto “Aparando Vidas”, criado dentro do museu. Esse projeto pesquisou várias comunidades tradicionais que, por sua vez, detinha em seu meio mulheres com o ofício de parteira, um município bastante visitado Mazagão.

O ambiente criado pelo projeto tem em sua vertente aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos e religiosos que fazem parte das comunidades tradicionais pesquisadas, dando ênfase ao dia a dia e na vivência dos povos.

A Casa das Parteiras traz em sua exposição elementos que difundem, de uma forma explícita, momentos ímpares de como as parteiras exerciam seus ofícios, pois seu acervo é contemplado com bonecos feitos de resina, que são representações idênticas da hora de um parto. Outro dispositivo mostra a parteira deslocando-se nas noites “pois as crianças não escolhem a hora de nascer”, indo em direção à casa do ribeirinho com um lampião na mão,

provavelmente para ir realizar um parto, atendimento ou uma consulta emergencial no período noturno.

Nas casa das comunidades tradicionais, geralmente a entrada é pelos fundos da residência, aspecto também representado no ambiente citado. Outro fato interessante é que na cozinha da exposição tem-se um outro boneco, de tamanho real, sentado próximo a uma mesa de café, simbolizando que a parteira estaria ali esperando a visita chegar na casa. É importantesalientar que isso se tornou uma questão tradicional que vem sendo repassada pelos seu ancestrais de geração em geração, bem como, a arte de partejar, dando cada vez mais ênfase à importância dessa mulher e do seu trabalho nas comunidades locais.

Podemos mencionar dois outros pontos importantes exibidos na exposição, um é o altar replicado na sala da casa, onde o mesmo dispõe de vários exemplares de santos da igreja católica mostrando a fé que as parteiras possuem, pois ali são feitas as orações solicitando a benção para um bom parto e, posteriormente, o agradecimento pelo nascimento de uma nova vida. Outro ponto a se destacar é o corredor da mesma sala, porque existe um modelo de uma barriga, um útero e, posteriormente, um escorregador, onde as crianças passam pelos três elementos escorregando até um par de mão que representam os membros das parteiras. No final de todo esse processo é dito à criança que eles experimentaram o nascimento outra vez, ou que eles acabaram de nascer pelas mão de uma parteira.

A casa é, tradicionalmente, construída de madeira de lei, tanto suas paredes quanto os assoalhos. Sua cobertura é feita de palha de buçu ou de ubim, pois são as mais fáceis de encontrar na região, geralmente possuem dois quartos, porém, na casa do museu só tem um. Também possui uma sala, cozinha e um pequeno pátio, ressaltando que nessa cozinha existe alguns materiais como panelas muito bem areadas, potes de água ou barris, petisqueira, malhadeira, garrafas ou xícaras de café, bancos e mesa e o famoso “giral”.

Outro aspecto a ser destacado do acervo dessa ambientação é o quintal da casa, pois alipodemos observar algumas exemplares de plantas medicinais utilizadas pelas parteiras para seu remédios e garrafadas no pós parto. Além disso, plantas de cunho alimentícios que ajudam na hora do preparo das refeições e um galinheiro com bonecos representando os animais. O local possui uma família de porcos, um poço amazônico, varal para a secagem das roupas e uma passarela com corrimão a fim de auxiliar as pessoas com maior idade e

portadores de necessidades especiais.

Temos ciência que as parteiras possuem um conhecimento diferenciado quando se trata de ervas medicinais de vários modelos, pitos e espécies, como: raízes, cascas de árvores, folhas, sementes e produtos naturais, como óleo do andiroba, pracaxí, copaíba, os famosos azeites e o mel, produtos esses que são muito bem manipulados por elas para a produção geralmente de chás e garrafadas que dão auxílio não só às parturiente, como também a toda a comunidade que as cerca.

Podemos até mencionar que essa ciência foi adquirida pelos seus antepassados, devidoo contato com negros e indígenas moradores das regiões próximas e dizer que as parteiras possuem um conhecimento afro-ameríndio por essa junção cultural de saberes dos povos que aqui já estavam (“indígenas”) e os que aqui chegaram (“os negros”).

Todo esse ambiente foi criado propondo encontrar-se o mais original possível com as casas visitadas durante o período da pesquisa. Toda essa criatividade e persistência na personalidade justifica-se pela proposta do espaço da exposição a céu aberto, de trazer aos visitante e turistas do museu um ambiente totalmente natural e tradicional que faça referência à representação os povo da região da Amazônia Amapaense contida no estado.

Outra forma de manter essa originalidade da exposição é na hora de construir, reconstruir ou reformar qual quer uma das ambientações, pois é solicitado pelo Núcleo de Museologia do museu que as obras sejam feitas pelos próprios moradores das regiões onde as pesquisas foram realizadas ou pelos povos tradicionais e regionais, bem como, os indígenas quando a obra se refere às três casas de diferentes etnias existentes no espaço a céu aberto do Museu Sacaca.

Toda via essa obra é custeada pelo Governo do Estado do Amapá através do IEPAe a remuneração empregada é destinada a associações ou grupos comunitários dos povos tradicionais que executam a obra, porque, além de custearem suas alimentações, ainda gastam com traslado na cidade, transporte de suas comunidades até a capital Macapá e ainda trazem a matéria prima utilizada como instrumento para as reformas ou construções.

Através de informações do Núcleo de Museologia, soube-se que a última reforma foi custeada através da doação de verbas do ministério público que recebeu o pagamento

referente a um multa indenizatória de uma empresa que causou danos ambientais ao Amapá, desse valor foi possível reconstruir duas casas indígenas e construir uma nova de outra etnia ainda não exposta no museu.

Figura 26 - Exposição Casa das Parteiras



Fonte: Acervo do autor.

### 2.2.8 – Exposição Casa do Castanheiro

Dentro da trilha do extrativismo regional do Amapá, que compõe a Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, podemos apreciar uma outra exposição que faz referência às atividades regionais do Estado, na qual existe uma farta produção dessa matéria prima, aqui me refiro à casa do castanheiro. Ela é uma casa temporária, uma habitação construída para auxiliar na extração do ouriço da castanha. No Amapá, geralmente, o município onde nós temos um índice muito grande da castanha é Laranjal do Jari.

Ela pode ser chamada de castanha do Pará, da Amazônia ou do Brasil. Para a sua extração há todo um processo, em que o castanheiro vai para a mata na época em que já houve queda dos ouriços das castanhas, uma vez que esses senhores não adentram a mata com ouriço ainda na árvore, pois as castanheiras são extremamente altas e os ouriços bastante pesados, o que poderia vir a ocasionar até mesmo um óbito de qualquer um deles. Geralmente vem de 15 a 20 amêndoas de castanha dentro de um ouriço. Então, o castanheiro vai até a mata equipado com seu cambito, que é a sua ferramenta de colheita do ouriço da castanha. Lá ele engata o ouriço nele, levanta e joga o ouriço no jamaxi<sup>18</sup> que está em suas costas, evitando assim abaixar-se e perder os ouriços já coletados. O jamaxi é um tipo de cesto com cordas que ele carrega em seu corpo para que possa ser levado de volta para a sua casa temporária o máximo de ouriços que o castanheiro consiga carregar.

Ao finalizar a colheita, os castanheiros retornam para as casas com o objetivo de começar o processo de ruptura dos ouriços e remoção das amêndoas das castanhas, normalmente esse processo é feito pelas pessoas que não vão para a colheita e ficam nas casas, na maioria das vezes essas pessoas são mulheres que fazem parte da família ou até mesmo as esposas dos castanheiros. Esses ouriços, por conseguinte, são abertos com pequenos machados, abrindo-se o ouriço úmido de dentro, as amêndoas são retiradas e colocadas dentro de um paiol, onde fazem o processo de lavagem das amêndoas e após essa higienização são colocadas para secar e assim poderem depois ser ensacadas rumo à cidade a fim de serem comercializadas, tanto para fins de consumo, quanto para usos em produtos

---

<sup>18</sup> Cesto feito de palha.

naturais a base de castanha, como sabonetes, shampoos, etc.

Essa casa é feita também com o mesmo material da casa do ribeirinho, como paxiúba ou tronco de açazeiro. As folhas do açazeiro também servem para cobertura da casa, a folha da sororoca também, toda a estrutura da casa também é amarrada com cipó.

Figura 27 -Exposição Casa do Castanheiro



Fonte: Acervo do autor.

### 2.2.9 – Exposição Casa Farinha

A Exposição a Céu aberto também possui uma Casa de Farinha, uma casa dos povos tradicionais da Amazônia na qual se passa todo o processo para confecção da farinha que chega em nossas mesas. É uma casa de piso de terra batida, seu teto de coberto de palha e não possui paredes, contendo todo o arsenal de utensílios que auxilia na confecção da iguaria que perpassa desde a coleta até o preparo final da farinha.

O processo começa com a colheita da mandioca através da agricultura migratória, pois após a colheita aquele local passava por um processo de queimada tornando o solo assim improdutivo, sendo necessário ser escolhido novo local para plantio e colheita da nova safrade mandioca. Esse local geralmente é chamado de roça, que na maioria das vezes é instalado próximo de rios ou igarapés, para facilitar na confecção da farinha, pois a mandioca precisa ficar por um certo período de molho na água.

Após a colheita, a mandioca era selecionada e separada a folha da raiz. Esse era descascado, lavado e ralado nos raladores que lá existem e ficavam em um tronco de árvore oco. Em seguida, ao serem moídas, a massa da mandioca era colocada no ‘tipiti’, um instrumento indígena feito de talas de arumã, em formato cilíndrico tubular com alças em suas extremidades, o qual espremia a massa da mandioca, escoando assim todo o líquido da massa, também coletado, deixando-a a mais seca possível.

Após a massa ser espremida e tornar-se seca, ela é peneirada para ficar fina e em seguida é o momento de torrar a farinha no tacho de quartzo, aceso por lenha e utilizando-se de utensílios de madeira como rodos de pau e tarubá<sup>19</sup>. Mexe-se, então, a massa até ela tornar-se farinha, por conseguinte, são colocadas em gamelas e depois são ensacadas para fins comerciais.

O líquido extraído da massa no ‘tipiti’ passava por um processo de decantação, em que um líquido amarelo era separado de uma goma branca. Líquido que após a separação tornava-se o famoso tucupi e a goma branca se colocada no tacho e fosse mexida com galhos de açazeiro, tornava-se a farinha de tapioca.

---

<sup>19</sup> Espécie de Facão de Madeira

Figura 28 - Exposição Casa da Farinha.



Fonte: Acervo do autor.

A mandioca é um alimento completo, tudo que a compõe é utilizado, até mesmo com todo o processo para tornar-se farinha, suas folhas não eram descartadas, pois das folhas da mandioca se faz um prato típico chamado maniçoba, comumente conhecido na região Norte do Brasil.

### **2.2.10 – Exposição Casa Palikur**

A casa Palikur construída nas dependências do Museu Sacaca, assim como outras ambientações existentes, tem como finalidade transmitir o conhecimento dos que ali encontram-se representados. A Casa Palikur foi construída com matéria prima oriunda da região Norte do estado do Amapá, mais precisamente da reserva Uaçá, localizada no município de Oiapoque. Ou seja, é a matéria prima original da floresta próximo dos aldeamentos dos Palikur. Foram eles próprios que realizaram a construção da casa dentro da área do Museu Sacaca, o que torna essa ambientação uma casa verdadeira só que construída dentro da exposição a céu aberto do Museu Sacaca.

A casa Palikur tem em sua composição os seguintes materiais: casca de Paxiúba ou de açaizeiro na confecção do assoalho; palha de Inajá na cobertura do telhado e das laterais da casa; aquariquara, na confecção dos postes de sustentação; Marupá, ou Cedro no travejamento e nas vigas de sustentação; cipó titica nas amarrações e fixação das palhas de inajá. No processo de construção da casa é sempre levado em consideração, na hora de falar sobre a casa, posto que é feito através de uma técnica de assentamento, na qual não fazem buracos no chão, mas sim uma técnica de estaqueamento bastante primitiva, mais que fixa de maneira muito eficiente.

É importante saber que umas das particularidades dessa ambientação é o fato de que foi erguida com base no conhecimento dos mais velhos para simular um tipo de habitação utilizada por eles até a década de 60 e 70, porém, nos dias atuais elas não são corriqueiras, devido a aproximação com as pessoas que não são indígenas e a interferência das cidades, do progresso e da tecnologia, eles não edificam mais esse tipo de habitação.

Outro ponto a ser observado é que em sua maioria, os Palikur se tornaram evangélicos desde o período da década de 40. Nessa época, a comunidade evangélica fez um altíssimo trabalho de evangelização dos indígenas por parte dos adeptos dessa doutrina religiosa, principalmente os evangélicos da congregação Assembleia de Deus e Adventista do Sétimo

Dia.

Na fronteira da região da Amazônia Amapaense os Palikur estão separados em dois lados. No lado Brasileiro, estão localizados próximos ao município de Oiapoque, região do extremo norte do Estado, mas precisamente na bacia do Uaçá. Pelo lado Frances, eles estão localizados próximo à Guiana Francesa, capital Caiena.

É de suma importância enfatizar que a Casa Palikur, construída nas dependências do Museu Sacaca, faz referência a 4 etnias, são elas: os Palikur, os Karipunás, os Galibis Marworno e os Galibis Kalinã, todos esses residentes nas regiões de terras das fronteiras acima citada, o que facilita o diálogo entre as comunidades e os povos regionais dos países fronteiriços, pois se entende que eles são detentores de várias línguas, promovendo uma boa comunicação, não deixando de esquecer suas línguas maternas como arawaak, o paicuari como também o patoá.

Não se pode esquecer que são os Palikus que mais promovem a ritualista do Turé, isso já foi muito bem explanado neste trabalho quando este se reporta à exposição existente no Núcleo de Museologia do Museu Sacaca, a retrata início meio e fim desse ritual.

Outro ponto que pode ser observado na exposição a céu aberto, além da casa Palikur, são os bancos espalhados por todo o ambiente, que têm formatos de animais representados pelos espíritos chamados pelo pajé para a ritualística do Turé. O interessante nisso é que só o pajé pode ver esses espíritos, após o início da cerimônia que começa com os cânticos e cada Karuãna possui suas próprias melodias. Relatos dos indígenas que construíram a casa no museu afirmam que um dia antes da cerimônia o pajé sonha com os espíritos e o artesão da aldeia cria os bancos conforme a orientação do pajé e do sonho.

Assim, por meio da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, os povos indígenas que vivem no estado do Amapá, puderam expor elementos do patrimônio cultural de seu povo, representar o cotidiano de suas aldeias, mostrar elementos que representassem a sua identidade e a sua cultura [...]. (DUARTE, 2021, P. 29)

Diante disso, percebemos que o Museu Sacaca está conseguindo atingir seu objetivo na difusão do conhecimento técnico-científico e cultural dos povos da Amazônia Amapaense, tendo-se em vista que seu espaço a céu aberto está repleto de exposições que dão ênfase a todos esses aspectos aqui mencionados, deixando, cada vez mais seu visitante,

turista ou até mesmo pesquisador, satisfeito com o que encontra neste espaço disponível à população de terça a domingo, das 09:00 horas da manhã até às 17:00 horas da tarde.

Figura 29 - Exposição Casa Palikur



Imagens do Autor.

### 2.2.11 – Exposição Casa das Wajãpi

As etnias Wajãpis estão alocadas entre os Rios Oiapoque no norte; Rio Jari a oeste; e Araguari a leste, do estado do Amapá. Terras que foram homologadas em 1996, situadas nos municípios de Laranjal do Jari e Pedra Branca do Amapari, fazendo assim ocupações na floresta tropical em uma grande área densa, que boa parte nunca foi explorada bem como, em alguns aldeamentos de terras indígenas Paru de Leste, localizadas no ao norte do Estado do Pará.

O Museu Sacaca é agraciado por poder receber e sua exposição a céu aberto uma réplica em tamanho real de uma casa dos Wajãpi. Pelo seu modelo arquitetônico ela se torna uma das mais belas casas construída dentro do museu. O interessante na construção dessa casa é que todo o material é trazido por eles e retirado com toda precaução técnica da floresta onde eles habitam.

Os Wajãpis constroem suas próprias casas, um exemplo dessa arquitetura incrível é a “Casa Jura” que foi instalado na exposição a céu aberto do museu. Ela possui dois andares, o superior com quase dois metros de altura serve como dormitório e o térreo serve de ambiente propício para ações diários de dentro de casa como: descascar mandiocas, cozinhar, brincar, descansar e para reuniões.

Para a construção da ambientação foram utilizados para o piso troncos de açaizeiros ou paxiubeira, a andirobeira ou a aquariquara foram usar como esteios de sustentação e as mais finas para o travejamento do piso, os telhados são feitos de caibros de pau mulato, folhas de ubim ou palha preta para a cobertura, suas amarrações foram feitas de cipó títica, sua escada é chamada de jurema, ela recebe este nome porque o tronco que é feito a escada é de uma árvore que tem o título de jurema.

Uma curiosidade que chama a atenção é que se os jovens indígenas que resolvem se casar vão morar primeiramente na casa da família da moça e só podem sair de lá quando o primeiro filho do novo casal estiver nascendo, devido a este fato o casal é liberado para morarem sua própria casa, porém o jovem marido tem por obrigação construir a nova residência onde vai morar com sua nova família, claro que todos do aldeamento contribuem ajudando na construção da residência do casal. Essa situação me foi relatada por um indígena que participou a reforma e reconstrução da casa jura do museu em 2019, onde duas casas

foram reformada.

Os jovens indígenas Wajãpi iniciaram a reforma ou reconstrução da casa no Museu Sacaca em 05 de junho de 2019, porém com a obra já bem avançada identificou-se falhas na reconstrução da mesma, onde encontrou-se fora do padrão do projeto original de edificação, ela estava mais baixa, curta e torta, porém depois de alguns acertos achou-se melhor conforme acordo refazer a casa novamente. Com isso houve um atraso na entrega da ambientação, pois ela já estava em um processo bem avançado de construção mais devido vários defeitos foi a melhor escolha a ser feita, com isso os turistas e visitantes tiveram que esperar mais um tempo para vê-la pronta.

Em virtude disso, gestores do museu resolveram chamar os indígenas mais experientes, de preferência, os que construíram a casa anterior, pelo seu conhecimento, paciência, boa vontade e experiência nesse determinado tipo de atividades, dessa forma, foi possível dar continuidade a um trabalho de qualidade em benefício não só dos povos Wajãpis, mas também das comunidades diferenciadas de pessoas que visitam a exposição a céu aberto do Museu Sacaca.

O interessante nessa ação, e para quem acompanhou todo esse processo, é a forma como os indígenas vão fazendo a casa tomar corpo, respeitando todo o passo a passo e a tradição e naturalidade da arte dos Wajãpis. Na casa não existem pregos e é toda feita com materiais retirados da floresta, daí a importância da valorização no meio ambiente, cultura e dos saberes tradicionais repassados tradicionalmente às novas gerações, saberes que não podem se perder com o tempo, porque existe uma grande facilidade de isso acontecer com o progresso e a tecnologia, pois os povos tradicionais podem perder toda a sua essência cultural.

É importante salientar e deixar bem claras que nos aldeamentos existem pessoas identificadas com um certo conhecimento, principalmente quando se refere às tipologias artísticas, pois delas surgem as mais interessantes produções gráficas e artesanais, expostas na casa construída no museu.

A priori, os anciões tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino, com mais de 40 anos são quem detêm todo o conhecimento tradicional e cultural dos indígenas, por isso geralmente é a eles que se recorre quando se quer adquirir conhecimentos antigos e, assim,

as informações são transmitidas por gerações.

Figura 30 - Exposição Casa dos Wajãpis



Fonte: Acervo do autor.

### 2.2.12 – Exposição Casa Wayana e Aparai

No período de reconstrução das duas casas supracitadas, também foi construída no espaço da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca uma nova representação dos povos indígenas, a casa Tucusipan / Porohtoh ou Porohtopo, de propriedade dos Wayanas e os Aparais, que têm sua localização no Parque Montanhas do Tumucumaque – AP, o qual é distribuído nas regiões oeste e norte (“noroeste”) do Estado do Amapá.

No processo de revitalização e construção das casas indígenas, em 2019, participaram quatro etnias: os Palikur, os Wajãpi, os Aparai e os Wayana. É importante destacar que os Wayana e os Aparai vivem no estado do Pará, mas desde a década de 1990, apoiados pelo governo do estado do Amapá, iniciaram um “processo de organização política desses povos indígenas com a criação da Associação dos Povos Indígenas do Tumucumaque-APITU. (DUARTE, 2021. Pg. 12)

A casa edificada pelos Wayanas e Aparis não é uma casa de moradia, é uma réplica perfeita de uma casa comunitária que tem diversas finalidades, como: local de festejos e comemorações, hospedaria para visitantes e cemitério para os caciques e suas esposas. O interessante é que cada chefe de aldeamento tem por obrigação construir essa casa e de também organizar a comunidade onde vive.

Apesar da finalidade desta pesquisa está direcionada ao povo Palikur como destaque, vale informar que as casas Palikur e a Wajãpi edificadas no Museu Sacacasão consideradas residenciais e a casa dos Wayana e dos Aparai é uma casa comunitária, de reunião chamada na língua Aparai, Porohtoh, Porohtopo e na língua Wayana, de Tucusipan. (DUARTE, 2021, Pg. 13).

Em 2019, essa casa foi idealizada pela Diretora Presidente do IEPA da época, a Senhora Marlene de Almeida Souza, (in memoriam) e pelo presidente da Associação Amigos do Museu, o ex-Deputado estadual Jorge Souza, que também já havia sido Diretor Presidente do instituto e posteriormente voltou a assumir o cargo até janeiro de 2022.

O interessante dessa casa é que ela tem o formato arredondado, diferenciando-se das outras duas casas já existentes no espaço, a qual lembra muito os antigos livros de história e contos infantis, onde as casas eram chamadas de ocas. Como a referida ambientação é apenas uma amostra a ser exposta em um museu, ela foi construída em um tamanho reduzido, mas nos aldeamentos, seu tamanho é bem expressivo de uma dimensão muito maior do a que exibida na Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca.

Desse modo, entende-se que uma casa faz parte de um leque de característica

expressivas de grupos sociais que residem em todo o globo, sendo diferenciadas socioculturalmente conforme seu povo, tais como: modelo, estilo, tamanho, formato e características. Nesse caso, a casa Wayana Aparai não se distancia disso, cujas alterações perpassam até pelo material escolhido para sua construção, o que nos faz acreditar que não só os povos tradicionais da Amazônia Amapaense, mas sim todos os grupos sociais se relacionam de uma forma a se adequarem ao meio onde vivem, sejam eles nos aspectos naturais, culturais e humanos.

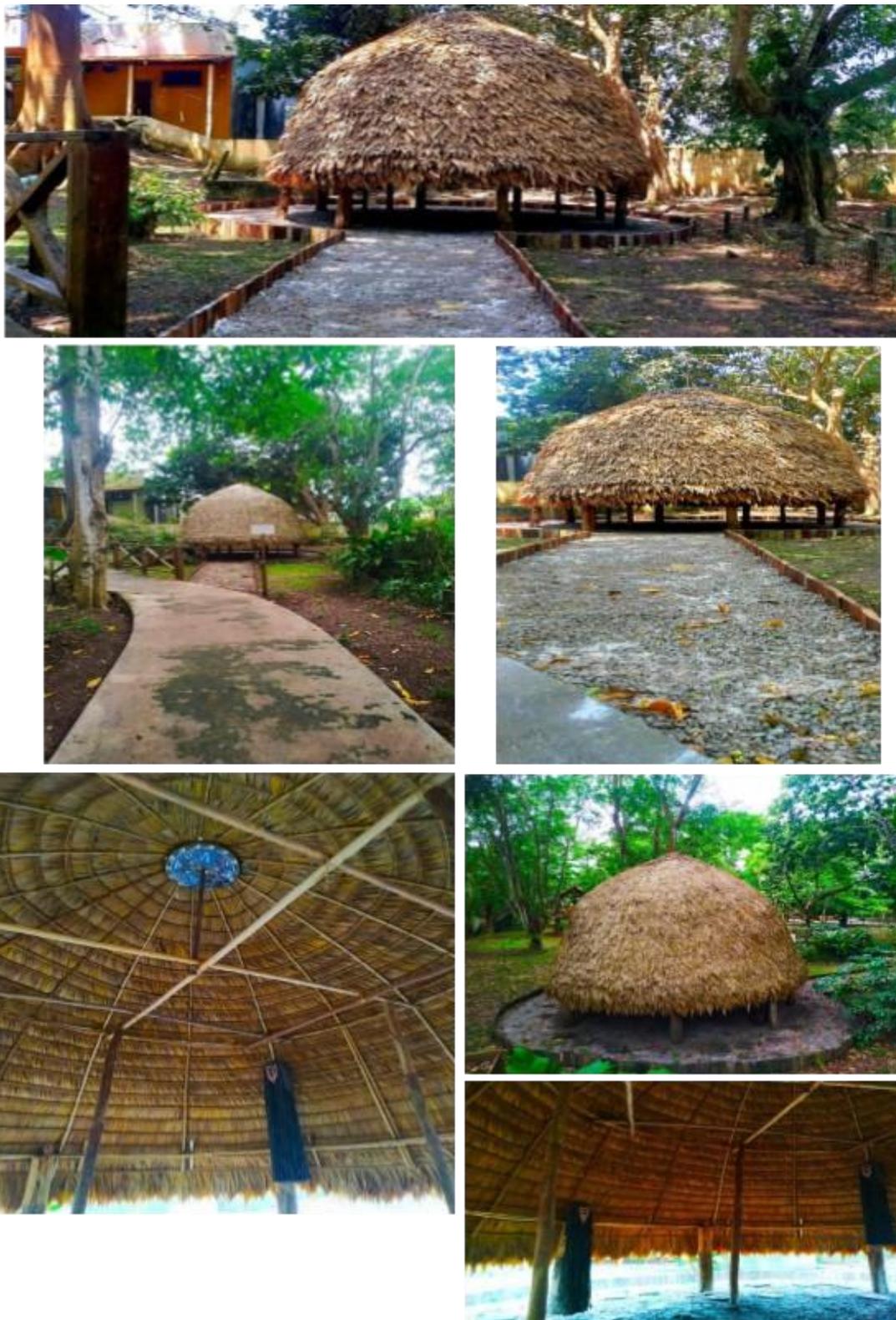
É importante enfatizar que com o avanço da modernidade e as novas tecnologias os povos tradicionais são passíveis de perda culturais, pois ocorre um romper nas fronteiras de seus costumes e tradições. Com o passar dos anos, esse acultramento tradicional se modifique ou se torne cada vez mais escasso, de modo que as novas gerações não terão acesso a conteúdos com Histórias, memórias, costumes, religião, cultura e linguagem, a não ser que seja através de livros e artigos antigos.

Assim como os Palikur e os Wajãpis, os Wayanas e Aparais entregaram sua casa ao Museu Sacaca em 30 de agosto de 2019, momento em que foi providenciada uma cerimônia regada de atividades, programação cultural com referências aos povos indígenas e um dia extenso de comemorações aos guardiões das florestas. É importante deixar registrado que segundo a administração do museu na época, nesse dia o espaço foi agraciado por 2.100 visitas de alunos de escolas públicas e privadas, turistas regionais de todos os lugares do Brasil, visitantes locais e dos municípios do Estado, além de turistas internacionais de vários locais do mundo.

Nesse dia, os indígenas atuaram como os mediadores no museu, podendo representar as suas etnias, vender seus artesanatos, realizar pinturas corporais e compartilhar conhecimentos sobre a sua cultura e a sua identidade. Esse ato foi uma forma de fortalecer a proposta deles ante a sociedade amapaense e as autoridades governamentais que estavam presentes nesta festa, ressaltando a importância de os indígenas atuarem como mediadores no Museu Sacaca, podendo dialogar com os visitantes que frequentavam este lugar.” (DUARTE, 2021, Pg. 83).

A comemoração realmente era para a entrega das ambientações das etnias aqui já mencionadas, no entanto, o museu recebeu indígenas das etnias Galibi Marworno, Karipunas, Galibis Kalinã que se deslocaram até a capital Macapá para partilhar da alegria dos seus irmãos indígenas homenageados na ocasião, com a expectativa de que o museu, num futuro próximo, construa uma representação deles também.

Figura 31 - Exposição Casa dos Wayana e Aparai



Fonte: Acervo do autor

### 2.2.13 - Exposição Barco Regatão

Outra amostra existente na Exposição a Céu aberto, dentro do Museu Sacaca, referente aos povos tradicionais da Amazônia Amapaense é o Regatão, um barco que exerce uma atividade mercantilista, no qual era efetuado o escambo (troca de mercadorias) entre o homem da cidade e o homem ribeirinho. Através dele era trazido para os povos ribeirinhos produtos industrializados, tais como: Tecidos, sapatos, remédios, óleo, açúcar e outras mercadorias às quais eles não tinham acesso, em troca de matéria prima para novas confecções ou comercializações, como: Mandioca, farinha, pescado, sementes, frutas, óleo ou sementes de andiroba, pracaxí e copaíba. Essas trocas precisavam ser equivalentes, para isso, tudo era pesado para que a troca fosse compensada. Assim, o regateiro carregava consigo uma balança com vários tipos de pesos que proporcionavam uma transparência na hora de pesar os produtos para fazer o escambo.

No Amapá, os regatões tiveram suas presenças marcantes nos Rios Araguari, Jari, Amazonas e no Rio Vicente de Pizón, conhecido nos dias atuais como Rio Oiapoque, pelo qual ocorria a mercantilização das drogas do sertão, como: guaraná, o anil, a salsa, o urucum, pau-cravo, gergelim, cacau, baunilha e castanha-do-brasil. Os rios também serviam de rotas de fugas para piratas que atacavam pela região.

Outro momento registrado na história dos regatões foi sua presença no ápice do ciclo da borracha, desenvolvendo uma importante função no final do século XIX. Para os trabalhadores dos seringais, a atividade do regatão proporcionava muito mais do que mercadorias a serviço de sua sobrevivência, pois, uma vez excluídos da sociedade em razão do trabalho, tudo que aparecia a eles era novidade, isso explica o deslumbramento com os produtos inovadores, como as brilhantinas, os tecidos com suas rendas com lindas estampas, os perfumes e cheiros diferenciados, as camisas e saias com suas anáguas, além das maquiagens como os pós de arroz batom e tudo que estivesse na moda.

É importante darmos ênfase para o fato de que, dentre os acervos do regatão no Museu Sacaca, há uma representação de 02 pessoas que hoje têm um empreendimento muito importante no Estado, que são os supermercados Santa Lúcia, que vieram dessa tradição do Regatão. Os pioneiros desse movimento de escambo do Regatão foram seu Rocha e seu Gonçalo.

Os senhores Gonçalo e Rocha foram pioneiros desse movimento mercantilista que não se tratava de vender coisas, mas da prática do escambo (trocas de mercadorias), principalmente com o povo ribeirinho, por exemplo, para adquirir uma lata de manteiga, o ribeirinho deveria oferecer algum produto que ele possuía (da agricultura, caça ou pesca), o qual seria pesado, posto que a oferta deveria ter o mesmo peso da lata de manteiga (pesos equivalentes). Além da troca de produtos manufaturados, também ocorriam as trocas de remédios, caso fosse necessário.” (OLIVEIRA E VIEIRA, 2022, Pg. 204).

Dentro do Regatão existe um acervo de materiais que poderiam ser trocados com os ribeirinhos, como: perfume, brinquedos, sabonetes, cordas, panos, lamparinas etc. Nesse sentido, é feito dentro do Museu Sacaca uma simulação de como esse escambo era realizado. Esse Regatão faz um pequeno trajeto até a casa do ribeirinho, onde a família já o espera do lado de fora de suas casas para fazer a aquisição dos produtos necessários e volta de marcha à ré.

Para a realização desse trajeto feito pelo barco dentro do museu, foi aproveitado um pequeno córrego existente no espaço onde está situado o museu, o qual é abastecido por um olho d’água mais a água da chuva, porém, o córrego sofreu um processo de alargamento e aprofundamento para que o Regatão pudesse navegar dentro do museu, com isso, mais um atrativo faz parte da exposição, pois o lago de água corrente recebeu vários espécimes de animais marinhos, como: Tilápias, tambaquis, pirarucus e uma grande quantidade de quelônios amazônidas como as tracajás, aperemas, matá-matá e outros, fazendo com que ele trouxesse mais naturalidade à exposição.

Além de comercializar os produtos industrializados, o Regatão também era uma formade correio, de noticiar algo que pudesse fazer a comunicação entre comunidades e famílias, pois essas, na sua maioria, possuía um rádio que transmitia as informações por onde passava, deixando os ribeirinhos sempre atualizados do que ocorria pelo mundo afora.

De mais a mais, o Regatão também possuía o rádio, único meio de comunicação nas comunidades em que passava. Reiterando, os povos que moravam afastados esperavam a passagem do Regatão, a fim de obterem notícias do centro da cidade e de seus parentes que ali viviam. (OLIVEIRA E VIEIRA, 2022, Pg. 204).

Em épocas atrás, a forma de comunicação mais utilizada era através do rádio. Então, quando os povos ribeirinhos distantes queriam se comunicar, ou quando faziam viagem para cidade e queriam mandar mensagens para sua família, utilizavam-se dessa ferramenta. Logo, ao passar para fazer o escambo, o rádio também fazia os anúncios do dia para aquele povoque morava naquela localidade a fim de que eles pudessem receber as notícias

do mundo a fora. O Regatão do Museu Sacaca também possui seu rádio em perfeito estado de conservação.

Figura 32 - Exposição Barco Regatão



Fonte: Acervo do autor

### **2.3 –Expondo Preconceito, Discriminação, Esquecimentos, Lembranças Afrodescendentes e Religiosas**

É de total conhecimento da sociedade brasileira que, desde a época da colonização do país, existiram várias interações, por vezes violentas, de diferentes grupos étnicos, que produziram seus conhecimentos e procuram o diálogo em espaços formais e não formais.

A formação da sociedade brasileira teve diversos elementos culturais que contribuíram para a multiculturalidade, marcada pela aculturação, de modo que a identidade cultural se estabeleceu a partir das relações sociais. Interpretar a relação entre religião e cultura e a compreensão do contato cultural das diferentes etnia [...].(RIBEIRO, 2016, p. 192).

Os conflitos humanos vêm se prolongando pelos séculos, pois para algumas classes fervorosas da sociedade, existe apenas um padrão. Isso nos permite enfatizar que essa visão fervorosa pode levar a atos intolerantes e preconceituosos, os quais podem prejudicar o convívio em sociedade e disseminar a violência. O preconceito existe, disso não se tem dúvidas, a percepção que se tem sobre esse fanatismo é de que as pessoas avaliam sua cultura com superioridade e discriminam as outras principalmente pela falta de conhecimento ou pela recusa de que existem outros seguimentos capazes de incentivar o viver das pessoas e que isso lhe faz bem.

Podemos citar, como exemplo, os preconceitos com as religiões de Matriz Africana, à vista da demonização dos seus cultos, o que ocorre há bastante tempo. Esse sofrimento, pois, é sentido com a chegada dos negros africanos na época do Brasil colônia, que, ao chegarem aqui como escravos, trouxeram em sua bagagem cultural seus cultos e seitas, que logo não foram aceitos, pois o catolicismo imperava como a religião dominante nesse processo de criação de um novo mundo.

A forma utilizada pelos africanos de driblar os senhores donos das terras e a Igreja Católica para poderem continuar realizando seus cultos deu-se através do sincretismo religioso, processo em que comparavam os deuses africanos aos cristãos, nesse sentido, os “Orixás” eram colocados em equivalência aos santos da igreja católica por semelhança, a exemplo de Oxalá, como Jesus Cristo; Ogum; como São Jorge; Iansã, como Santa Barbara; Xangô, como São Jerônimo; Exu, como o Diabo; Iemanjá, como Nossa Senhora da Conceição e outros. Acerca disso, Bittencourt Filho (2003) afirma que:

Africanos, em virtude das condições em que foram trazidos e espalhados por várias partes do Brasil, teceram um vasto e complexo processo sincrético, em que buscaram contornar as diferenças entre as religiões ancestrais, por eles mesmos trazidas; acolheram conteúdo das religiões indígenas, quando equivalentes aos seus e, de modo a evitar confrontos diretos com os senhores de engenhos, que não lhes permitiam a prática de outra religião que não fosse o Catolicismo, dissimularam suas crenças, pela justa posição dos orixás com os santos católicos. (BITTENCOURTFILHO, 2003, p. 52).

Atualmente, ainda existem em algumas casas religiosas de matriz africana, imagens de santos católicos perpetuando o sincretismo religioso. Por vezes, algumas casas fazem referências aos próprios santos católicos, não discriminando, mas sim respeitando o sagrado alheio. É esse respeito ao culto ou à cultura do outro que devem ser propagados não só pelos templos religiosos de candomblé e umbanda, mas também por instituições de ensino, políticos, igrejas, templos evangélicos e outros, pois o Brasil é um país que prega a liberdade de expressão e sua população tem o direito de escolher qual religião quer participar.

No intuito de entender essa discussão, é preciso compreender o conceito de laicidade. Fruto da separação entre Estado e Igreja, onde supostamente é excluída do poder político e administrativo e, em particular, do ensino. O Estado laico nasceu de um processo de laicização, de um afastamento dos preceitos religiosos, de uma emancipação e construção progressiva, sobretudo do poder da Igreja católica. Podemos dizer que o Brasil é laico, pois não obriga sua população a seguir nem uma ou outra religião. Apesar da sua diversidade religiosa, a sociedade tem o livre poder de escolher a que dogma seguir.

Será que esse pensamento discriminatório não está contribuindo para que haja um esquecimento ou não se dê o determinado valor às questões afrodescendentes dentro da Instituição Museu Sacaca? Essa é uma questão que provavelmente tentaremos esclarecer até o fim desta pesquisa.

Tendo em vista essa problemática, concorda-se que a “laicidade é um princípio fundamental e fundador da República Francesa” (DOMINGOS, 2008), que tem como ideal a igualdade na diversidade, o respeito às particularidades e a exclusão dos antagonismos. É concebida como um fator que favorece a construção de uma sociedade livre, que preserva o espaço público de todo esfacelamento. A laicidade une então, de forma indissociável, a liberdade de consciência, fundada sobre a autonomia de cada um, ao princípio de igualdade entre os seres humanos.

É, portanto, a garantia da liberdade de pensamento cidadão dentro de uma comunidade política; a garantia da liberdade de espírito e da liberdade do próprio ser humano. O princípio da laicidade vai ao encontro do princípio da tolerância, conhecido pela Declaração dos Direitos do Homem, de 1789. Essa tolerância passa pelo respeito ao culto do outro, à aceitação de sua opinião, como assinala o artigo 10 da referida declaração: “Ninguém poder ser perseguido por suas opiniões, mesmo religiosas, contanto que sua manifestação não perturbe a ordem pública”. Ou, ainda, o artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião”.

Ao contrário do que possa parecer, a laicidade é um princípio que assegura a liberdade de consciência e garante o livre exercício dos cultos, ressalvados os interesses da ordem pública. O Estado laico é aquele onde o direito do cidadão de ter ou não ter religião é respeitado. A palavra religião vem do verbo latino religare (re-ligare). Religar pressupõe uma ligação originária desfeita, mas que admite uma nova ligação (re-ligar).

Apropriando-se da certeza de que o Brasil é um país multirreligioso e multicultural, e que já existe, em algumas cidades brasileiras, a manifestação das representações da cultura africana em ambientes históricos ou em museus, não se pode deixar de observar a ausência dessas representações no Museu Sacaca, principalmente, porque se trata de um ambiente a céu aberto que expõe manifestações culturais relacionadas aos povos que vivem, que chegaram na Amazônia Amapaense e ao que se refere à comunidade negra.

Entende-se que um museu é um ambiente ou lugar onde se guarda e resguarda objetos que fazem parte da história e da memória, são acervos de imensurável prestígio e valores, principalmente sociais e culturais de civilizações antigas com o objetivo de manter viva a história desses povos e locais que um dia fez parte de um contexto de criação de novas gerações, pois através disso podemos entender de onde viemos, perceber o que vivemos e podemos projetar um possível futuro.

Também podemos enfatizar que um museu é um local de prestígio pois agrega fatos, reflexões e informações onde a sociedade tem a possibilidade do reencontro com o passado, relembra os acontecidos trazendo de volta todo o contexto histórico que um dia fez parte da conjuntura social da humanidade.

Neste sentido histórico e cultural, não se pode deixar de lado as memórias afrobrasileiras, que desde a chegada do negro no Brasil, elas foram manipuladas de uma forma errônea desvirtuadas de todo o seu estilo natural por racismos e intolerâncias, pois na maioria das vezes a ideologia que prevalece é a do branco colonizador europeu, como confirma, Cunha (2017):

É o caso das memórias afro-brasileiras, que foram manipuladas, deturpadas e minimamente preservadas em museus, por conta de um ideal de branqueamento nacional, que, aliado a um imaginário civilizatório marcado por perspectiva eurocêntrica, produziu imagens sobre a presença do negro na sociedade brasileira marcadas por preconceitos e abordagens reducionistas sobre culturas africanas, suas diásporas para o Brasil e sua participação no desenvolvimento local, ao longo dos séculos até a atualidade. (CUNHA, 2017).

Nesse mesmo viés, estudos realizados por Cunha em (2017), no Guia dos Museus do Brasil, do Instituto Brasileiros de Museu – IBRAM, publicados na revista do Centro de Pesquisa e Formação / nº5, setembro 2017, identificada como “Museus, Memórias e Culturas Afro-Brasileiras”, nos revela que:

Analisando informações constantes no Guia dos Museus Brasileiros, publicado pelo Instituto Brasileiro de Museus em 2011, relacionadas a 3.118 museus, revela o quanto ainda é incipiente a abordagem museológica de temas como a infância, a mulher, o índio e o negro, pelo menos tomando como ponto de referência a denominação da instituição. (IBRAM, 2011).

Percebe-se que, por mais que alguns museus pouco tratem do tema aqui abordado, essas informações são de baixa relevância para a imensidão cultural trazida pelo negro para o Brasil. Por esse tamanho imensurável que é o país, e pela ajuda que o negro deu na sua formação social, essas histórias poderiam ser bem mais abordadas pelas entidades e instituições que tem por objetivo cuidar, estudar, resguardar, difundir e manusear a história do Brasil com a da comunidade negra.

Nesse sentido, é perceptível que desde a sua ampliação com temas culturais diversos, nota-se a ausência das representações religiosas de matriz africana no espaço, o qual pouco ou quase nada faz referência à cultura negra do nosso estado ou país.

Observa-se também a falta de informação no que versa sobre as representações religiosas da cultura afro-brasileira na exposição a céu aberto do Museu Sacaca, pois elas também contribuem e fazem parte da cultura amazônica da região.

É de conhecimento social o quanto a falta de informação prejudica o relacionamento

das pessoas. Isso vem se estendendo por várias décadas, principalmente quando esses conhecimentos estão relacionados aos saberes Afro-brasileiras existentes em nosso país. Essa ausência de conhecimento de parte da sociedade influencia na falta de credibilidade de outras culturas. Isso faz com que pessoas se excluam e sejam excluídas do meio social, ferindo a dignidade humana, ocasionando práticas de intolerância e de preconceito.

No Brasil, na época da sua descoberta, os nativos que aqui habitavam já realizavam seus cultos e cerimoniais religiosos ou de agradecimentos as suas espiritualidades, como indica a exposição do Turé existente no Museu Sacaca. Com a colonização das terras brasileiras, novos povos vindos da África e da Europa chegaram com suas ritualísticas, tornando o Brasil um país rico na pluralidade cultural.

Entretanto, apesar de estarmos em um Estado livre, onde todos têm o direito a sua liberdade, as comunidades africanas ainda sofrem com a intolerância e a discriminação exercida por parte da sociedade e de grupos fanáticos contrários. Essa falta de tolerância vem agravando-se com o passar dos anos, desencadeando humilhações, assassinatos e destuição detemplos religiosos, em que imagens do sagrado são danificadas e pessoas são agredidas.

Tendo em vista a carência de informação e esclarecimentos é que essa pesquisa se faz estudar o porquê de não há no Museu Sacaca nenhum tipo de ambientação ou exposição que propague as expressões da cultura afro. Principalmente, após sua última reforma e ampliação ocorrida no ano de 2011. Até o ano de 2023 esses espaços não existem, perdendo-se a oportunidade de difundir o conhecimento da história e da memória, através de exposições e trabalhos pedagógico culturais, acerca da contribuição do negro na região.

A falta de informações sobre a cultura religiosa afro-brasileira remete-nos a alguns fatores que desencadeiam atos desumanos, dentre esses percebemos com ênfase a crítica por falta de conhecimento como um estopim para a violência. Nessa perspectiva, crítica é compreendida como diferente da intolerância. O direito de se construir uma crítica construtiva não é empecilho de um diálogo produtivo, desde que isso seja feito sem desrespeito ou ódio, é assegurado pelas liberdades de opinião e expressão.

A Constituição Federal de 1988 é o documento legal mais importante do país, no seu artigo 6º prevê questões sociais que auxiliam todos os brasileiros. Essa legislação proíbe

qualquer tipo de intolerância, sendo livre a prática cultural no país.

Dentre as leis que contribuem com o combate da intolerância e do racismo, podemos citar: Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997: Altera os art. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Em seu art. 1º “serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.” “Art. 20: Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa”. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003: Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino pública e privada a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

Com base nas leis brasileiras contra a intolerância, o racismo e o preconceito justifica-se essa pesquisa, tendo em vista a ausência das representações culturais religiosas de matriz africana no Museu Sacaca, porque se entende que o espaço possui portas abertas e pode se tornar um difusor do conhecimento cultural afro-brasileiro, parte da história do Brasil, bem como do estado do Amapá.

Desse modo, tem-se a curiosidade de averiguar a razão pela qual as questões históricas da diversidade cultural afro-brasileira não estão sendo trabalhadas nesses ambientes e como está sendo realizado a exposição desse conhecimento técnico-científico para a sociedade que procura o museu.

O que se vislumbra é que o ambiente supracitado seja um ponto estratégico de disseminação do conhecimento que contribuirá com o combate à intolerância e o diálogo intercultural no estado do Amapá.

Portanto, esse trabalho pretende contribuir com informações pertinentes que auxiliará a comunidade museológica do Museu Sacaca a construir uma ambientação que colabore com a história e a cultura afro-brasileira dentro do Museu Sacaca. No sentido de difundir acerca da chegada e a história de luta dos negros no Amapá, assim como possibilitar meios didáticos e metodológicos capazes de auxiliar no que concerne à história das religiões de Matrizes Africanas, especificamente a Umbanda, Candomblé e o Tambor de Mina,

subsidiando a sociedade de informações, que sirva de instrumento de pesquisa para funcionários do museu e para as instituições em busca de dados sobre o tema. Busca-se, ainda, um diálogo intercultural, suprimindo a carência existente sobre esse assunto, principalmente dentro dessa instituição a fim de que, através do conhecimento exposto, essa ambientação possa ajudar no combate à discriminação, à intolerância e o preconceito existente na sociedade brasileira.

### **3- AS CONTRIBUIÇÕES DO NEGRO NO AMAPÁ, SUAS HISTÓRIAS SUAS MEMÓRIA**

#### **3.1- O Negro e a Sua Contribuição Cultural Para o Brasil e o Amapá**

É perceptível que as tradições culturais dos povos da África ainda continuam em estudos, porque sempre proporcionam muitas descobertas pelas suas diversidades e pelo seu apagamento em algumas áreas. Devido a esses enfoques, apresenta-se esse diálogo com foco na contribuição da cultura negra africana no Brasil, em especial no estado do Amapá, além disso, a importância das representações históricas que são memorizadas neste estado, analisando os valores dos aspectos históricos deixados pelos povos africanos e difundir conteúdo histórico existente da cultura africana aqui instalada. Enfatizar, ainda, a importância da memória e da educação nas tradições negras e demonstrar ao leitor o valor das representações históricas para os costumes do povo amapaense.

É notório que a História da África e suas representações, que são memorizadas, tem sido apagadas ou negligenciadas até aproximadamente os anos de 1960, apesar dela possuir um legado histórico de sofrimento desde a época da colonização europeia, pois os séculos passados trazem consigo manchas da colonização que falseiam o conhecimento histórico africano para trazer positividade eurocêntrica a fim das elaborações e contribuições históricas para o mundo, que posteriormente serão distribuídas por instituições educacionais e massificará o poder europeu diminuindo a visibilidade da história e das representações dos negro.

Com a chegada dos europeus no território, a ser chamado posteriormente de Brasil, a cultura do local foi aos poucos tendo modificações que abalaram todo o sistema social de um povo. Nesse processo, muita vezes essa cultura passava despercebida ou era esquecida com o passar do tempo, à medida em que novos modelos socioculturais estavam instalando-se no novo mundo, sabendo-se que chegavam ao país, portugueses, espanhóis, ingleses e africanos para povoar as terras , e no Amapá não foi diferente.

É importante termos sempre em mente o quanto são ricas e diversas as tradições e culturas espalhadas em torno dos continentes, as quais, por vezes, são reflexos de uma sociedade sofrida que até hoje carregam consigo marcas do duelo dos séculos. Isto nos põe a refletir para que abramos os nossos corações e a nossa mente com intuito de compartilhar

e entender um pouco da cultura existente nos países, principalmente africanos.

Conhecer as representações da história e memória africana que chegaram ao Brasil e ao Amapá é uma viagem ao passado com a finalidade de manter viva as tradições das suas sociedades. Isso se torna indispensável na formação das identidades dos grupos. Por isso existe a necessidade de se reconhecer e preservar historicamente essas culturas.

Falar e escrever sobre a importância das representações históricas que são memorizadas na cultura negra é de extrema importância para que não haja o seu apagamento, tendo como base relatos e histórias descritas por autores negros como o Dr<sup>o</sup>. Ivanir dos Santos, a Dr<sup>a</sup> Mariana Gino, ou mesmo os africanos, como o escritor Joseph Ki-Zerbo, bem como europeus, pois são deles o pontapé inicial quando se dialoga sobre autores que descreveram a respeito dessas tradições.

De outro modo, é notório que as representações históricas das tradições africanas têm chamado a atenção de historiadores e escritores para um reatar de laços, pelo simples fato do desenvolvimento de países, até mesmo autores amapaenses, tem se engajado nessa luta de não deixar essa memória e essa história serem esquecidas, e esse movimento proporciona um certo rejeito de aspectos eurocêntricos embutidos em seus históricos, por vezes mal contados.

Este estudo permite-nos a compreensão de que autores deveriam caminhar difundindo a história de onde vivem, e os autores amapaenses não devem se esquivar de tal compromisso, cada um em seu espaço e com suas especialidades, assim conseguiriam histórias mais confiáveis para expor ao mundo as suas tradições e a sua cultura. Isso implica não depender apenas dos escritores europeus que, por falta de conhecimento prático ou por quererem impor suas visões, falseiam algumas informações que por vezes fazem muita diferença na representação histórica.

É possível de se compreender que a história dos negros no Amapá perpassa por uma reconstrução do passado, que deve ser feita em um formato técnico com respaldos teóricos e metodológicos, passíveis de estudos, críticas e análises vindas das universidades e de seus estudos baseados em pesquisas acadêmicas. Desse modo, esse estudo conseguirá respaldo específico não só para se manter, mas, também para contribuir com uma melhor compreensão do tempo passado para que se compreenda o presente e gere expectativas

positivas para o futuro desses povos.

Literaturas e textos que evidenciam os negros no Amapá são escritos pela necessidade de serem e exporem suas tradições a fim de que sejam reconhecidas, difundidas e estudadas, tendo como objetivo fazer com que sua historicidade não seja analisada e escrita somente pelos brancos, como ocorreu por décadas, tendo em vista que as memórias e lembranças fazem parte de uma vivência e da conservação de informações individuais de cada pessoa, apenas sendo dividida com outros indivíduos através da escrita ou de relatos orais originados através da construção histórica da linguística.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”(LE GOFF, 1999, Pg.366).

Por décadas o povo negro, não só no Amapá, como também em outros contextos, viveu em uma sociedade sem escrita documental, valendo-se apenas de suas memórias e relatos orais, principalmente transmitidos por diversas gerações através dos *griots*<sup>20</sup>, contadores de história que exercem muito bem sua função e não permitem que suas histórias sejam esquecidas através do tempo. Se fazem valer dos povos tradicionais perpetuando seus contos, originando uma memória coletiva muito utilizada na cultura africana.

Um estudioso que trabalha com tradições orais deve compenetrar-se da atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, atitude essa, totalmente diferente da de uma civilização onde a escrita registrou todas as mensagens importantes. Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerado que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas. (VANSINA, 2010, Pg.139/140).

No Brasil, apesar da percepção de que antigamente o povo negro, por décadas, sofreram por conta da difusão da falta de sua escrita, outro elemento é muito bem enfatizado nessas sociedades, como é o caso da produção linguística, pois é muito bem diversificada

---

<sup>20</sup> Griots são termos utilizados para homens contadores de história, poesias e músicos da África Ocidental. Tem sua importância na difusão dos conhecimentos dentro das suas tradições e estão em diferentes países do continente africano, sendo também reconhecidos como jali (em mandês), gwel (em wolof), iggawen (em hassania) ou arokin (em iorubá).

dentre os africanos que aqui se instalaram, produzindo entre eles uma ligação histórica.

O que favorece a ligação entre história e linguagem na tradição dos povos da África negra é a concepção que esta, em geral, conservou dois fenômenos. Tal concepção identifica, espontaneamente, pensamento e linguagem e encara a história não como uma ciência, mas como um saber, uma arte de viver. (DIAGNE, 2010, Pg. 2247).

As tradições e as culturas do povo negro no Amapá continuam em estudos e descobertas. As histórias deles, na maioria das vezes, dá-se pelo elo existente entre história e linguagem, em que uma perfaz a outra, pois a própria linguagem, sendo variada com dialetose formas originais, traz-nos artefatos que apontam a sua própria história.

Observa-se que os grupos sociais que chegaram ao Amapá são compostos por uma massa humana que conduz e têm em sua bagagem uma história cultural linguística de tradições diversificadas e empíricas, a qual disponibiliza esse conteúdo para estudos sobre a ótica das palavras de uma construção social.

Os Bakongo de civilização bantu, os Ibo de Benin ou os Susu de cultura sudanesa deixaram poucos textos (ou mesmo nenhum) que correspondem às normas de uma ciência histórica moderna. Em contrapartida, produziram, como fonte de informação, uma abundante literatura oral com gêneros distintos de modo relativamente nítido e obras que hoje seríamos tentados a classificar como contos, novelas, narrativas, crônicas de epopeias históricas, lendas, mitos, obras filosóficas ou cosmogônicas, reflexões técnicas, religiosas ou sagradas. Nelas se mesclam o verdadeiramente vivido e a ficção, o evento que pode ser datado e o mito puramente imaginário. (DIAGNE, 2010, Pg. 248).

No parágrafo acima relata-se acerca de civilizações que deixaram poucos textos, porém sua metodologia, parte de conteúdos e informações oralizadas por diversos gêneros correspondentes à história moderna, pois suas histórias percorrem o passado que hoje seriam obras literárias, nas quais miscigenariam o imaginário e o real. Isso reflete bastante quando damos exemplos no Amapá, como o marabaixo trazido da África, dado que suas músicas, conhecidas sob a alcunha de “ladrões”, quando cantadas, refletem o dia a dia dos negros, que naquele momento estão oralizando uma situação ocorrida frequentemente.

Entende-se a pluralidade étnica que consiste o povo africano que chega ao Brasil, considerando-se que suas tradições, culturas e linguagens são diferentes. Para algumas pessoas isso poderia soar estranho, pois falamos de um único continente, no entanto, para eles

isso é uma prática bastante comum, pois seus falares se diversificam por nações, podendo ser falado até mais de um idioma para que assim consigam se comunicar.

Não só no Amapá, mas também em todo território brasileiro, o povo negro deparou-se com necessidade de se reinventar em uma reconstrução histórica do seu modo de viver, levando-se em consideração algumas técnicas e critérios de sobrevivência nesse novo mundo. Apesar disso, seu instinto de sobrevivência não abalou sua fé e nem sua ancestralidade, pois suas tradições vêm sendo repassadas a séculos de família a família. Por isso sua história pode ser traçada e datada. Para não se perder a cultura e as tradições, pontos e técnicas devem ser levados em consideração, como a ancestralidade e o conhecimento repassado de pai para filhos, o que pode ser muito bem explanado em exposições em museus.

Ao deleitar-me no conteúdo da obra *“O Mundo se Despedaça”*, compreendi a referência do livro à cultura e ao mundo no qual os negros vivem ou viveram, lugar que aos poucos foi se acabando com a intromissão dos europeus que surgiram naquele continente. Isso não se pode deixar acontecer, por isso os ambientes museológicos devem deixar essa memória muito bem explanada em suas exposições. Ademais, o livro abrange vários assuntos, como: cultura, tradição, linguagem, sociedade e meio de vida. Tudo isso para mostrar que esse povo era e ainda é cheio de evoluções e tradições, por essa razão, suas histórias não podem ser apagadas pelo tempo.

As comunidades negras sofrem muitos preconceitos e por vezes tem medo do julgamento arbitrário de grupos racistas, tornando-se vulneráveis a esse tipo de sentimento, sendo violentadas fisicamente e psicologicamente. Em consequência, acabam maltratando a si próprias como defesa e autoproteção contra aqueles personagens que não são bons ou, podemos dizer, anti-heróis, que no decorrer da história cometem muitos erros que acabam despedaçando a imagem do homem “branco”.

Fato é que os racistas têm como objetivo impor suas verdades, julgando a cultura e a tradição dos negros como erradas, pois a única certa são as deles, quando se remetem às religiões, principalmente o cristianismo. Agindo desse jeito, os grupos racistas desrespeitam a cultura, a tradição e a vida, arranjam brigas e tentam impor suas verdades, querendo obrigar todos a seguirem os costumes que eles acreditam a uma sociedade já detentora de sua

própria crença, seus próprios costumes, culturas e tradições.

Os povos ainda sofrem pela dificuldade de se extinguir o racismo, pois ele continua presente na história, tendo em vista o seu enraizamento na época da colonização através de fatores como o tráfico negreiro, que escravizou, matou e comercializou muitos negros.

Devido algumas situações como essa, entende-se que há uma certa dificuldade na exclusão do preconceito na sociedade, pois mesmo com o passar do tempo ainda podemos observá-lo em várias situações como o ocorreu com *George Floyd*, morto por um policial no EUA, assim como o ocorrido com o homem negro espancado e morto por seguranças e por policiais no *Carrefour* de Porto Alegre; ou, ainda, o caso mais recente ocorrido em um quiosque na praia da Barra da Tijuca, onde o congolês oriundo da República do Congo, *Moise Mugenui* de 24 anos de idade, foi brutalmente espancado até vir a óbito.

Mas a cura dos preconceitos é demorada, pois o racismo se espalhou de forma difusa e imane nos manuais escolares, nos filmes e programas de rádio e televisão facciosos, e na presença de “dados” psíquicos mais ou menos conscientes trazidos às vezes pela educação religiosa e com mais frequência ainda pela ignorância e pelo obscurantismo. Nessa batalha, o ensino científico da história dos povos constitui a arma estratégica decisiva. (CURTIN, 2010, p. 40).

Torna-se claro o quanto o racismo ainda está presente na história dos negros, principalmente na dos povos africanos, pelas suas raízes mais fortes com o continente e todo um processo de colonização que transformou uma sociedade em subalternos dos europeus pelo fato de quererem impor sua cultura a um povo que já era ou já é aculturado.

Nesse sentido, entende-se que existe uma luta árdua para não se deixar a cultura negra ser apagada, pois são histórias e memórias que são apresentadas e representadas por aquela sociedade, por isso uma construção social como essa não pode ir desaparecendo, sendo despedaçada por outros povos, nações ou indivíduos que chegam impondo suas tradições às outras.

No Amapá, o negro tem uma influência muito grande na cultura, post que as tradições trazidas no século XVIII pelos negros africanos ainda fazem referências na sociedade amapaense, fato que é pouco memorizado nos museus do estado, em especial no Museu Sacaca, o mesmo que leva o nome ou apelido de um negro cuja contribuição foi ímpar no desenvolvimento cultural dessa sociedade.

Vimos nos capítulos anteriores que o Museu Sacaca possui uma exposição a céu aberto, que no ano de 2023 estará completando 21 anos de existência. Ela possui 21 mil metros quadrados distribuídos em várias ambientações ou exposições com referências aos povos originários da Amazônia Amapaense, porém, o que nos chama a atenção é porque, após todos esses relatos de contribuições supracitados sobre as culturas e as tradições dos negros na região amapaense, até hoje não foi construída uma ambientação ou casa de exposições que fizesse referência às comunidades negras do estado, qual a razão para esse apagamento do negro em um dos principais museus da cidade de Macapá, capitado do estado do Amapá?

Essa incógnita é o que justamente justifica essa obra, pois no decorrer da pesquisa busquei compreender o motivo pelo qual isso ocorre. Seria algum tipo de discriminação dos gestores? Seria falta de pesquisadores e pesquisas que relatem sobre a contribuição do negro na Amazônia Amapaense? Seria algum tipo de preconceito direcionado às comunidades negras? Seria algum tipo de discriminação religiosa, em se tratando das religiões de matriz africana?

Porém, para darmos mais força às contribuições dos negros no Estado do Amapá, pensou-se em enfatizá-los um pouco mais, dialogando com alguns autores que pesquisam sobre esse assunto e suas contribuições acadêmicas para o mundo. São textos e pesquisas realizadas a partir do projeto de desenvolvimento econômico e urbanístico da cidade, onde a comunidade negra teve sua parcela de contribuição, trazendo para o Amapá suas culturas que aqui se misturam com as dos europeus, formatando o que podemos chamar de cultura Amapaense.

No texto de Elivaldo Serrão Custódio, de título: A Presença Negra no Amapá: Discursos, Tensões e Racismo, podemos perceber como o negro participou da criação do Território Federal do Amapá, principalmente com a chegada do Capitão Janary Gentil Nunes<sup>21</sup>, que seu advento tinha por finalidade governar e providenciar o desenvolvimento

---

<sup>21</sup> Janary Gentil Nunes foi um militar e político brasileiro, indicado como primeiro governador do Amapá pelo presidente Getúlio Vargas.

da região a mando do então presidente da república, Getúlio Vargas<sup>22</sup>.

Em 1944, com a chegada do capitão Janary no Amapá, gerou-se alguns conflitos, discursões e fortes procedimentos, julgamentos e discriminação contra a população negra que aqui residia, pois os planos do atual gestor da época era de gerar muitas transformações principalmente nas áreas econômicas, sociais, políticas e no desenvolvimento urbanístico, motivado seu projeto macro de povoar, sanear e educar toda a população do território do Amapá.

Segundo Paulo Dias Morais, os negros africanos chegaram ao Amapá em 1749. Nesta ocasião, os negros vieram fugidos de Belém e fundaram no Rio Anauerapucu um quilombo. Não demorou muito para os/as escravizados/as serem descobertos por caçadores de índios e por isso o quilombo foi abandonado. Ressalta o autor que os negros chegaram ao Amapá oficialmente no ano de 1751 através de Mendonça Furtado, então governador do Maranhão e Grão-Pará. (MORAIS, 2009, p. 01- 85).

Uma das atitudes de Janary bem conhecida na história de Macapá, ainda viva na memória da população, era o incômodo que o povo negro causava pela sua forte presença no centro da capital Macapá, devido as suas moradas, por isso, em uma decisão do então gestor, ele ordenou a mudança ou transferência daquela comunidade para lugares mais distantes do centro da cidade, excluindo-os para as periferias, originando novos bairros na cidade, hoje conhecidos como Bairro do Laguinho e Santa Rita, antiga Favela; onde geralmente podemos apreciar o marabaixo e toda a ritualística que o cerca. Segundo Alexsara de Souza Maciel, 2001.

Ainda que essa situação foce tão lamentável que apesar de algumas resistências iniciais (como por exemplo, transferi-los, segregá-los e excluí-los para a periferia de Macapá), o poder de convencimento dos líderes foi tamanho, que os negros não só se conformaram em deixar suas casas e partir para o lugar a eles destinado, como também desenvolver uma espécie de adoração à figura de Janary. A autora declara ainda que após o remanejamento da população e efetuada a construção dos dois bairros, tanto Laguinho quanto Favela (atual Santa Rita) ficaram reconhecidos na cidade como 'bairros de negros e negras', sendo identificados desta forma até os dias de hoje. (MACIEL, 2001, p.70).

Outro ponto de importância a ser lembrado é que no bairro do Laguinho foi instalada a União dos Negros do Amapá (UNA), um centro cultural composto por uma variedade de

---

<sup>22</sup> Getúlio Vargas, um dos grandes nomes da história recente do Brasil, foi militar, advogado e político. Tornou-se presidente do Brasil por meio da Revolução de 1930 e governou de maneira centralizadora, sendo forçado a renunciar quinze anos depois de ter assumido. Acabou cometendo suicídio, em 1954, durante uma intensa crise política.

atividades como: exposições, espetáculos, palestras, seminários, apresentações artísticas. Seu melhor e mais visitado evento é o encontro dos tambores, quando se dar ênfase às religiões dematriz africanas cultuadas no estado, a exemplo do Candomblé, Tambor de Mina e a Umbanda, sendo um dos momentos onde se visualiza a demonstração e a capacidade populacional dos negros que lutam pela resistência.

Embora muitas vezes criticada por sua atuação que, nem sempre, atende as expectativas de muitos, a UNA desempenha um papel preponderante na reconstrução da identidade do negro amapaense. É também na UNA, que as comunidades afrodescendentes da capital e do interior do Amapá se encontram para celebrar o Dia Nacional da Consciência Negra, no dia 20 de novembro. (CUSTÓDIO, 2016, p. 70).

Porém, esse fato só nos lembra que desde essa época o negro e as comunidades africanas já eram discriminadas, excluídas e já sofriam um processo de invisibilidade como ocorre no Museu Sacaca.

A partir da chegada de padres italianos no Estado, houve um grande movimento repressivo das manifestações culturais africanas. Entretanto, a invisibilidade dos negros no Amapá, não se resume somente aos aspectos físicos. Ela também se manifesta em termos simbólicos. No âmbito educacional, essa invisibilidade ganha corpo e forma nas ausências e critérios do negro nos currículos escolares e nos discursos distantes da prática. (CUSTÓDIO, 2016, p. 65).

Diante disso, podemos dizer que apesar de todos os fatos supracitados, o Brasil e o Amapá têm a presença, muito forte, do negro africano no seu desenvolvimento social. Isso é uma característica ímpar para uma formação cultural diversificada e muito rica na sua pluralidade de seguimentos, por isso os negros precisam ser mais valorizados, respeitados, menos discriminados e rejeitados, pois têm a sua contribuição expressiva na identidade da população amapaense e na identificação étnica racial brasileira.

No entendimento de Eugenia Foste (2004, p.185), as questões étnico-raciais “[...] Implica num movimento um pouco mais amplo: o da compreensão de alguns aspectos da questão racial na sociedade amapaense, englobando os processos de resgate e ressignificação das memórias dos negros dessa região e da própria história do negro na região amazônica”.

Continuando com a tese do projeto do governador Janary, que tentava de todos os modos colonizar as terra amapaenses da melhor forma possível, pois precisava mostrar excelentes resultados a Getúlio Varga, o então capitão decidiu trazer para as terras tucujus<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Grupo indígena, hoje considerado extinto, que habitava nas margens do rio Jari e junto à foz do rio Oiapoque.

várias famílias de europeus portugueses que já residiam no território de Açores<sup>24</sup> Com a chegada desse agrupamento, vieram consigo os seus escravos, aumentando ainda mais a população de negros escravizados.

Todavia, as terras amapaenses também receberam migrações de outros estados brasileiros. Chegaram por aqui famílias de cariocas, pernambucanos, baianos, maranhenses e outros que em suas bagagens vieram acompanhados de uma grande multidão de escravos.

Nesse sentido, é importante enfatizar Custódio, quando ele diz que “Outro acontecimento foi necessário para a inserção de mais escravizados/as no Amapá: a transferência de 163 famílias portuguesas que foram instaladas na Nova Mazagão e com essas famílias vieram 103 escravos”. (Custódio, 2016, pg. 65-79)

Segundo Edinaldo Pinheiro Nunes Filho, com o advento das Vilas de Macapá, assim como de Mazagão e Vistosa de Madre de Deus, houve uma migração significativano século XVIII e os primeiros escravizados/as africanos/as chegaram ao Amapá com o surgimento do Tratado de Utrecht<sup>23</sup> Esses africanos vieram de várias regiões do Brasil e das Guianas fugidos da escravidão, sendo que foi através dos ameríndios locais que eles instalaram-se na região Norte e no Amapá formando vários quilombos. (CUSTÓDIO, 2016, p. 68/69).

Informações extraídas da Secretaria de Estado da Educação do Amapá – SEED, consta a existência de cerca de mais de trinta quilombos distribuídos em todo o estado, são eles: Curiaú, Mel da Pedreira, Ilha Redonda, Igarapé do Lago, São Pedro dos Bois e outros. Observando as alterações sucedidas em Macapá, Alexsara de Souza Maciel (2001) diz que: “O longo período de domínio político de Janary Nunes no Amapá, de 1943 a 1970, foi determinante “para introjetar essa ‘divisão étnica’ como natural”. Contribuindo ainda mais com a discriminação sofrida pelo povo negro. Todavia, não houve desistência dos negros em galgarem uma vida melhor para todos e uma forma de se manifestarem através da resistência foi através do Marabaixo.

Destacamos que o Marabaixo foi usado no período deste governo e ainda hoje, como símbolo de resistência, indignação e insatisfação da população negra diante das públicas discriminatórias para com a população negra no Estado. Vale ressaltar que a comunidade negra que habitava na frente da cidade de Macapá compartilhava sua fé, alegria e solidariedade nas festas de Marabaixo. (CUSTÓDIO, 2016, p. 71).

Como já foi muito bem trabalhado o Marabaixo no capítulo anterior, afirmamos que

---

<sup>24</sup> Açores, um território autônomo de Portugal, é um arquipélago no meio do Oceano Atlântico. As ilhas se caracterizam pelas paisagens impressionantes, pelas vilas de pescadores, pelos campos verdes.

essa manifestação popular é de descendentes Afro-amapaenses da região, surgindo com as diferenças de cada etnia que chegaram no Amapá, por isso percebe-se um entrelaçamento entre ritmos, religião e memórias passadas, trazidas da África e que desembarcaram no estado com muito orgulho, resistência e determinação. A ritualística tomou uma proporção grandiosa que desencadeando parte de uma variação de festas do catolicismo popular, principalmente a algumas comunidades das áreas centrais da capital Macapá e do município de Santana.

Acreditamos que a presença do negro e da negra na formação social do Brasil foi decisiva para dotar a cultura brasileira dum patrimônio mágico-religioso, pois entendemos que os cultos trazidos pelos africanos e africanas deram origem a uma variedade de manifestações que aqui encontraram conformação específica através de uma multiplicidade sincrética que resultou do encontro das matrizes negras com o catolicismo do branco, bem como do encontro das religiões indígenas e posteriormente com o espiritismo kardecista. (PRANDI, 1995, pg. 113-129).

É difícil você chegar em Macapá e não ouvir falar do Marabaixo, mas de onde surgiu e porquê desse nome? Segundo as pesquisas de (Piedade Lino Videira, 2009) “os depoimentos deixam claro que pouco se sabe a respeito de sua origem, muito embora possa lembrar a penosa travessia dos africanos nas naus escravistas mar – a baixo, daí havendo a aglutinação entre as sílabas e originando-se a palavra Marabaixo”.

Em outro município do estado, podemos perceber com veemência a presença do negro, pois lá podemos dizer que foi o berço, onde a princípio tudo iniciou com chegada dos Africanos no Amapá. Neste município, chamado de Mazagão, além do tradicional Marabaixo e Batuque, também podemos apreciar outra manifestação popular da cultura Afro Amapaense, que é a Festa de São Tiago, representada de uma forma teatral, com a batalha entre os mouros e os cristãos.

Discutiremos essas questões a partir do exemplo de uma vila situada a aproximadamente sessenta quilômetros de Macapá, capital do Amapá, que é considerada por todos (representantes das instituições, dos movimentos sociais, etc.) como o “berço da cultura” amapaense: o lugar onde elementos “de fora” sedimentaram-se, formando uma “cultura própria” que depois se irradiou por todo o Estado. Na verdade, esse “berço” é duplo. De fato, Mazagão Velho remonta sua ascendência a duas genealogias distintas reunidas pela história da colonização da Amazônia. Por um lado, é de conhecimento geral que a fundação da vila data da vinda dos Portugueses no século XVIII e que a celebração da festa de São Tiago começou nessa época. Por outro lado, a vila aparece como o lugar através do qual os negros afirmaram sua presença no Estado, trazendo com eles a dança do marabaixo. (BOYER, 2088, pg. 11-29).

Esse município, que a alguns séculos atrás chamávamos de vila, era um aldeamento

indígena, que com a colonização foi tomado por famílias portuguesa principalmente da coroa, que chegavam no Amapá por serem pressionadas pelos Mouros a se retirarem da margem do Marrocos. Com o domínio das terras amazônicas eram parte de Portugal, vislumbrava-se a distribuição das famílias para as áreas não habitadas com intuito de marcar territórios e povoar cada vez mais os espaços amazônicos e, com isso, tomar conta de toda região.

A história de Mazagão começa há mais de três séculos do outro lado do oceano Atlântico, quando, em 1769, a Coroa portuguesa resolve, sob a pressão dos Mouros, retirar-se da costa marroquina. Toma-se então a decisão de mandar as 436 famílias da fortaleza de Mazagão para a Amazônia, que estava sendo colonizada. Entre 1770 e 1776, após demoradas etapas em Lisboa e em Belém do Pará em que se perde quase um quarto do contingente inicial, 313 destas famílias, com os escravos recebidos na capital do Grão-Pará no lugar de soldados, chegam ao lugar onde esperam fundar a Mazagão americana. O propósito desse deslocamento de população é, portanto, ocupar uma região ainda virgem da presença portuguesa, seja com o deslocamento de índios, seja com a transplantação de colonos. O local escolhido reflete esses dois aspectos da colonização: a construção da vila é planejada onde já havia um aldeamento indígena. Aliás, o arquiteto Sambucetti desenha a planta do Mazagão depois de fazer um mapa topográfico e um levantamento do povoado de Santa Anna. Substituindo habitantes indígenas por soldados portugueses, a coroa entende, de forma patente, consolidar a sua posição frente à cobiça territorial de outras potências. (VIDAL, 2005).

Os diálogos estimulam-nos a compreender as manifestações populares apresentadas pelas comunidades negra, que fazem parte do estado e seus bens materiais e imateriais, trazendo consigo uma especificidade de símbolos que compõem o jargão cultural local, exemplo disso é justamente a festa de São Tiago, que para muitos é a comemoração cultural popular mais antiga e a maior existente dentro do Amapá. Por outro lado, devido toda a sua mistura de cores, religiosidade e simbolismo, o Marabaixo tem a sua marca presente dentro das comunidades e dos eventos que são proporcionados por elas, pela prefeitura do local, junto com a parceria dos Gestores Governamentais.

Alguns depoimentos, enfatizando o fato da grande maioria dos negros ter vindo do Marrocos já “libertos”, parecem creditar essa hipótese de uma definição de si por identificação ao modelo do português. Com efeito, com esta suposta liberdade, os primeiros negros africanos que trouxeram o marabaixo ao Mazagão Velho encontram-se em pé de igualdade com os desbravadores portugueses que implantaram a festa de São Tiago. À diferença do índio que, apesar de livre, é associado ao “selvagem”, o negro, embora descendente de escravos, é considerado “civilizado”. É portanto possível situar-se na genealogia que representa. (BOYER, 2008, pg. 24).

Com o foco na questão dos negros, algumas contribuições aparecem com a presença dos indígenas, cujas características culturais estão presentes em Mazagão, juntamente com

os predicados dos portugueses que se dizem fundadores do local, e a presença fortíssima da ancestralidade negra, assim podemos perceber uma mistura de raças, etnias e cores que se ligam ou entrelaçam na história e memória.

Hoje em dia, boa parte da população se declara descendente dos africanos que chegaram junto com os portugueses. Os habitantes ligam portanto sua história, antes de mais nada, àquela dos negros, escravos ou não, que não tiveram a opção de fugir das epidemias mencionadas acima, permanecendo no lugar. Sabem que os portugueses pobres compartilharam esse destino, mas enfatizam o fato de que acabaram “se misturando”, como se no decorrer das uniões o negro tivesse “absorvido” o branco. Sustentam, por outro lado, que certos negros conseguiram escapar das doenças, encontrando-se na origem das vilas próximas, algumas sendo fundadas como quilombos. Com essa narrativa, fortalecida com a crença de que o Marrocos é povoado de gente de pele escura, pois está na África, o Mazagão Velho firma-se como vila negra e coloca-se na origem dos lugarejos vizinhos. (VIDAL, 2005, pg. 16/17).

No entanto, esse é outro fato que marca a presença do negro na história e na memória do amapaense, pois foi no século XVIII que iniciou a construção da Fortaleza de São José de Macapá pelas mãos dos negros e indígenas escravizados, porém, como os indígenas não estavam acostumados com o trabalho pesado e forçado, logo foram descartados, e os escravos negros colocaram em pé o maior e mais belo forte da região Norte.

Com a construção da Fortaleza de São José em Macapá, capital do Estado, presença negra e da negra era constante. De acordo com os estudos de Fernando Rodrigues dos Santos, os registros do ano de 1788, afirmam que cerca de 750 escravos trabalhavam na obra. Como a construção do Forte, iniciado em 1764, estes escravizados/as apresentados no registro, eram remanescentes dos trabalhos da fortificação, pois nos dezoito anos que pereceu a construção do Forte muitos negros e negras foram tratados/as de forma cruel e bruta por aqueles que estavam à frente da construção. O autor ressalta que muitos escravizados/as não aceitavam a escravidão, principalmente por causa dos maus tratos e por isso fugiam para lugares bem distantes. (CUSTÓDIO, 2016, p. 69).

Quando esses fugiam, eram formados os quilombos, o mais apreciado pela população amapaense e visitado pelos turistas que chegam na capital Macapá é o quilombo do Curiaú, pelo seu distanciamento do centro da cidade, que é relativamente perto, e pela sua deslumbrante paisagem natural, que mistura a natureza com seus diversos biomas e a cultura remanescente dos ancestrais de negros escravizados.

Cabe lembrarmos neste momento que segundo Eugenia da Luz Silva Foster, a Fortaleza de São José guarda lugares sinistros que confirmam violências e até assassinatos dos negros. Acreditamos que com base em depoimentos orais e alguns escritos<sup>14</sup>, possa ter havido casos em que os senhores por falta de herdeiros tenham deixado seus bens e/ou terras para antigos escravizados/as, como por exemplo, o Quilombo do Curiaú localizado a 08 km do centro do município de Macapá-AP. (CUSTÓDIO, 2016, p. 69).

Por todos esses fatores e outros ainda muito presentes na história do Amapá e sua capital Macapá, é que percebemos que não é só o Museu Sacaca que tem a característica de não enfatizar, como se deveria, a presença do negro na história, memória e cultura do estado. Em seu Totem das etnias, em que sua base tem formato de duas mãos com os dedos entrelaçados representando a união dos povos, e em seu corpo, podemos apreciar altos relevos simbolizando os povos da Amazônia Amapaense. Em sua exposição a céu aberto, podemos visitar várias ambientações como a Casa dos Ribeirinhos, Casa das Parteiras, Casa da Farinha, Casa do Castanheiro e três casa indígenas. Como se vê, **não se tem no espaço nem uma casa que faça referência à cultura do negro no estado, a exemplo uma casa do quilombo.**

Segundo Eugenia da Luz Silva Foster, a invisibilidade dos negros e negras no Amapá, não se resume somente aos aspectos físicos. Ela também se manifesta em termos simbólicos. A autora acredita que principalmente, no âmbito educacional, essa invisibilidade ganha corpo e forma nas ausências e critérios do negro e negras nos currículos escolares, nos discursos distantes da prática que, via de regra, deixam entrever posições dúbias e até contraditórias, nas atitudes sutis de discriminação racial, ainda que se deva reconhecer os esforços que pretendem dar mais visibilidade aos negros, ainda que essas iniciativas estejam restritas aos aspectos mais específicos das manifestações culturais. (CUSTÓDIO, 2016. p. 72).

O Museu Sacaca é um ponto de partida na difusão das pesquisas científicas, tecnológicas e culturais do Amapá, tendo em vista essa peculiaridade e esse poder que o museu tem por receber anualmente mais de 60.000,00 (Sessenta Mil) visitantes, entre turistas de todas as partes do mundo, visitantes locais, pesquisadores e alunos de escolas particulares, privadas e universitários, esperava-se um trabalho de exposição fixo e contínuo com o intuito de retratar um pouco mais a história do negro amapaense, ajudando no combate à intolerância, ao racismo e até mesmo ao preconceito religioso que afetam as religiões de Matriz Africana por falta de conhecimento sobre o assunto.

Observamos que o preconceito está inserido na sociedade brasileira através do cotidiano dos indivíduos, sendo altamente prejudicial para a população negra, tanto nas relações sociais (família, escola, bairro, trabalho e etc.) quanto nos meios de comunicação. O preconceito é um fator importante para a expansão da discriminação étnica, visto que um indivíduo preconceituoso racialmente, não aceita de maneira positiva o contato com negros e negras na vida social. (CUSTÓDIO, 2016, p. 76).

Pensando neste modelo de combate ao racismo e contra o negro no geral, pensa-se queo Museu Sacaca também possa ter uma grande parcela de contribuição na difusão da cultura afro ameríndia, sendo assim, a questões indígenas já estão evidenciadas, maso a do

negro não. Porém, questões institucionais podem estar agindo contra esse objetivo, dificultando na progressão de atividades expositivas que ênfase na questão do negro neste local.

Frente a isso, afirmo a ideia e contribuição com essa instituição de que em um futuro bem próximo possa erguer em seu espaço uma ambientação. Considerando essa possibilidade, sugiro uma casa dando referências aos quilombos estaduais existentes na região (Casa do Quilombo), na qual seja exposto acervos com referências às culturas e tradições dos negros.

Dentro dessa nova ambientação pode haver elementos ou acervos que explanem um pouco da história e da trajetória do negro no Amapá, bem como elementos que façam referências às religiões de matriz africana, além do marabaixo, o batuque, a capoeira ou identificações dos próprios quilombos, assim como outros aspectos que fazem parte da diáspora negra africana amapaense.

Penso que com essa ação se estaria atingindo com mais firmeza os objetivos do Museu Sacaca em proporcionar aos visitantes experiências mais completas com a cultura dos povos tradicionais da Amazônia Amapaense, de forma a levar conhecimentos científicos sobre tais lembranças, que fazem parte história e memória de um povo.

Sugiro aos pesquisadores que abraçarem esta causa a necessidade de realizarem viagens técnicas ao quilombos existentes no estado, para averiguarem as arquiteturas das casas, ou procurarem os órgãos que dialogam com a temática afro, ou mesmo a Universidade Federal do Estado do Amapá – UNIFAP, a fim de adquirirem informações precisas sobre a construção e a história do negro no Amapá. As visitas ou viagens também são necessárias para que depois possam compilar todas essas informações, pois servirão de instrumentos de estudos para funcionários e guias do museu, contribuindo com o diálogo entre eles e os visitantes, turistas, pesquisadores e estudantes que pesquisem a temática.

Em um espaço de 21 mil metros quadrados que existe no Museu Sacaca não será difícil de encontrar um ponto acessível que possa receber essa nova ambientação, por meio da qual será difundido os aspectos culturais do povo negro amapaense. Como forma de indicação, propomos ao diretor presidente do IEPA, à coordenação do Museu Sacaca, pesquisadores, funcionários e ao gerente do Núcleo de Museologia, que a melhor proposta

emconstruir essa ambientação é em frente à Casa Palikur, pois ali se terá uma junção do afro e do ameríndio da Amazônia Amapaense.

Figura 33- Proposta de Espaço Para a Construção da Casa do Quilombo



Fonte: Acervo do autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a exposição de ausências existente no museu sacaca quando se refere à cultura negra no amapá, pois, ao entrar nesse ambiente, que muito se explana sobre as questões culturais e tradicionais quando o assunto é a Amazônia Amapaense, percebemos a falta de algo que desse mais ênfase à história e memória do negro, que tanto contribuiu e contribui para a cultura do Amapá. Pretende-se que esta dissertação colabore para estudos posteriores sobre o próprio Museu Sacaca, para funcionários e a comunidade em geral, na medida em que abordamos não só a questão da ausência do negro no espaço museal, mas também a história, memória, racismo, intolerância religiosa, um pouco da trajetória do negro no Amapá e suas contribuições.

Buscamos mostrar o Museu Sacaca e contar sua história, assim como apresentá-lo de uma forma didática as exposições do espaço a céu aberto. Como existe uma grande rotatividade de funcionários naquele ambiente, os novos sempre precisarão estudar e ter as informações adequadas para conseguir atingir o objetivo do museu, que é a difusão dos conteúdos de pesquisas proporcionados pelo IEPA e pelo próprio Museu Sacaca.

Com isso, foi possível responder ao questionamento levantado anteriormente, qual seja: Por que, no Museu Sacaca, não há nenhum tipo de ambiente ou ambientação no sentido de propagar as expressões da cultura do povo negro e sua história no estado? Com base nesta pesquisa, isso ocorre devido à falta de pesquisadores, projetos e pesquisas que trabalhem esse tipo de tema dentro da instituição, apesar da Exposição a Céu Aberto ter todas as características para possuir um ambiente desse tipo, como a Casa do Quilombo, para explicar os conteúdos referentes o negro no estado.

Portanto, entende-se que existe essa falha no que se refere à falta de um ambiente exclusivo (“Casa”) através do qual se reporte às questões da história, memória, a chegada, as contribuições culturais e as religiões do negro dentro da exposição a céu aberto do Museu Sacaca na capital Macapá.

Essa invisibilidade é causada por falta de pesquisadores de dentro do museu que abracem os conceitos culturais do negro existentes no Amapá, pois pelo fato do Museu Saca está totalmente ligado ao IEPA, que, por outro lado, tem por finalidade a pesquisa científica e tecnológica, não se dá a determinada atenção às questões culturais negras

existentes na região.

Nesse sentido, os conteúdos culturais ou as pesquisas referentes às questões negras não são destinadas ao museu. Todavia, como o ambiente não possui pesquisadores efetivos que abracem a questão da cultura negra do estado, torna-se difícil de erguer com fundamentos teóricos e científicos um ambiente capaz de proporcionar ao visitante um conhecimento mais aprofundado sobre a diáspora cultural negra.

A população amapaense precisa conhecer melhor sobre as contribuições que o negro trouxe e traz para a sua região. Contudo, podemos perceber alguns trabalhos expositivos que são realizados pelo Núcleo de Museologia em algumas datas que fazem referência ao povo negro, como no Dia da Consciência Negra, que ocorre todo ano no mês de novembro. Porém, essas exposições são temporárias e de curto período, desse modo, logo elas são retiradas das trilhas de visitação, perdendo força na contribuição histórica que o negro traz para o Amapá.

Por isso, como dito acima, espera-se que esta dissertação seja utilizada por profissionais de várias áreas do conhecimento como forma de auxiliar na construção de novas ideias e projetos que façam referência às questões do negro no estado e no próprio Museu Sacaca, facilitando e melhorando as questões técnicas dessas temáticas vislumbrando que em um futuro bem próximo a ideia de se construir uma Casa Quilombola dentro do museu seja abraçada por um pesquisador ou até mesmo pela diretoria do instituto.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. Decreto nº 0181/1991. Dispõe sobre a criação do Instituto de Estudos e Pesquisas do Amapá. Macapá, 1991.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5672/1997. Dispõe sobre a competência do IEPA. Macapá, 1997.

\_\_\_\_\_. Estatuto do IEPA, Decreto Nº 1333 de 11 de Abril de 2017. Aprova o estatuto de instituto de pesquisas científicas e tecnológicas do estado do Amapá, e dá outras providências. Macapá, 2017.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a Arte de Inventar o Passado. Ensaio de Teoria da História*. Bauru: Edusc, 2007, p. 207.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e Mudança Social*. Petrópolis, RJ: Vozes: Petrópolis; Rio de Janeiro: KOINONIA, 2003.

BOYER: *Passado Português, Presente Negro e Invisibilidade Ameríndia: O Caso de Mazagão Velho, Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 28 (2) : 11-29, 2008.

BURKE, Peter. *Varieties of Historical Culture*. Rio de Janeiro: *Civilização brasileira*, 2000.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

CHARTIER, Roger. *A Visão do Historiador Modernista*. 1992. In: AMADO Janaína e FERREIRA Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral* coordenadoras. - 8. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

CHARTIER, Roger. *A história ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COUTO, Mia. *Pensar Tempos: Textos de Opinião*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

CUNHA, Marcelo. Museus, Memórias e Culturas Afro-Brasileiras. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, n. 5, p. 1-11, setembro, 2017. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/4e6f109d/d1c0/4350/953c/c36cbae0f9fc.pdf>. Acesso em: 08 de outubro de 2019.

CURTIN, P.D. Tendências Recentes das Pesquisas Históricas Africanas e Contribuição à História em Geral. In. editado por Joseph Ki -Zerbo. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África – 2.ed. Rev.* Brasília: UNESCO, 2010.

CUSTÓDIO, E. S. A Presença Negra no Amapá: Discursos, Tensões e Racismo. São Leopoldo, v. 21 n. 1, p. 65-79, jan-jun, 2016. Disponível em: <http://periodicos.est.educ.br/identidade>. Acesso em: 07 de novembro de 2022.

DIAGNE, P. História e Língua: Teoria Relativa às “Raças” e História da África.

In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África, 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.

DIEHL, Astor Antonio. *Cultura Historiográfica: Memória, Identidade e Representação*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DOMINGOS, Marília de F. Neto. *Escola e Laicidade: o Modelo Francês*, 2008. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6714>. Acesso em 25 de Setembro, 2019.

DUARTE, Iana. *Os Palikur, Casas e Memórias: Vivências no Museu Sacaca*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Fronteira), Universidade Federal do Amapá. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteiras. Macapá, 2021.

DUARTE, Iana Keila Lima dos Santos. *Caderno Pedagógico/Os Palikur, Casas e Memórias: Vivências no Museu Sacaca*. Tese (Mestrado em Estudos de Fronteira), Universidade Federal do Amapá. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteiras. Macapá, 2021.

FERREIRA, Núbia Soraya de Almeida. *Museu Sacaca: Avanços e Desafios Frente à Política Cultural de Museus do Estado do Amapá*. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas), Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Fortaleza, 2010.

FOSTER, Eugénia Luz da Silva. *Racismo e Movimentos Instituintes na Escola*. Niterói: 2004, 398f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Fluminense, Rio de Janeiro, 2004.

FOSTER, Eugénia Luz da Silva. 14 Sobre esse assunto, conferir Sebastião Menezes da Silva. *Curiaú: Resistência de um Povo*. Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

IBRAM. Museus, Memórias e Culturas Afro-Brasileiras. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, nº5, setembro 2017. Disponível em: Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. Projeto Museológico do Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável. Macapá: IEPA, 2000.

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus, *O Que é Museu*. 2011. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/o-que-e-museu>. Acesso em: 29/12/20.

ICOM- Internacional Conselho de Museus. *Conceito de Museu*. Disponível em: <http://www.icom.org.br/?s=conceito+de+museu>. Acesso em 29/12/20.

JANAÍNA Amado e Ferreira; Marieta de Moraes. *Usos & Abusos da História Oral*, 8. ed.

Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

JAMESON, Fredric. *As Marcas do Visível*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

OLIVEIRA, Paulo Anchieta B. de.; VIEIRA, Valter dos Santos. Visita Etnográfica ao Museu Sacaca: Uma Viagem às Fronteiras dos Saberes Culturais Afro-Ameríndios na Amazônia Amapaense. In: SALHEB. Gleidson, José M.; REIS, Marcos Vinicius de Freitas; JUNQUEIRA, Sérgio. (Org.) *Amapá Uma Experiência Afro-Brasileira* – Rio Branco: Nepan Editora, 2022, p. 186-207.

MACIEL, Alexsara de Souza. *Conversa de Amarra Preto: A Trajetória Histórica da União dos Negros do Amapá, 1986-2000*. Dissertação (Mestrado Apresentado ao Departamento de História). Universidade Estadual de Campinas / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP, 2001.

MORIN, Edgar - *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, 3a. ed. Brasília: Cortez, DF: UNESCO, 2001.

MORAIS, Paulo Dias. *História do Amapá: O Passado é o Espelho do Presente*. Macapá: JM Editora Gráfica, 2009, p. 01-85.

OLIVEIRA, Irene Dias de. *Religião e as teias do Multiculturalismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.

POULOT Dominique; Guilherme João de Freitas Teixeira (tradução). *Uma História do Patrimônio no Ocidente*. Presses Universitaires de France, 2006.

PRANDI, Reginaldo. *Raça e Religião*. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 42, julho de 1995, p. 113-129.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Tentação do Tempo: A Máquina Museológica na Fabricação do Passado*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2016, 128 p. 21.

RIBEIRO, Wesley dos Santos. *Intolerância Religiosa e Violência Frente às Práticas Religiosas no Brasil, no Século XXI* (manuscrito), 2016, p. 192. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/macapa/pesquisa/23/22107?detalhes=true>. Acesso em 24 de setembro de 2019.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte:UFMG, 2007.

SANTOS, Fernando Rodrigues dos. *História do Amapá*. 5. ed. Macapá: Valcan, 1998.

SILVA, Wilton C. L; CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Buenos Aires: Ediciones Del

Sol, 2008, 208 p.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1994

SOUSA, Bertone de Oliveira. A Memória como Elemento da Construção de uma Identidade Cultural. In: Anais do I congresso Nacional e II Regional de História da UFG, Jataí, 2008.

TODOROV, Tabetan. *Memória do Mal, Tentação do Bem: Indagações Sobre o Século XX*. São Paulo: Arx, 2002, p. 207.

VANSINA, J. A Tradição Oral e sua Metodologia. In. editado por Joseph Ki -Zerbo. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. 992 p.

VIDAL, Laurent. *Mazagão, la ville qui traversa l'Atlantique: du Maroc à l'Amazonie (1769- 1783)*. Paris: Aubier, 2005.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, Dança Afrodescendente: Significando a Identidade Étnica do Negro Amapaense*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 99.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Batuques, Folias e Ladainhas: A Cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e Sua Educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

VINOS, Sofka. A Pesquisa no Museu e Sobre o Museu: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST; 2009.